Abrir portas onde se erguem muros

Director: David Pontes **Sábado, 3 de Agosto de 2024** • Ano XXXV • n.º 12.511 • Diário • Ed. Porto • Assinaturas 808 200 095 • **2€**



Diário de um cientista
Jogos letais: quando os predadores se caçam uns aos outros
P2 Verão, 38/39



Documentário
Elizabeth Taylor, retrato de um ícone nas suas palavras
Cultura, 26/27

Público

MIGUEL MANSO

Banco caiu há dez anos
As lições que aprendemos uma década após o colapso do BES
Destaque, 4/5 e Editorial

Número de doutorados cresceu 73% numa década e ultrapassou os 43 mil

Entre 2012 e 2023, o número de doutorados em Portugal aumentou 73%, um crescimento que é atribuído à subida do número de estudantes no ensino superior e à pressão crescente para se obter qualificações avançadas para se manter a competitividade no mercado de trabalho. As mulheres representam 51% dos doutorados e a maioria trabalha em universidades, mas há um aumento no sector empresarial. A falta de valorização do "capital escolar" e a emigração qualificada são desafios, apesar de melhorias nalguns sectores Sociedade, 14

Salas devem milhões
Dívida crescente leva Estado a cessar contratos com bingos
Sociedade, 13

Cinco anos depois
Plano para pôr portugueses a pedalar ainda marca passo
Local, 16/17

Viagem pelo Algarve
Silves, dos dias medievais aos passeios entre o mar e a serra
Fugas

Urgências fechadas
Falta de médicos envia grávidas de Leiria para partos no Porto
Sociedade, 15

Época arranca hoje
Sporting nunca falhou contra FC Porto na Supertaça
Desporto, 35

ISNN-0872-1556

Página dois

SEMANA SIM



Patrícia Sampaio
A atleta portuguesa conseguiu o terceiro lugar nos Jogos que decorrem em Paris e a primeira medalha para Portugal nestes Olímpicos. Aos jornalistas disse: "Isto parece tudo um sonho."



Simone Biles
A ginasta americana conseguiu o sexto ouro olímpico e alcançou vários recordes na modalidade. A ginasta de 27 anos mostrou ainda que a superação mental acontece mesmo depois de ir ao fundo.



Joe Biden
A maior troca de prisioneiros desde a Guerra Fria deu-se em solo turco. Biden falou de um feito de "diplomacia e de amizade" e viu aqui um "exemplo poderoso" da importância de ter amigos no mundo.



Dalila Rodrigues
O Ministério da Cultura mudou a regra de acesso grátis a museus e monumentos para 52 dias por ano para cidadãos nacionais e residentes. Uma flexibilização da regra actual que restringia esta vantagem a domingos e feriados.

SEMANA NÃO



Paulo Raimundo
O PCP ficou isolado em Portugal ao criticar "as manobras de ingerência" nos resultados na Venezuela. A vitória de Maduro gerou dúvidas pelo mundo e até os parceiros vizinhos foram renitentes no apoio.



Masoud Pezeshkian
O Irão não conseguiu garantir a segurança e evitar a morte de um dirigente do Hamas no seu território, contribuindo assim para o alargamento do conflito.

Por Marta Moitinho Oliveira

INQUÉRITO PÚBLICO


NELSON GARRIDO

Turismo: "Precisamos de acção política para acabar com o deslumbramento"

Sofia Neves

José Rio Fernandes

Geógrafo diz que país está a colher ter olhado para o turismo como "a resolução" dos seus problemas

José Rio Fernandes, investigador, geógrafo e presidente da Associação Portuguesa de Geógrafos, diz que já atingimos valores excessivos em algumas zonas portuguesas, principalmente em redor do Porto e de Lisboa.

Os indicadores anuais mais recentes sugerem que o turismo em Portugal continua a crescer. Já atingimos um ponto em que precisamos de restrições ao turismo em algumas cidades?
O turismo cresce a nível nacional, mas cresce particularmente em alguns lugares, e essa questão de ter atingido o seu expoente máximo coloca-se em alguns sítios. Tendo em conta alguns efeitos que o turismo começa a ter, acho que já atingiu valores excessivos — por exemplo, no centro da cidade de Lisboa e do Porto, assim como outros lugares, que já passaram a ser quase só destinos turísticos, como Óbidos ou Monsaraz.

Os crescentes protestos populares em zonas de grande intensidade turística — como Barcelona, Málaga e até Sintra — mostram que o excesso de turismo é mesmo um problema grave para quem vive nestas cidades. Acredita que este tipo de protestos se vai multiplicar por outras cidades europeias?
Há um claro conflito entre aqueles que visitam e os residentes. Do ponto de vista da economia nacional, continua-se a valorizar a entrada de turistas e a fazer campanhas de marketing para aumentar o número de visitantes. Também à escala municipal parece ter-se valorizado o aumento do emprego na hotelaria, na restauração, alguma animação do comércio, e não se tem estado atento à hipervalorização do imobiliário, à dificuldade do alojamento, a alguns efeitos na circulação pedonal. Os restaurantes passaram a ser espaços de consumo quase só de estrangeiros. O residente da cidade sente-se como se estivesse num outro país. Isto leva a uma perda de carácter, de identidade das pessoas com os seus lugares, um desenraizamento, um sentimento de afastamento.

Por sua vez, isso leva a conflitos entre residentes e turistas. As cidades sempre foram lugares de encontro, abertos, onde houve residentes e visitantes. A questão que se coloca hoje em dia tem que ver com o excesso. O excesso é difícil de quantificar, mas sabemos que existe pelas manifestações das pessoas, pela dificuldade em aceder ao centro das cidades e aos seus serviços. Há claramente sinais de excesso e julgo que há necessidade de acção política, que passa por acabar com o deslumbramento pelo turismo. Durante demasiado tempo, houve um deslumbramento pelo turismo em Portugal. Olhava-se para o turismo como a resolução de todos os nossos problemas.

Ao mesmo tempo, quando o turismo tropeça, como aconteceu em 2020 e 2021, a economia portuguesa sofre. Como é que se alcança um equilíbrio?
A pandemia da covid-19 devia ter feito os decisores políticos olhar de perto para o modelo de desenvolvimento de Portugal. Também autarcas, particularmente de Lisboa e Porto, deviam pensar que este modelo assente no turismo é frágil, porque pode existir outra pandemia, as cidades portuguesas podem deixar de estar na moda, pode deixar de existir aviação, pode haver um atentado terrorista em Portugal.

Por qualquer motivo, o turismo pode diminuir rapidamente e toda a economia portuguesa fica numa situação muito complicada. O modelo económico assente no turismo não é particularmente resiliente, nem interessante, porque muitos dos empregos criados são mal remunerados, muitas das empresas ligadas ao turismo não são empresas portuguesas. Aquilo que se aconselharia seria um modelo menos assente no turismo. Sou particularmente crítico, apesar de ser turista e de achar que o turismo é bom para Portuga.

E agora que fala aqui em diferentes cidades: este é um problema nacional ou só de grandes cidades como o Porto e Lisboa e da região do Algarve? O aumento do turismo noutras regiões não seria benéfico para as economias locais?
Alguém escreveu um dia que o turismo era o futuro dos territórios sem futuro. Os territórios de baixa densidade populacional têm de encontrar fórmulas de crescimento e desenvolvimento a partir das suas qualidades, da sua capacidade empreendedora. Não esqueço que o turismo pode ter uma capacidade importante em economias frágeis e em que o número de turistas é ainda residual, mas não é fácil convencer o turista a ir para a Beira Interior sem primeiro entrar no aeroporto de Lisboa ou do Porto e visitar essas cidades.

Medidas como o aumento ou a introdução de uma taxa turística terão algum efeito? É preciso ir mais longe?
A taxa turística não tem um efeito dissuasor, todos os estudos apontam nesse sentido. Uma medida de dissuasão que me parece importante é deixar de se fazer marketing. As campanhas para atrair turistas têm de ter um fim um dia e acho que, no caso português, esse dia já pode ter chegado. Se os turistas vierem a Lisboa ou ao Porto para verem outros turistas, o nosso turismo perde valor. Outra medida a implementar seria aumentar os preços de entrada em atracções como a Torre de Belém e a Torre dos Clérigos para os turistas ou estabelecer uma quota de entrada na cidade, como em Veneza. Acho que não devíamos caminhar para aí, mas receio que comece a fazer-se em áreas das cidades.

Pesadelos dos dias de Verão

Grande angular



António Barreto

É uma das ideias mais sinistras, ou talvez apenas hilariante, da história da democracia portuguesa! O Parlamento "chama", convoca ou solicita ao Presidente da República que se apresente numa comissão de inquérito parlamentar! A ideia, se é que se lhe pode chamar assim, foi do partido Chega. O regimento diz que um partido com número suficiente de deputados pode impor uma comissão de inquérito sem que esta tenha de ser aprovada pela maioria. Aquele partido tem essa quantidade. E, como é seu hábito, utiliza os meios postos à sua disposição pela democracia para inviabilizar, ridicularizar e, eventualmente, destruir a mesma democracia. O plano é inteligente. Mas tão facilmente desmascarável que surpreende que os outros partidos, alguns dos outros partidos, se deixem embalar.

O Parlamento não pode nem deve convidar ou convocar o Presidente da República! Se o fizer, deverá simplesmente ser mandado à escola ou ao sanatório. O Parlamento também tem o dever de cumprir a Constituição e as leis, tem a obrigação de não convidar ou convocar o Presidente da República. O Parlamento não tem essas competências.

O Presidente da República não deve ir ao Parlamento prestar declarações ou sequer esclarecimentos, não deve hesitar em responder, não precisa de ponderar na resposta, nem sequer de medir as palavras. Não é não! O seu dever é não ir ao Parlamento e dar à comissão de inquérito uma ensaboadela constitucional.

Já são conhecidas as opiniões de gente competente, de esquerda e de direita, da academia e da política, de funções públicas e privadas, para que se perceba que a questão nem sequer é realmente polémica. Estamos perante uma provocação medonha de carácter político e constitucional.

É, todavia, curioso ver os comportamentos dos outros partidos. Parece cada vez mais evidente que estes, alguns destes, conforme as ocasiões, não se importam de utilizar o Parlamento, as hesitações regimentais, as provocações do partido Chega e as tentações pecaminosas dos outros partidos para incomodar o Presidente da República, o Governo, os partidos da oposição...

Já com os casos da banca e da TAP, agora com as gémeas, se tinha percebido que o partido Chega utilizaria este e outros dispositivos para pôr em crise o Parlamento, o Governo, o Presidente e a Constituição. Até agora, a habilidade tem funcionado. Ainda por cima, os pequenos partidos, com especial brilho para o Bloco, aproveitam ao máximo o dispositivo e as iniciativas dos outros. O caso das gémeas só chegou àquele estado de deliquescência, de má-criação demagógica e de hostilidade porque os outros partidos deixam correr, contribuem com perguntas e questões, ajudam à missa e são mesmo, por vezes, tão agressivos quanto os autores da iniciativa.

Dizem que o Verão político é propício à coreografia e a jogos florais para passar o tempo. Como há quem diga que é esta a estação do disparate. Tudo isso é possível e talvez verdade. O certo é que não estamos em tempo adequado a essas cenas. O mundo e a Europa estão em mau estado e sob ameaças diversas, convinha que estivéssemos preparados para organizar o nosso futuro colectivo. Ora, aquilo a que assistimos são exercícios de rasteiras e chicanas com o fim de aumentar as sondagens e de evitar ou incitar a convocatória de novas eleições.

O Governo do PSD está a sair-se melhor do que se pensava, mas tem o seu futuro apertado: ou se mantém por impotência da oposição, à espera de aumentar os votos; ou é impedido de governar e fica à espera de ganhar votos como vítima. O PS está a sair-se pior do que se esperava. Vê-se na cara que estão entalados entre a oposição que pode derrubar o Governo e a doce oposição de sua majestade que o pode encostar às cordas por muitos anos. O partido Chega está a sair-se como se esperava, ágil, arruaceiro e irresponsável como é o seu carácter, à espera que a democracia lhe ofereça tudo o que não merece: tribuna e importância. De qualquer modo, já conseguiu algo de valioso para si: os grandes partidos democráticos não sabem como se comportar diante de um brigão que utiliza a paz que lhe oferecem. Quanto aos pequenos partidos, pouco ou nada se espera, a não ser uma voz de vez em quando. Pena é que se deixem tantas vezes absorver pelas manobras demagógicas dos debates e dos inquéritos parlamentares.

Entre os partidos, e neste Parlamento, alguém ouviu ou presenciou alguma discussão séria sobre a posição de Portugal na Europa, diante dos problemas que se abrem todos os dias, das dificuldades francesas e alemãs, das provocações húngaras, dos problemas polacos, da tragédia ucraniana e da reforma da NATO? Alguém esteve presente diante de um debate sobre a evolução da política americana depois das eleições de Novembro? Alguém deu conta de uma reflexão pública e partilhada entre os partidos, o Governo e o Parlamento sobre a enorme crise em curso no Próximo Oriente e no Mediterrâneo com o terrorismo islâmico e o massacre israelita?

Vindo mais para casa, onde está a acção conjunta, que envolva vários partidos ou instituições, a propósito de situações urgentes que não se resolvem com flores de estilo e manobras habilidosas? Já se assistiu a um debate sério sobre as Forças Armadas quase em vias de extinção? Já alguém ouviu falar de um debate e de uma acção de órgãos de soberania e de partidos sobre a tão crítica justiça? Já se reparou que as filas de espera nas ruas e diante dos serviços de imigração ou das Lojas do Cidadão não se resolvem com minorias de governo, com duodécimos nem com inquéritos parlamentares armadilhados? Já alguém assistiu a uma discussão séria e produtiva no Parlamento e nas instituições sobre as reformas urgentes do Serviço Nacional de Saúde e sobre a decadência dos cuidados de saúde pública ao longo dos últimos dez ou 20 anos? Já alguém pressentiu um qualquer debate ou uma conversa sobre a possibilidade de encontrar uma solução política maioritária e capaz de olhar para o que falta? Já alguém ouviu rumores e reflexões sobre os problemas e não sobre manhas e tropelias?

Infelizmente, o que parecem ser pesadelos de noites de Verão são sinais profundos e factos reais de crise séria, que não se compadece com coreografia, nem com pezinhos de dança e bailado artístico, nem com o habitual cinismo. Por que esperam os partidos democráticos? Por mais uma sondagem?

Sociólogo

> **Dizem que o Verão político é propício à coreografia e a jogos florais para passar o tempo. Não estamos em tempo adequado a essas cenas**

> **O dever do Presidente da República é não ir ao Parlamento e dar à comissão de inquérito uma ensaboadela constitucional**

IMPORTA-SE DE REPETIR?

Estou a desempenhar o cargo para chegar a Julho do ano que vem em condições de ter um segundo mandato

Mário Centeno, governador do Banco de Portugal

Se a oposição desvirtuar o Programa do Governo, temos de perguntar aos portugueses se aceitam

Joaquim Miranda Sarmento, ministro de Estado e das Finanças



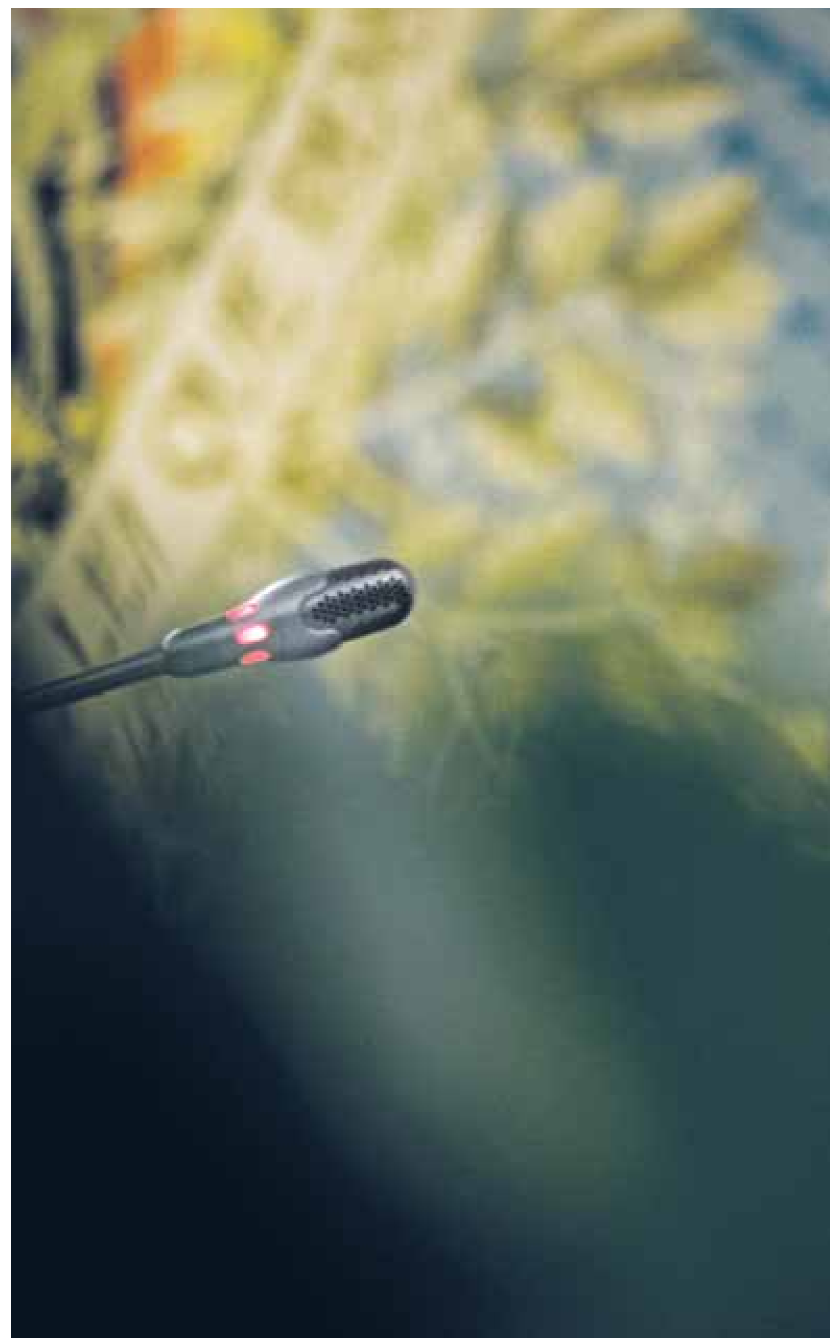
Temos uma briga. Como é que se resolve a briga? Apresenta a acta

Lula da Silva, Presidente do Brasil sobre as dúvidas em torno dos resultados das eleições na Venezuela

Eu não sabia que era negra até há uns anos quando ela decidiu que era negra

Donald Trump, Candidato republicano à Casa Branca

E se o BES fosse hoje? Há mais supervisão e bancos sólidos



O Banco Espírito Santo caiu há dez anos. O reforço regulatório e legislativo e as alterações à estrutura dos bancos desde então levam a que um caso semelhante seja hoje improvável. Mas ainda há passos a dar

Rafaela Burd Relvas

"De todas as soluções possíveis, restavam duas: a resolução ou a liquidação." Dois meses depois do colapso do Banco Espírito Santo (BES), Carlos Costa, então governador do Banco de Portugal (BdP), resumia assim, perante uma comissão parlamentar, aquela que viria a ser a opção do regulador, anunciada no domingo de 3 de Agosto de 2014. Passaram-se dez anos e a história do banco histórico está longe de ter um desfecho. Não há culpados, porque o julgamento do processo-crime principal do universo Espírito Santo só agora se prepara para arrancar; e não há compensações a quem saiu lesado da queda do banco, porque o processo de liquidação também se arrasta.

O que não significa que esteja tudo igual. Seja pelo reforço do quadro regulatório e legislativo ou pelas alterações à estrutura das instituições financeiras, a convicção daqueles que operam no sector financeiro é a de que a realidade não é igual à que permitiu criar um grupo como o Espírito Santo e que, hoje, é pouco provável que um "caso BES" volte a acontecer. Até porque o reforço legislativo e regulatório ainda não acabou.

Para perceber o contexto actual, é preciso, antes, olhar para aquele que permitiu que o BES se transformasse no "caso BES". Era, desde logo, um banco inserido numa teia de tal forma opaca que as operações de maquilhagem financeira puderam ir sendo feitas sem que fossem detectadas. O BES beneficiava, por outro lado, de uma proximidade privilegiada do poder político – basta lembrar que, dois anos antes da sua candidatura presidencial, Aníbal Cavaco Silva foi convidado num jantar em casa de Ricardo Salgado, em que o banqueiro procurou convencê-lo a avançar com a candidatura.

A isto acrescia um cenário em que a regulação – apesar de ter sido alvo de várias críticas, que lhe apontaram que podia ter feito mais para evitar um caso destes – ainda hoje garante que não dispunha das ferramentas necessárias para lidar com práticas como as que eram mantidas no BES. Um exemplo claro disto foi a questão da idoneidade de Ricardo Salgado, que nunca chegou a ser retirada, apesar dos indícios já claros sobre a sua conduta. Em 2017, em entrevista ao PÚBLICO, Carlos Costa mantinha esta versão: o BdP não retirou a idoneidade ao ex-presidente do BES porque não podia fazê-lo, do ponto de vista jurídico. "O que fizemos era o que se podia fazer", assegurou. Isto, apesar de já ter sido revelado que a administração do BdP recusou, no final de 2013, retirar a idoneidade a Ricardo Salgado, contra a opinião dos técnicos responsáveis pela supervisão.

"Progresso muitíssimo significativo"

Se a queda do BES foi inédita na sua dimensão, não foi pioneira na história dos colapsos de instituições bancárias em Portugal. Antes deste, já dois grandes casos – o BPP e o BPN, cujas insuficiências foram reveladas na sequência do efeito dominó da falência do Lehman Brothers, durante a crise de 2008 – tinham servido de introdução ao que estava por vir.

Carlos Costa, então governador do Banco de Portugal, anunciou publicamente a resolução do BES a 3 de Agosto de 2014

2013

a administração do BdP recusou, no final de 2013, retirar a idoneidade a Ricardo Salgado, contra a opinião dos técnicos responsáveis pela supervisão

Foi neste contexto de pós-crise financeira que o quadro legislativo e regulatório começou a mudar ainda antes do colapso do BES, embora as primeiras alterações tenham decorrido da transposição de directivas europeias que já então estavam em curso. Como sintetiza António Pape, associado do departamento financeiro da SRS Legal, "as principais novidades legislativas no sector bancário em Portugal, desde o Verão de 2014, não decorrem propriamente do rescaldo da resolução do BES, mas da crise financeira mundial de 2007/2008, que levou as entidades comunitárias a criarem uma arquitectura regulatória uniformizada do sector financeiro, com especial enfoque na sua monitorização e robustez".

A criação de um modelo de união bancária assente em três pilares – um Mecanismo Único de Supervisão (MUS), um Mecanismo Único de Resolução (MUR) e um Sistema Comum de


MIGUEL MADEIRA

Garantia de Depósitos – arrancou ainda em 2014 e foi a base para o funcionamento da regulação como hoje se conhece. Mas só mais tarde é que várias partes desta união bancária, ainda não totalmente concluída, entraram em vigor, como o mecanismo que estabeleceu um procedimento uniforme para a resolução de instituições de crédito, que só em 2015, já depois do BES, passou a funcionar.

Foi nessa altura que passaram a existir os chamados "planos de resolução", documentos elaborados pelos reguladores em que, para cada instituição, é definida uma estratégia de resolução, caso venha a ser necessária. Actualmente, refere o BdP em respostas enviadas ao PÚBLICO, "não só já foram elaborados planos de resolução para cada uma das instituições de crédito nacionais, como os mesmos já foram objecto de actualizações, o que significa que está definida a estratégia de actuação mais adequada em cada caso".

Somam-se novos requisitos mínimos de fundos próprios (MREL, na sigla em inglês), que desde 2016 são decididos, para cada banco com sede num país da zona euro, pelo regulador europeu, uma estratégia que visa garantir que, num cenário de resolução, estas instituições têm capacidade para absorver as perdas e recapitalizar-se apenas com recurso aos seus accionistas e credores.

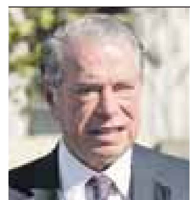
Em Portugal, a larga maioria dos bancos já cumpre estes requisitos, o que significa que dispõem "de uma almofada que permite absorver as perdas que se verifiquem num cenário extremo que conduza à sua resolução".

"Toda esta realidade representa um progresso muitíssimo significativo face à realidade existente em 2014, em que não só não existiam planos de resolução ou suficiente capacidade de absorção de perdas e de recapitalização, como não existia de todo o trabalho sistemático e estruturado na vertente preventiva e de preparação", salienta o BdP.

Idoneidade na mira

Foi só mais tarde que chegaram as alterações mais relevantes de iniciativa nacional, com foco na idoneidade dos bancários e no controlo dos conflitos de interesse.

Em 2017, o Governo de António Costa introduziu uma série de alterações que determinaram que, na avaliação da idoneidade dos membros dos órgãos de administração e de fiscalização, passariam a ter de ser tidos em conta "potenciais conflitos de interesse quando parte do percurso profissional [da pessoa] tenha sido realizado em entidade relacionada directa ou indirectamente com a instituição financeira em causa, seja por via de participações financeiras ou de relações comerciais".


Julgamento do processo-crime principal do universo Espírito Santo só agora se prepara para arrancar

Alargou-se também o leque de responsáveis dentro dos bancos que estão proibidos de contrair crédito junto das instituições para as quais trabalham, passando a abranger, para além dos administradores executivos, também os não executivos. E foi ainda criado um maior controlo sobre o crédito que um banco pode conceder aos seus próprios accionistas.

Para um "futuro próximo", nas palavras usadas pelo BdP, aguardam-se ainda outras alterações legislativas e regulatórias, que resultarão "das discussões que se têm mantido nas esferas políticas europeias de gestão de crises de instituições de crédito". Um dos passos mais importantes será a criação do Sistema Europeu de Garantia de Depósitos, o pilar da união bancária que ficou por concretizar.

E se fosse hoje?

É perante esta avalanche de directivas europeias e iniciativas nacionais que esta pergunta parece ter uma resposta unânime entre quem actua no sector financeiro: a supervisão e a regulação dispõem de ferramentas mais fortes e os bancos estão mais sólidos, um cenário que, em teoria, permite evitar um potencial novo caso BES.

Um caso com estas dimensões não tem sequer bases para acontecer hoje, porque já não existe qualquer grupo financeiro em Portugal que se aproxime daquilo que o GES foi: um conglomerado de tal forma opaco e sem separação entre as partes financeira e não financeira que o controlo aos actos de gestão ruinosa se tornou uma missão falhada.

Hoje, esta estrutura de conglomerado não só já não existe no sector bancário português, como a estratégia da banca passa, precisamente, pelo contrário, com as instituições a desfazer-se de participações em sectores não financeiros. A Caixa Geral de Depósitos (CGD) é um bom exemplo disso, como tem frisado o próprio presidente do banco público. "Não queremos, na Caixa, gerir participações não *core* e não financeiras, em que não temos nada que ver com a gestão. Não me parece que seja tempo de os bancos manterem ou adquirirem participações não financeiras", disse Paulo Macedo, durante a última apresentação de resultados da CGD, que, recentemente, se desfez de participações como as que tinha na Inapa e na Vista Alegre.

Por outro lado, algumas das práticas que permitiram mascarar a real situação de tesouraria do grupo, em particular a venda de produtos financeiros do GES aos balcões do BES, já não são possíveis nos moldes que se verificaram antes, sobretudo desde a transposição para a legislação portuguesa, em 2018, da directiva europeia para os mercados financeiros (a chamada "DMIF II"), que veio introduzir maior transparência e controlo na comercialização de produtos financeiros aos balcões dos bancos e outras instituições financeiras. Desde então os intermediários financeiros são obrigados, por exemplo, a conhecer os seus clientes de forma a determinar que produtos e serviços se adequam melhor aos seus perfis de risco. Também foram criados limites a estas vendas, restringindo-se a comercialização de produtos cruzados.

Mais solidez, menos complacência

E há ainda que contar com o balanço dos bancos, muito diferente daquele que existia em 2014. Para lá dos prejuízos milionários que se verificavam em 2013 (último exercício completo antes da resolução do BES), a situação de maior fragilidade da banca era evidente. De acordo com os dados da Associação Portuguesa de Bancos (APB), o rácio de transformação, indicador que mede a relação entre o crédito concedido e os depósitos de clientes, ainda superava os 116% nesse ano (o que significa que, por cada 100 euros depositados, os bancos emprestavam 116 euros, o que, na prática, significa que emprestavam mais dinheiro do que aquele de que dispunham no imediato). Para se ter uma ideia das práticas do BES, quando o conjunto do sector atingiu um pico de 160% no rácio de transformação, em 2009, o BES registava 195%.

Noutros campos, o rácio de crédito malparado superava os 7%, enquanto o rácio que mede o nível de fundos próprios principais de um banco rondava os 12% e os níveis de rendibilidade eram negativos.

Hoje, para além dos lucros expressivos, todos estes indicadores estão em terreno positivo: em termos médios, o rácio de transformação baixou para 76%, o malparado representa menos de 3% da carteira de crédito total, o principal rácio que mede os níveis de capitalização dos bancos está acima dos 17% e os capitais próprios apresentam uma rendibilidade superior a 15%.

A cultura que se vive no sector, acreditam os banqueiros, também contribuiu para a mudança na saúde financeira das instituições. Foi essa a mensagem transmitida por João Pedro Oliveira Costa, presidente do BPI, durante a apresentação de resultados semestrais do banco. "A supervisão está mais próxima, mais intrusiva e curva-se menos perante sensações de poder que possam existir", afirmou. Considerou ainda que os actuais dirigentes das instituições "são menos banqueiros e mais bancários", aludindo ao facto de a gestão do BES passar por uma só família.

É uma percepção semelhante à de Paulo Macedo, que aponta para o maior rigor na concessão de crédito ou para a obrigatoriedade de se conhecer os reais detentores de uma empresa que contraia crédito. Ou, como resumiu, "havia muito mais complacência, que já não existe".

O BES era péssimo, mas podia ter sido pior

Editorial



David Pontes

No caso do Banco Espírito Santo (BES) o muito mau foi mesmo como se chegou ali, ao dia da resolução, faz neste 3 de Agosto dez anos, e não tanto à forma como dali se saiu, mesmo que isso possa ferir quem esgrime regularmente o argumento de que "para os bancos há sempre dinheiro".

No final de 2009, a Espírito Santo Internacional (ESI), a *holding* de topo do Grupo Espírito Santo, já se encontrava em bancarrota, com capitais próprios negativos de pelo menos 962 milhões de euros. Para tapar tal buraco, que se foi agravando, durante pelo menos quase mais cinco anos, foi preciso contar com um universo de cumplicidades alimentado durante muito tempo por uma corte de políticos e de gente "bem colocada", numa teia laboriosamente alimentada por Ricardo Salgado, que lhe valeu a alcunha, bem apropriada, de "Dono disto tudo". Podia não ser proprietário, mas dele emanava que era o poder não eleito mais importante de Portugal.

Mas foi também preciso contar com o emaranhado de *offshores* e de subterfúgios de fuga ao controlo financeiro, que infelizmente continua bem presente e, ainda mais relevante, com um sistema de supervisão bancária que, como se provou, era, no mínimo, laxista e no máximo cúmplice. Neste último aspecto talvez tenhamos evoluído bastante, já que a opinião da maior parte dos actuais actores do sistema bancário é a de que um novo BES é impossível de voltar a acontecer.

Foi uma das coisas boas que saíram dessa coisa má que foi ter tanta gente sofrido, até hoje, perdas de dinheiro, iludidos pelas promessas de ganhos significativos na tentativa final do grupo de arranjar dinheiro a qualquer custo. Gente a quem a Justiça, demorada e vagarosa, como temos relatado nestas páginas, tem tardado a devolver algum sentido mínimo de justiça.

Mas o que era péssimo podia ter sido muito pior, se aquilo que era uma ameaça se tornasse realidade, se um banco com a importância do BES tivesse sido a causa para uma ameaça sistémica, o que foi evitado e, apesar de tudo com custos contidos para os contribuintes graças ao fundo de resolução, que funcionou como uma espécie de mal menor.

Os bancos continuam grandes e poderosos, a praticar juros e a impor condições a clientes e trabalhadores que parecem sempre injustas, quando cotejadas com os lucros que conseguem arrecadar. Valerá sempre a pena investir em vigiá-los e chamá-los à razão sempre que se justifique, mas hoje, apesar de tudo, por uma crise de há dez anos podemos dormir com menos receio de um dia destes acordar para uma nova bancarrota.



A ameaça sistémica foi evitada e, apesar de tudo, com custos contidos para os contribuintes graças ao fundo de resolução

CARTAS AO DIRECTOR



Acessibilidades só chegaram a seis dos 1500 edifícios a precisar de obras

QUEBRAMAR

As cartas destinadas a esta secção têm de ser enviadas em exclusivo para o PÚBLICO e não devem exceder as 150 palavras (1000 caracteres). Devem indicar o nome, morada e contacto telefónico do autor. Por razões de espaço e clareza, o PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e editar os textos e não prestará informação postal sobre eles
cartasdirector@publico.pt

Um braço-de-ferro que promete

Depois das férias o país político vai concentrar-se definitivamente na proposta de Orçamento do Estado (OE) para 2025. Um OE que já se discute à distância e que tem mostrado um autêntico sobe e desce nas perspectivas de sucesso ou insucesso. Por ora temos um OE nebuloso. Ora o PS fecha a porta a consensos, ora os entreabre, sem que essa ligeira abertura deixe perceber o que vai realmente acontecer. Fala-se muito de negociação, mas o ambiente, que se manifesta, não vai nesse sentido. O Governo não quer ver a sua proposta desvirtuada. Mais do que a aprovação do OE, quer impor-se perante a oposição. Mas o PS, que marcou já alguns pontos com os diplomas de incidência orçamental de sua autoria, que foram promulgados pelo Presidente da República, alerta para a necessidade de querer ver as contas todas. Será de pegar ou largar! Estaremos perante uma encenação ou perante um caso de disputa muito séria, que vai fazer ferver a discussão do OE, condicionando o seu desfecho até ao fim? Ambas as partes desconfiam uma da outra. O Governo lutará por não estar a prazo. O PS não quer perder margem de manobra política. Um braço-de-ferro que promete.
Eduardo Fidalgo, Linda-a-Velha

Relembremos José Afonso. Sempre!

Faria, neste início do mês de Agosto, dia 2 (ontem), 95 anos, o mais célebre e popular cantautor, José Afonso. Foi o mais interventivo socialmente consequente e difusor através da mensagem por palavras lavradas, quem mais defendeu os deserdados da vida – os despossuídos. Porventura e por ventura!, é o músico central do século XX português. Neste nonagésimo quinto aniversário do seu desaparecimento físico, a Associação José Afonso, e bem, promove o lançamento de um livro sobre o Zeca, *Semeador de Palavras -Entrevistas a José Afonso*, manancial para quem deseja saber mais e estudar o seu espólio.

Afinal, o ilustre Zeca "não" morreu, a sua cultivada obra, plena de temporalidade, recheada de música com palavras certeiras, entrevistas e registadas acções solidárias aí estão para perdurar. Glória a José Manuel Cerqueira Afonso do Santos!
Vítor C. Santos, S.J. das Lampas



Ambas as partes desconfiam uma da outra. O Governo lutará por não estar a prazo. O PS não quer perder margem de manobra política. Um braço-de-ferro que promete

Eduardo Fidalgo
Linda-a-Velha

Cartão-de-visita

Sines viveu recentemente mais uma época com eventos associados à época de Verão, onde não podiam faltar as tradicionais tasquinhas e o festival das Músicas do Mundo, aguardado muito especialmente pelos mais jovens, que desfrutam de uma variedade de músicas e sons dos quatro cantos do mundo.

Um evento desta envergadura obedece a um trabalho prévio de muitos meses de preparação com acertos de calendário, e que acaba por ter uma dupla importância quando Sines se abriu ao mundo com a partida de Vasco da Gama, sendo esta a oportunidade de trazer o mundo até Sines, através de uma iniciativa que também contribui para a riqueza da terra. Se é um facto que estes eventos têm custos financeiros, também é verdade que

A opinião publicada no jornal respeita a norma ortográfica escolhida pelos autores

ZOOM AMESTERDÃO

PHIL NIJHUIS/EPA



As Olimpíadas Drag decorrem em Amesterdão, Países Baixos, e fazem parte da Pride Week

Sines ganha o estatuto de cidade acolhedora, o que pode não ser uma realidade quando se iniciam obras que tardam a ser finalizadas, onde se vai vendo o resultado de actos de vandalismo, a sujidade nas ruas, a insegurança e edifícios históricos votados ao abandono, pelo que se pergunta se a câmara não terá verba suficiente para dar uma outra imagem à cidade.
Américo Lourenço, Sines

Porque emigram os jovens?

Já muita tinta correu, e continuará a correr, acerca do que motiva os jovens portugueses a emigrar. Lembremo-nos que no regime do Estado Novo já se emigrava em doses maciças e as razões são por demais consabidas. Integrámos oficialmente a CEE em 1 de Janeiro de 1986. Não nos esqueçamos de que já passaram 50 anos e vivemos na almejada democracia desde finais de Abril de 1974. Então, porque continuam a emigrar os jovens portugueses? Porque continuamos a marcar passo e não acompanhamos o ritmo dos países mais evoluídos? Porquê? Será que a classe política é trôpega, é medíocre e não consegue reter "a juventude mais preparada de sempre", que, emigrando, vai enriquecer os países para onde emigra? É certo que a classe política portuguesa vive bem e até houve um primeiro-ministro que aconselhou os jovens a tratar de vida e a emigrar. Enchemos a boca com a palavra democracia, sim, mas os jovens não conseguem viver com dignidade com os baixos salários que lhe são "oferecidos" e vêem-se impelidos a tratar da vida no estrangeiro.
António Cândido Migueis, Vila Real

PÚBLICO ERROU

No artigo "Viúvas de antigos combatentes sem direito a medicamentos gratuitos" publicado na edição de 1 de Agosto identificava-se erradamente o presidente da Liga dos Combatentes, Joaquim Chito Rodrigues, como sendo tenente-coronel. A sua patente é a de tenente-general.

ESCRITO NA PEDRA

Em muitas pessoas a palavra antecede o pensamento, sabem apenas o que pensam depois de terem ouvido o que dizem Gustave Le Bon, psicólogo e sociólogo

O NÚMERO

39%

As queixas sobre comunicações electrónicas e serviços postais crescem 39% no primeiro semestre do ano. O Livro de Reclamações Electrónico recebeu 110 mil registos neste período, mais 4% do que em período homólogo

A crónica de Miguel Esteves Cardoso regressa a estas páginas a 1 de Setembro



publico.pt



Lisboa
Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto
Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

publico@publico.pt

DIRECTOR
David Pontes
Directores adjuntos
Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira, Sónia Sapage, Tiago Luz Pedro
Directora de arte
Sónia Matos
Directora de design de produto digital
Inês Oliveira
Editoras executivas
Helena Pereira, Patrícia Jesus
Editor de fecho
José J. Mateus

Editor de Opinião Álvaro Vieira **Editor P2** Sérgio B. Gomes **Online** Ana Maria Henriques, Mariana Adam, Pedro Esteves, Pedro Guerreiro, Pedro Sales Dias (editores), Amílcar Correia (redactor principal), Carolina Amado, João Pedro Pincha, José Volta e Pinto, Marta Leite Ferreira, Miguel Dantas, Sofia Neves (última hora); Rui Barros (jornalista de dados); Ruben Martins, Inês Rocha (áudio); Joana Bougard (editora multimédia), Carlos Alberto Lopes, Joana Gonçalves, Mariana Godet, Teresa Miranda (multimédia); Amanda Ribeiro (editora de redes sociais), Ana Zayara, Michelle Coelho, Patrícia Campos (redes sociais) **Política** David Santiago (editor), Susete Francisco (subeditora), Ana Sá Lopes, São José Almeida (redactoras principais), Ana Bacelar Begonha, Liliana Borges, Margarida Gomes, Maria Lopes, Nuno Ribeiro **Mundo** Ivo Neto, Paulo Narigão Reis (editores), Bárbara Reis, Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa (redactores principais), Rita Siza (correspondente em Bruxelas), Alexandre Martins, António Rodrigues, António Saraiva Lima, João Ruela Ribeiro, Leonete Botelho (grande repórter), Maria João Guimarães, Sofia Lorena **Sociedade** Natália Faria, Gina Pereira (editoras), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Cristiana Faria Moreira, Daniela Carmo, Joana Gorjão Henriques, Mariana Oliveira, Patrícia Carvalho, Samuel Silva, Sónia Trigueirão **Local** Ana Fernandes (editora), Luciano Alvarez (grande repórter), André Borges Vieira, Camilo Soldado, Mariana Correia Pinto, Samuel Alemão, Teresa Serafim **Economia** Pedro Ferreira Esteves, Isabel Aveiro (editores), Manuel Carvalho (redactor principal), Cristina Ferreira, Sérgio Aníbal (grandes repórteres), Ana Brito, Luís Villalobos, Pedro Crisóstomo, Rafaela Burd Relvas, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira **Ciência** Teresa Firmino (editora), Filipa Almeida Mendes, Tiago Ramalho **Azul** Andrea Cunha Freitas (editora), Claudia Carvalho Silva (subeditora), Aline Flor, Andréia Azevedo Soares, Clara Barata, Nicolau Ferreira, Tiago Bernardo Lopes (multimédia), Gabriela Gómez (infografia), Rodrigo Julião (webdesign) **Cultura/Ípsilon** Paula Barreiros, Inês Nadais (editoras), Pedro Rios (editor Ípsilon), Isabel Coutinho (subeditora), Nuno Pacheco, Vasco Câmara (redactores principais), Isabel Salema, Sérgio C. Andrade (grandes repórteres), Daniel Dias, Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mariana Duarte, Mário Lopes **Desporto** Jorge Miguel Matias, Nuno Sousa (editores), Augusto Bernardino, David Andrade, Diogo Cardoso Oliveira, Marco Vaza, Paulo Curado **Fugas** Sandra Silva Costa, Luís J. Santos (editores), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Luís Octávio Costa, Mara Gonçalves **Guia do Lazer** Sílvia Pereira (coordenadora), Cláudia Alpendre, Sílvia Gap de Sousa **Ímpar** Bárbara Wong (editora), Carla B. Ribeiro, Inês Duarte de Freitas **P3** Inês Chaíça, Renata Monteiro (subeditoras), Mariana Durães **Terroir** Ana Isabel Pereira **Newsletters e Projectos digitais** João Pedro Pereira **Projectos editoriais** João Mestre **Fotografia** Miguel Manso, Manuel Roberto (editores), Adriano Miranda, Daniel Rocha, Nelson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingos (digitalização), Isabel Amorim Ferreira (documentalista) **Paginação** José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Cláudio Silva, Joana Lima, José Soares, Nuno Costa, Sandra Silva; Paulo Lopes, Valter Oliveira (produção) **Copy-desks** Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Joana Quaresma Gonçalves, João Miranda, Manuela Barreto, Rita Pimenta **Design Digital** Alex Santos, Ana Xavier, Nuno Moura **Infografia** Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Pedro, José Alves **Comunicação Editorial** Inês Bernardo (coordenadora), João Mota, Ruben Matos **Secretariado** Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos **Documentação** Leonor Sousa

Publicado por PÚBLICO, Comunicação Social, SA.
Presidente Ângelo Paupério
Vogais Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral

Área Financeira e Circulação Nuno Garcia **RH** Maria José Palmeirim **Direcção Comercial** João Pereira **Direcção de Assinaturas e Apoio ao Cliente** Leonor Soczka **Análise de Dados** Bruno Valinhas **Marketing de Produto** Alexandrina Carvalho **Área de Novos Negócios** Mário Jorge Maia

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410
Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 | **Impressão** Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP – Distrib. de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca, 2739-511, Agualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Julho **18.970 exemplares**

O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação expresso no seu Estatuto Editorial **publico.pt/nos/estatuto-editorial**
Reclamações, correcções e sugestões editoriais podem ser enviadas para **leitores@publico.pt**

ASSINATURAS Linha azul **808 200 095** (dias úteis das 9h às 18h)
publico.pt/assinaturas • **assinaturas@publico.pt**

Espaço público

A morosidade do sistema judicial e a reforma da Justiça



António Ventinhas

Nas últimas semanas, algumas pessoas entenderam que é imperioso um sobressalto cívico para reformar a Justiça. Se se perguntar, em abstracto, a cada português, se deseja a reforma da Justiça, a resposta será necessariamente afirmativa. Se a questão se reportar igualmente à saúde, ao ensino, ao sistema político ou financeiro, o sentido será o mesmo. Todos queremos a melhoria de sectores essenciais para a vida em sociedade e a Justiça é um deles. A pergunta que se impõe é o que se pretende mudar, quais os sectores prioritários e se há recursos suficientes para o efeito.

A morosidade é o principal problema do sistema de justiça. Neste momento, devido à falta de oficiais de justiça, há mais de 120.000 inquéritos parados nas secretarias e a situação está a agravar-se rapidamente. O ministério tem aberto concursos de admissão, mas, no último, só conseguiu recrutar cinco pessoas. No início de carreira, o vencimento de um oficial de justiça situa-se pouco acima do salário mínimo, pelo que o recrutamento se afigura muito difícil. Com o número previsível de funcionários que se aposentará nos próximos anos, caso nada seja feito, os tribunais caminharão rapidamente para a paralisia e subsequente colapso. É estranho ou, talvez não, que as pessoas que se mostram muito preocupadas com o desempenho da Justiça não exijam a mudança deste estado de coisas.

O aumento da celeridade passa por mudar o regime de notificações, adaptando-o à nova realidade. No processo penal, os intervenientes processuais continuam a ser notificados por carta, não se admitindo o recurso a notificações electrónicas. Esta simples mudança permitiria acelerar o tempo de resposta e poupar milhões de euros em custos postais e papel. Uma grande parte dos cidadãos já recebe as suas contas e trata dos seus assuntos bancários, fiscais e empresariais através do correio electrónico e não pela via tradicional. A lei tem de permitir a indicação do endereço electrónico, como morada válida para efeitos de notificação.

Num quadro de escassez de recursos humanos, há que acelerar a integração informática dos dados registados nas polícias com aqueles que têm de ser inseridos no sistema do Ministério Público e tribunais. Hoje em dia, há uma repetição de trabalho que se poderia evitar com uma plataforma integrada. A Procuradoria-Geral da República tem pronta uma aplicação informática que permitiria avançar neste domínio, mas a mesma ainda não avançou, por falta de verbas para assegurar a manutenção.

Na fase de inquérito, os mecanismos de celeridade e consenso poderiam ser ampliados e aperfeiçoados. Por exemplo, a suspensão provisória do processo, situação em que o arguido não é julgado mediante o cumprimento de injunções, poderia passar a abranger um maior leque de situações. No processo sumaríssimo, bastaria apenas alterar o momento da notificação pessoal do arguido, quanto à pena proposta pelo Ministério Público, para o tornar muito mais eficiente. O processo sumário também carece de ser simplificado.

No que concerne à fase de instrução, há que tomar medidas para evitar que a mesma se torne um verdadeiro julgamento que, por vezes, demora vários anos. Não é essa a finalidade para a qual a instrução foi criada.

Quanto à fase de julgamento, é imperioso avançar rapidamente com a utilização regular do programa informático que permite uma apresentação estruturada da prova a todos os processos de grande dimensão. O recurso a esta ferramenta informática permitirá que os julgamentos sejam realizados em menos tempo. Para além disso, há que investir na justiça negociada e limitar o julgamento aos factos controversos. Hoje, se o crime for punível com pena de prisão superior a cinco anos de prisão, o legislador não aceita a renúncia à produção de prova, ainda que o autor do crime tenha confessado livremente, esclareça todos os factos e apresente uma versão coerente do que aconteceu. O legislador exige que se continuem a inquirir testemunhas, analisar documentos e relatórios periciais, mesmo nos casos em que o autor dos factos apresentou em julgamento uma confissão convincente dos factos, realidade que importa alterar.

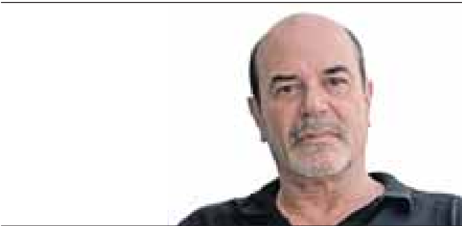
No que diz respeito à fase de recursos, há que repensar o papel dos recursos para o Tribunal Constitucional, pois o mesmo não é uma instância de recurso ordinário das decisões judiciais e a sua apreciação cinge-se às questões de constitucionalidade. Por essa razão, neste tipo de recursos, a taxa de insucesso é extremamente elevada. Deste modo, o recurso para o Tribunal Constitucional não deveria suspender a aplicação das penas determinadas pelos tribunais judiciais.

Por último, se se reconhece que o maior problema da Justiça portuguesa é a morosidade, qual a razão por que, sistematicamente, se discutem questões menos relevantes que não têm tanto impacto na vida comum dos cidadãos e das empresas? Será que muitas das propostas para reformar a Justiça, apontadas como prioritárias, visam beneficiar a generalidade dos cidadãos ou têm antes como objectivo servir o interesse de certas pessoas bem identificadas?

P.S. – Ficou a saber-se recentemente que o processo referente aos ataques às torres gémeas durou 23 anos e só irá terminar por acordo. Não é só Portugal que tem problemas de falta de celeridade na administração da Justiça…

Ex-presidente do Sindicato dos Magistrados do Ministério Público

A produção de carne é necessária e sustentável



Pedro Raposo Ribeiro

A entrevista a George Monbiot publicada no jornal PÚBLICO do passado domingo, pela importância e seriedade dos temas que aborda, merecia que fosse dada oportunidade a que, com igual destaque e profundidade, especialistas com opiniões contrárias pudessem expor os seus argumentos, permitindo aos leitores formar as suas próprias opiniões, com base num contraditório saudável de ideias – repto que aqui deixo ao PÚBLICO.

A questão é que Monbiot usa, com inteligência, as técnicas populistas que tão em voga estão, para fazer passar uma mensagem doutrinária que está muito longe de se constituir como uma verdade absoluta.

A receita é simples: identificar problemas reais muito relevantes, complexos, de grande atualidade e sensibilidade para o leitor e avançar com soluções simplistas, mas desprovidas de eficácia e sustentação técnica ou científica, cativando o leitor menos conhecedor das matérias para panaceias milagrosas, mobilizadoras de paixões, mas insustentáveis.

Um exemplo: o ataque feito à política de promoção da pecuária extensiva. O problema existe, é real, vários dos efeitos negativos enunciados são reais, mas as soluções apresentadas são ineficazes, enviesadas e desproporcionadas.

Começo por dizer que sou defensor da produção e do consumo humano de carne, mas partilho não só das mesmas preocupações de Monbiot como partilho da mesma análise quanto a muitos dos efeitos negativos apontados. O que nos separa então? As soluções apresentadas.

Monbiot advoga o fim da pecuária extensiva e do consumo de carne; eu advogo o fim das más políticas de apoio à pecuária extensiva e o consumo racional e moderado de carne. Passo a explicar:

As políticas de apoio à pecuária extensiva, nomeadamente as comunitárias, têm partido do pressuposto errado de que esta deve substituir a pecuária intensiva e aí Monbiot ganha razão em tudo o que afirma, porque a pecuária extensiva é mais ineficiente no uso dos recursos, devido aos menores índices de conversão que apresenta: consome mais solos, mais água, emite mais gases com efeito de estufa e mais alimentos do que a pecuária intensiva, por unidade de produto produzido e, consequentemente, é menos eficiente em quase todos os domínios ambientais (exceção do consumo de energia, por exemplo, se esta não provier de fontes renováveis).

Mas o que está errado é a política e não o sistema extensivo. Se, em vez de visarem a substituição da produção intensiva, as políticas de extensificação se focassem na promoção de práticas mais sustentáveis na produção extensiva, nomeadamente de combate ao sobrepastoreio, desflorestação, queimadas e na promoção de sistemas biodiversos, então seguramente que Monbiot não teria razão, pois as externalidades positivas e os serviços de ecossistema gerados seriam inequivocamente vantajosos e quase todos os problemas enunciados por Monbiot seriam mitigados.

A intensificação levanta outros problemas não descuráveis como as questões de bem-estar animal, mas também aqui existem abordagens e soluções divergentes que mereciam ser tratadas com mais profundidade, o mesmo se dizendo das questões dietéticas (o Homem é inequivocamente um omnívoro e não um herbívoro), sociais, etc., aprofundadas nessa entrevista.

Confio que o PÚBLICO dará, por isso, oportunidade a que com idêntico destaque e profundidade todas estas questões venham a ser abordadas com especialistas que têm entendimentos diversos dos de Monbiot, permitindo aos seus leitores formar opiniões com base num contraditório saudável de ideias.

Engenheiro agrónomo e secretário-geral da Ancave – Associação Nacional dos Centros de Abate e Indústrias Transformadoras de Carne de Aves

A alternativa à ameaça neofascista



Manuel Loff e João Rodrigues

Em 2019, o *Financial Times* reconhecia a lógica de classe da política fiscal do filho preferido da imprensa euroliberal: "Apesar das medidas de emergência aprovadas [um mês antes] para acalmar os protestos, os franceses que pertencem ao 1% mais rico continuam a ser de longe os principais beneficiários das políticas fiscais de Emmanuel Macron." O Presidente liberal "acalmara" à lei da bala os protestos dos "coletes amarelos", deixando um rasto de centenas de feridos e estropiados. Não há liberalização económica sem repressão política. Macron não ficou por aqui: eliminou direitos laborais e aumentou direitos patronais, reduziu o salário indireto, com uma contrarreforma da segurança social, mas enfrentou sucessivas ondas de contestação social que ajudaram a constituir um bloco popular de rejeição da sua política.

A economia política de Macron ficou evidente nestes anos: transferir rendimentos, riqueza e poder de baixo para cima na pirâmide social francesa, em nome da "adaptação" aos constrangimentos impostos pela globalização, cuja manifestação mais intensa no continente tem o nome de União Europeia (UE), em geral, e de zona euro, em particular. O liberalismo procurou sempre compelir as pessoas a desistir da ação coletiva, depois de conseguir o que quer, ou para o conseguir, dependendo das circunstâncias. Mas em todas as revoluções e protestos que fizeram história há uma França que nunca desistiu: 1789, 1830, 1848, 1871, 1936, 1968, 1995, 2018...

A economia moral do antigo banqueiro da Rothschild, saído das ruínas da autodestruição da social-democracia francesa (presidência Hollande, Governo Valls), também ficou patente no discurso de arrogância social; numa sessão com "empreendedores", logo em 2017, Macron garantiu que as estações de comboios eram "sítios maravilhosos, porque aí se cruzam as pessoas com sucesso e as que não são ninguém".

Este liberalismo de arrogância e de humilhação sociais, função do capital a que se tem acesso numa sociedade cada vez mais autoritária, alimentou as novas formas de fascismo. Em 2017, alguém escreveu: Macron 2017 = Le Pen 2022. Só a esquerda, através do protesto e do voto tantas vezes dito "útil", impediu que essa previsão se concretizasse. Macron 2022 = Le Pen 2027?

As eleições francesas de 2024, primeiro para o Parlamento Europeu, depois para a Assembleia Nacional, confirmaram a estreiteza do bloco social burguês em que se apoia o "Presidente dos ricos". Com a convocação precipitada de eleições legislativas, Macron queria encenar de novo o número do liberal europeísta que se diz barreira contra a extrema-direita. Partilhando com esta práticas securitárias e discurso racista (contra o "imigracionismo", por exemplo, que é como Macron designou o programa da esquerda), abre-lhe de par em par as portas do poder. O objetivo era apanhar a esquerda dividida e impotente, no quadro de um sistema eleitoral uninominal que esmaga a representação de todas as forças que se não unam em blocos eleitorais. Um sistema que permitiu, por exemplo, que os macronistas obtivessem, em 2017, a maioria parlamentar na segunda volta, depois de terem conseguido apenas 28% dos votos na primeira. A fragmentação da esquerda a isso ajudou. Tudo indicava que o mesmo poderia acontecer com o Rassemblement National (RN) de Le Pen, que, com 31% dos votos nas "europeias", conseguiu atrair a direção do partido da direita tradicional, os Republicanos, para uma frente eleitoral que somou 33% na primeira volta das legislativas. A ameaça neofascista constituiu uma razão decisiva para a unidade da esquerda. Vinte e quatro horas depois de Macron convocar eleições, a França Insubmissa (LFI), PS, PCF e Verdes acordaram constituir a Nova Frente Popular (NFP). Em poucos dias, conseguiram apresentar candidaturas únicas em quase todas as circunscrições e consensualizar "um programa de rutura". Foi a NFP que, apelando à barragem do RN, venceu as eleições de 2024.

Tratou-se, portanto, de retomar a fórmula da frente antifascista que tinha barrado o caminho à extrema-direita francesa em 1936. A perceção de uma ameaça real do fascismo não é, em 2024, exagerada, como não o foi em 1936. Basta lembrarmo-nos das eleições de Trump, Bolsonaro, Milei, ou de como as direitas mais extremas foram integrando e dirigindo governos na Áustria, na Hungria, na Polónia, por toda a Europa centro-oriental, Escandinávia ou nos Países Baixos. Foi com um sistema eleitoral que, como o francês, inflaciona artificialmente a representação das minorias mais votadas que os neofascistas Irmãos de Itália chegaram ao poder. Como aconteceu nos anos 1930, a progressão eleitoral da extrema-direita nos últimos 25 anos é feita ao som dos tambores de guerra. Na Ucrânia e na Palestina, os fascistas do nosso tempo fazem coro com a NATO e os EUA. A exceção de Orbán quanto à Ucrânia é amplamente compensada pelo seu apoio entusiástico ao genocídio que Israel leva a cabo na Palestina. As semelhanças com o ambiente internacional de 1936 estão aí: o fascismo esmagara o movimento operário na Alemanha (1933) e na Áustria (1934) e tentara a sua sorte no golpe das ligas em França (1934), na repressão da greve geral espanhola de 1934, numa enésima guerra colonial na Etiópia (1935-36), no rearmamento alemão. Foi face à evidência do avanço do fascismo que, por iniciativa comunista, partidos operários desavindos (eles e os socialistas) e partidos republicanos burgueses democráticos conseguiram pôr-se de acordo, em Espanha e em França, em torno de programas mínimos, que, além de um compromisso para barrar o caminho ao fascismo, incluíam um programa de reversão da austeridade que, na Grande Depressão como hoje, esmagava rendimentos e direitos dos trabalhadores.



Em França, foram as grandes mobilizações sociais que obrigaram a NFP a adotar um programa que renega toda a herança liberal de Macron. É esta a melhor forma de combater o fascismo

As frentes populares que triunfam nas eleições espanholas e francesas de 1936 nasceram da convergência face à ameaça fascista, mobilizando um bloco popular de rutura com o quadro depressivo que, tal como na atualidade, abria o caminho ao fascismo. Em 1936, foi a mobilização social que se seguiu à vitória das frentes populares que impôs mudanças radicais a governos dirigidos por moderados. Na França dos nossos dias, foram as grandes mobilizações sociais convocadas desde 2018 por sindicatos e pela LFI de Jean-Luc Mélenchon que obrigaram a NFP a adotar um programa que renega toda a herança liberal de Macron, da segurança social à política fiscal. É esta a melhor forma de combater o fascismo, e foi uma aposta eleitoralmente bem-sucedida. Foi ela quem assegurou a vitória maciça dos candidatos da esquerda (e da LFI em particular) nos bairros populares das regiões metropolitanas francesas, onde a esquerda soube atrair a confiança dos jovens precários da França mestiça contra o racismo antioperário do RN e de Macron.

Mas sobram agora as interrogações. Para lá das óbvias – falta de maioria parlamentar para um governo de esquerda, capacidade de bloqueio macronista –, existe uma raramente identificada: a UE encarna a ordem liberal do "comércio livre", isto é, o protecionismo dos mais fortes, as políticas de austeridade, os bloqueios ao planeamento social e ecologicamente orientado. Partes decisivas do programa da NFP exigem mudanças radicais na UE. A chantagem do capital mais móvel, apoiada pelo Banco Central Europeu, pode deitar tudo a perder. Resta saber se o povo francês aceitará este constrangimento antidemocrático quando ele se fizer sentir.

Temos direito à esperança em tempos sombrios.

Professores universitários

MOHAMMED BADRA/EPA



Da garantia no crédito da casa ao IRS. Quando terão efeito as medidas já aprovadas



Vindas do Governo ou da oposição, há várias medidas a entrar em vigor nos próximos meses

Há várias medidas a entrar em vigor nos próximos meses que se vão repercutir no rendimento da generalidade das famílias

Joana Mesquita

Nos primeiros quatro meses da legislatura, há medidas aprovadas cujos efeitos se vão começar a sentir em diferentes momentos. Traduzindo a aposta do executivo na juventude, muitas das iniciativas a entrar em vigor são dedicadas aos jovens. Várias destas propostas foram aprovadas pela oposição, no Parlamento, e à revelia de um governo que é minoritário.

A 23 de Julho, o Presidente da República promulgou sete diplomas da Assembleia da República: quatro relacionados com o IRS, a abolição das portagens nas ex-Scut (auto-estradas sem custos para o utilizador), o aumento do consumo de electricidade sujeito a taxa reduzida de IVA e a revogação da contribuição extraordinária sobre o alojamento local. Este último corresponde a uma autorização legislativa, concedida pelo Parlamento ao Governo, que pretendia a revogação da contribuição com retroactivos a 31 de Dezembro do ano passado para que nenhum proprietário de alojamento local a tenha de pagar. A somar a estes decretos Marcelo Rebelo de Sousa promulgou, no mesmo dia, a recuperação do tempo de serviço dos professores.

Descida do IRS

Foi, até agora, a maior batalha da sessão legislativa, com propostas do Governo e contrapropostas da oposição. No final, cantou vitória o PS e os efeitos vão começar a sentir-se em Setembro.

O projecto de lei dos socialistas, aprovado no Parlamento com o voto contra dos partidos que apoiam o Governo e a abstenção do Chega, prevê a redução das taxas do IRS até ao 6.º escalão. Já a redução do IRS até ao 8.º escalão proposta pelo executivo acabou chumbada na Assembleia da República, com votos contra do PS, PCP, Bloco de Esquerda e Livre e com a abstenção do Chega.

Marcelo Rebelo de Sousa justificou a promulgação do diploma, argumentando que "o momento da repercussão nas receitas do Estado está dependente de regulamentação do Governo, através da fixação das retenções na fonte, pelo que podem também só ter impacto no próximo ano orçamental".

No entanto, o Ministério das Finanças já fez saber que vai actualizar as tabelas de retenção na fonte, com efeitos retroactivos a Janeiro.

Em entrevista ao PÚBLICO e à Rádio Renascença, Joaquim Miranda Sarmento, ministro de Estado e das Finanças, explicou como pode funcionar esse mecanismo de devolução do IRS pago a mais. Admitindo que o executivo ainda está a "calibrar" o instrumento, Miranda Sarmento afirmou que "haverá uma taxa de retenção na fonte em Setembro", destinada a fazer o "acerto entre [o IRS pago a mais] em Janeiro e Agosto". Em Outubro, entram em vigor as tabelas que, de forma definitiva, espelham a redução do IRS aprovada no Parlamento.

O Presidente da República também promulgou um decreto, que tem por base um projecto de lei do Bloco de Esquerda, que prevê a actualização anual da dedução específica dos rendimentos do trabalho dependente, das pensões e das reformas pela taxa de actualização do Indexante dos Apoios Sociais (IAS).

Aumento da dedução de despesas com habitação

É mais uma medida do PS aprovada com o voto contra do PSD e CDS. O aumento da dedução da despesa com rendas em sede de IRS para 800 euros, face aos actuais 600, vai ser feito de forma gradual, e 50% da subida vai ocorrer a 1 de Janeiro de 2025. Os restantes 50% serão divididos em duas tranches – 25% em 2026 e 25% em 2027 – até chegar ao limite de 800 euros em 2028.

Os contribuintes no 1.º escalão de IRS vão poder deduzir 1100 euros de despesas com rendas, sendo o tecto actual de 900 euros.

Aumento do consumo de electricidade sujeito a IVA de 6%

A proposta socialista, aprovada contra a vontade do Governo e com a abstenção do Chega, que prevê o aumento do consumo de electricidade sujeito à taxa reduzida de IVA, de 6%, vai entrar em vigor a 1 de Janeiro de 2025.

A partir do próximo ano, o volume de consumo eléctrico taxado a 6% passa dos actuais 100kWh mensais para 200kWh. Já no caso das famílias numerosas, duplica de 150 para 300kWh. O consumo que ultrapasse este limite mantém-se taxado a 23%.

Fim das portagens nas ex-Scut

O fim das portagens em algumas das ex-Scut entra em vigor a 1 de Janeiro de 2025. A iniciativa socialista, que abrange as portagens do interior e do Algarve na A4, A13 e 13-1, A22, A23, A24, A25 e A28, foi aprovada na Assembleia da República, com os votos contra do PSD e CDS e a abstenção da Iniciativa Liberal.

Garantia pública no crédito à habitação

Em teoria, a garantia pública ao crédito à habitação para jovens com menos de 36 anos, com rendimentos até ao 8.º escalão de IRS e que comprem primeira habitação com o valor máximo de 450 mil euros já está em vigor, uma vez que o diploma, já promulgado pelo chefe de Estado, foi publicado em *Diário da República* a 10 de Julho, com data de entrada em vigor para o dia seguinte. Contudo, o Governo tem ainda de publicar a portaria que visa regulamentar a garantia pública, num prazo máximo de 60 dias (até 10 de Setembro), para que esta possa ser posta em prática.

A garantia pública do Estado vai cobrir 15% do valor de compra da casa, o que corresponde, em grande medida, ao montante da entrada, e é prestada aos bancos. O objectivo é que as instituições de crédito financiem a 100% o valor da habitação, para que não seja necessário os jovens avançarem com o valor da entrada.

Alargamento do acesso ao programa Porta 65 Jovem

Aprovado num Conselho de Ministros dedicado aos jovens, tal como a garantia pública, e também já promulgado por Marcelo Rebelo de Sousa, o alargamento do acesso ao Porta 65 Jovem, um programa de apoio ao arrendamento, entra em vigor a 1 de Setembro.

Até aqui, um potencial beneficiário do Porta 65 precisava de ter assinado um contrato ou uma promessa de contrato de arrendamento para concorrer ao programa e o valor da renda estava sujeito a um limite máximo.

A partir de 1 de Setembro, o processo é invertido, ou seja, primeiro, os


DANIEL ROCHA

jovens candidatam-se ao Porta 65 e, sendo elegíveis, é-lhes concedida uma garantia de que vão beneficiar do apoio ao arrendamento. A partir daí, têm dois meses para celebrar um contrato. Também o valor da renda deixou de ser um factor de exclusão dos candidatos.

A somar a estas mudanças, os jovens vão passar a ter de apresentar três recibos de vencimento (caso não tenham a declaração de IRS) – em vez dos actuais seis – para concorrerem ao programa.

50% do complemento para alojamento

No próximo ano lectivo, os alunos deslocados não bolseiros vão passar a receber 50% do valor do complemento de alojamento, desde que o rendimento anual do agregado familiar não ultrapasse os 14.259,28 euros, decidiu o executivo em Conselho de Ministros. Actualmente, só os estudantes deslocados a quem é atribuída uma bolsa de estudo são elegíveis para receber este apoio.

O Governo anunciou também o aumento do valor do complemento de alojamento, que é variável consoante o concelho. Em Lisboa, Cascais e Oeiras o apoio pode chegar aos 483,8 euros. No Porto, os estudantes bolseiros podem receber até 458,33 euros e em Coimbra 305,56 euros.

Bolsa para trabalhadores-estudantes

A medida é do anterior executivo, mas só no ano lectivo a começar em Setembro vai ser posta em prática. Os trabalhadores-estudantes, que declarem no máximo 14 salários mínimos anuais, vão poder acumular o salário com a bolsa de estudo.

Recuperação do tempo de serviço dos professores

O tempo de serviço dos professores será devolvido em quatro tranches até 2027. Já em Setembro os professores vão recuperar 25% do tempo de serviço. O custo previsto desta parcela inicial chega aos 40 milhões de euros. Segue-se uma outra de 25% em Julho de 2025 e outras duas até Julho de 2027. Em causa está o congelamento da carreira docente entre 2011 e 2017, durante o período de assistência financeira da *troika*. Em 2018, a carreira foi descongelada, mas há seis anos, seis meses e 23 dias de serviço que os professores nunca viram devolvidos.

Reforço do suplemento dos militares

A 26 de Julho, o Governo aprovou, em Conselho de Ministros, várias iniciativas dedicadas à valorização das Forças Armadas, em que se inclui o aumento do suplemento de condição militar em 300 euros mensais a partir de 2026. O primeiro-ministro, Luís Montenegro, anunciou que, desse total, 200 euros vão ser atribuídos de imediato. A 1 de Janeiro de 2025, os militares vão receber mais 50 euros mensais e, no primeiro dia de 2026 serão acrescentados outros 50 euros. O suplemento de condição militar vai passar dos actuais 100 para 400 euros por mês.

Aumento do suplemento das forças de segurança

Também das negociações entre o Governo e as forças de segurança saiu um acordo para aumentar, de forma faseada, em 300 euros a componente fixa do suplemento de risco dos agentes da PSP, dos militares da GNR e guardas prisionais, actualmente fixado nos 100 euros. Os moldes são os mesmos: 200 euros mensais atribuídos já este ano e duas tranches de 50 euros adicionais entregues em 2025 e 2026.-Estava previsto que as forças de segurança recebessem os 200 euros iniciais no primeiro dia do mês de Julho, o que não se verificou. O Governo já confirmou que o aumento terá efeitos retroactivos a 1 de Julho, mas ainda não se sabe quando é que vai ser pago.

PS pergunta se Governo vai mudar leis orgânicas na Segurança Social

Maria Lopes

Alteração permitiria mudar todos os cargos dirigentes nacionais, regionais e distritais nas áreas da Segurança Social e Emprego

O cenário, dizem os socialistas, vem-se compondo há alguns meses com o novo Governo PSD-CDS, com exonerações, pressões para demissão e anúncios de substituição em cargos de topo da administração pública em diversas áreas. E há uma em que as dúvidas se arrastam, mesmo depois de terem questionado directamente a ministra do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social na audição parlamentar, no início de Julho, por duas vezes e terem ficado sem resposta.

O Governo estará a preparar a revisão das leis orgânicas de serviços e entidades nesta área para "dar cobertura a mais mudanças de dirigentes", alegam os deputados do PS. Qualquer alteração à lei orgânica de um serviço ou entidade faz com que se possam fazer substituições de toda a hierarquia de dirigentes, ou seja, é como se "se zerasse" o seu funcionamento, descreve ao PÚBLICO fonte da bancada parlamentar socialista, o que permitiria fazer substituições sem qualquer justificação ou indemnização (no caso em que ela pudesse existir), argumenta.

Numa pergunta enviada esta semana à ministra Maria do Rosário Palma Ramalho, os deputados da bancada parlamentar do PS questionam se estão a ser preparadas alterações a leis orgânicas de entidades que tutela e, se sim, em relação a que serviços públicos, institutos, direcções-gerais ou outras entidades se destinam. Querem também saber se estão em preparação "substituições alargadas de dirigentes nacionais, intermédios e regionais", tanto do Instituto da Segurança Social (ISS) como do Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP), precisamente com base numa mudança de lei orgânica.

Em ambos os institutos há uma equipa hierárquica nacional e depois as equipas de direcção distritais, no caso do ISS, e regionais (cinco), no caso do IEFP. Alterando as leis orgânicas, é possível ao Governo nomear toda uma cascata de dirigentes.

"É natural que se faça a substituição de dirigentes com base em opções políticas; isso é legítimo e não o questionamos. Mas nestes meses tem havido mudanças [de responsáveis] sem qualquer justificação ou com base em campanhas que põem em causa os dirigentes e o desempenho dos serviços", afirma fonte do grupo parlamentar do PS. Se em alguns casos são dirigentes nomeados, outros há que foram recrutados através de concursos da Cresap – Comissão de Recrutamento e Selecção para a Administração Pública.

As leis orgânicas são regimes jurídicos bastante estáveis, com raras mudanças. No caso do Trabalho e da Segurança Social, a última revisão terá sido em 2012, com a *troika*, em que o país se comprometera a reduzir o número de quadros dirigentes.

No texto da pergunta enviada à ministra fala-se mesmo em "campanhas difamatórias contra os dirigentes e contra as próprias instituições, com danos reputacionais significativos" que criam "incerteza e instabilidade nos serviços públicos". O exemplo mais mediático na área da Segurança Social foi o da mesa da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa – que os deputados do PS classificam mesmo de "exoneração caluniosa" –, a que se soma a "campanha falsa contra a anterior presidente do ISS, que acabou por se demitir, ou a demissão não explicada do vice-presidente do IEFP", e cujo cargo está ainda por preencher. No caso do ISS, foi também afastado um vogal da direcção que foi entretanto substituído.

Na última semana, na área da educação, por exemplo, assinalam-se os casos da dissolução do conselho directivo do Instituto Português do Desporto e Juventude e a substituição da directora-geral da Administração Educativa. Em Abril, houve a polémica demissão do director executivo do SNS; em Junho tinha sido mudado o conselho directivo do INEM.


Ministra Maria do Rosário Palma Ramalho


Ministro vai liderar o Governo entre 12 e 27 de Agosto

Paulo Rangel será primeiro--ministro em exercício

David Santiago

Paulo Rangel vai ser primeiro-ministro em exercício no período entre 12 e 27 de Agosto, dias em que o chefe do executivo da Aliança Democrática, Luís Montenegro, estará de férias, apurou o PÚBLICO. O ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros, que tendo em conta a orgânica do actual Governo ocupa o segundo lugar na hierarquia da equipa chefiada por Montenegro, irá, assim, liderar o executivo durante duas semanas.

Enquanto o líder do executivo estiver a gozar um período de descanso – deverá rumar ao Sul de Portugal –, caberá a Paulo Rangel presidir às reuniões do Conselho de Ministros que venham a decorrer nesses dias.

Depois de, nesta semana que agora termina, não ter decorrido a habitual reunião ministerial, o PÚBLICO apurou que, ao longo do mês de Agosto, haverá pelo menos um Conselho de Ministros, faltando ainda saber quando (em que semana) se realizará, mas também se poderá haver outro ou outros encontros entre os ministros.

Não será a primeira vez que um ministro assume a presidência do actual Conselho de Ministros. Na segunda semana de Julho, o primeiro-ministro deslocou-se a Washington para participar na cimeira da NATO, tendo então sido acompanhado pelo ministro da Defesa, Nuno Melo, e pelo chefe da diplomacia portuguesa.

Como Paulo Rangel estava com Montenegro na capital norte-americana, acabou por ser Joaquim Miranda Sarmento, ministro de Estado e das Finanças e que ocupa o terceiro posto na hierarquia do Governo, a presidir à reunião do Conselho de Ministros que decorreu a 11 de Julho.

Miranda Sarmento e os recados para Setembro

A semana política



São José Almeida

A abrir o mês de Agosto e as férias da política, o ministro de Estado e das Finanças, Joaquim Miranda Sarmento, decidiu deixar os recados do Governo para as negociações sobre o Orçamento do Estado para 2025, que se realizarão em Setembro. Fê-lo na entrevista que deu, na Hora da Verdade, aos jornalistas David Santiago, do PÚBLICO, e Susana Martins, da Rádio Renascença, na quinta-feira.

É uma entrevista inteligentemente preparada, profundamente política, sem nunca sair do guião que o ministro de Estado e das Finanças levava preparado e em que fez questão de frisar aqueles que são os limites negociais da parte do Governo liderado por Luís Montenegro. E, curiosamente, é de salientar que Joaquim Miranda Sarmento até vai mais longe do que aquilo que o primeiro-ministro tem indiciado, quanto à possibilidade de o Governo do PSD e do CDS se demitir e atirar o país para novas eleições legislativas antecipadas, no caso de o Orçamento do Estado para o próximo ano chumbar na Assembleia da República.

Uma ameaça que faz de forma não estridente, mas clara. "Se desvirtuar, obviamente que o Governo terá de perguntar aos portugueses se aceitam ter um Orçamento que, primeiro, possa pôr em causa o equilíbrio das contas públicas e, segundo, um Orçamento que não reflecte aquilo que foi o programa eleitoral", começa por dizer Joaquim Miranda Sarmento, para de imediato, e perante a pergunta sobre se está a falar de eleições antecipadas, deixar a ideia no ar: "Isso é uma decisão que teremos de tomar. Não vale a pena especular sobre cenários que ainda não existem."

Tendo como mote central a ideia de que "o Programa do Governo não pode ser desvirtuado" pelas negociações e alterações, propostas pelos partidos da oposição parlamentar, à proposta de Orçamento do Estado para 2025



RUI GAUDÊNCIO

– ideia que repetiu inúmeras vezes –, o ministro de Estado e das Finanças marcou assim a linha vermelha principal do executivo em relação às negociações.

Manifestando abertura para acatar propostas dos partidos de oposição parlamentar, sobretudo do PS e do Chega, partidos que podem viabilizar ou chumbar a proposta de Orçamento do Estado para 2025, Joaquim Miranda Sarmento frisou que "o Governo tem alguma margem para acomodar propostas e tem alguma margem para calibrar as suas", admitindo mesmo abertura para alterar, previamente, as propostas de lei de autorização legislativa sobre IRC e IRS Jovem, que o PS tem criticado e quer ver mudadas.

"Nós estamos disponíveis para calibrar aquilo que são as duas propostas, a descida do IRC e o IRS Jovem, mas sem deixar cair o princípio e a base fundamental dessas medidas. O IRC terá de descer e o IRS Jovem terá de ser aplicado. Depois, [temos] o gradualismo da aplicação. Podemos, temos e devemos ter margem para negociar, porque são as duas medidas de que claramente o PS discorda", reconheceu o ministro de Estado e das Finanças, demonstrando a forma como o Governo valoriza e quer negociar a viabilização da proposta de Orçamento do Estado para 2025 com os socialistas.

Joaquim Miranda Sarmento assumiu até qual é o limite financeiro que o Governo preparara para abrir os cordões à bolsa, de modo a satisfazer o PS ou o Chega e a garantir que as contas públicas para o próximo ano passam na Assembleia. A saber: "A margem orçamental, ou seja, os milhões de euros que podem ser sujeitos a novas medidas ou medidas de calibração diferente, é curta." E tratou de concretizar esse valor: "Estamos confiantes de que este ano e no próximo ano teremos um excedente orçamental em torno de 0,2-0,3%. E essa é a responsabilidade do Governo. A responsabilidade de quem está na oposição é perceber que a margem orçamental para negociar, se não quisermos ter défices, não é ilimitada, não é muito elevada. Está dentro destes parâmetros."

Com as cartas postas na mesa, nesta entrevista, pelo ministro de Estado e das Finanças, o Governo procura continuar a esticar a corda e criar, perante o país, uma imagem de que a oposição, em particular o PS, é que tem de ceder e viabilizar a proposta de Orçamento do Estado para 2025. É, aliás, sintomático o facto de Joaquim Miranda Sarmento ter feito questão de usar o termo "desvirtuado", que reconhece ser de António Guterres, quando primeiro-ministro de governos minoritários. Assim como é significativo que lembre que o PSD de Marcelo Rebelo de Sousa viabilizou três orçamentos do Estado do primeiro Governo socialista de António Guterres. Uma colagem algo exagerada, já que nessa legislatura, que decorreu entre 1995 e 1999, o PS tinha uma bancada de 112 deputados contra 88 do PSD, ou seja, não tinha a fragilidade parlamentar do actual Governo.

> **Luís Montenegro e Pedro Nuno Santos irão falar de propostas e aproximações concretas e possíveis. Falar como adultos e políticos de bom senso, que conhecem as respectivas fragilidades e dificuldades**

O executivo liderado por Luís Montenegro vai precisar de fazer mais e melhor do que continuar a exercer pressão sobre o PS para aprovar o Orçamento. Negociar migalhas não é possível. Perante pressão sem cedências reais, o PS só pode dizer não. Joaquim Miranda Sarmento sabe isso, daí que assuma que o Governo tem margem, por muito que diga que seja curta. Até porque o que é facto é que, por mais pressão que o Governo pretenda fazer sobre o PS e sobre o seu líder, Pedro Nuno Santos, não é sério, nem legítimo, que o executivo exija que os socialistas viabilizem a proposta de Orçamento do Estado para 2025 sem que consigam ganhos reais no que diz respeito a verem aceites, pela equipa ministerial liderada por Luís Montenegro, propostas de alteração que permitam uma verdadeira aproximação. Nomeadamente no que diz respeito às alterações ao IRC e ao IRS Jovem.

Em Setembro, quando se sentarem à mesa, frente a frente, Luís Montenegro e Pedro Nuno Santos irão falar de propostas e aproximações concretas e possíveis. Falar como adultos e políticos de bom senso, que conhecem as respectivas fragilidades e dificuldades na situação actual. Longe das câmaras e dos microfones dos jornalistas, poderão abrir o jogo e chegar a pontos de acordo, sem terem de fazer teatro e declarações grandiloquentes para afirmarem poder e medirem forças perante o país. Isto se, de facto, ambos tiverem bom senso e não quiserem atirar o país para mais umas eleições legislativas antecipadas.

***P.S.* – A Semana Política regressa a 28 de Setembro.**

Jornalista. Escreve ao sábado

Estado rescinde contratos dos bingos fechados. Dívida atinge os 6,1 milhões

As salas dos bingos de Almada, Odivelas, Boavista (Porto) e Olhão (Algarve) foram concessionadas, mas continuam fechadas. Estado quere-as de volta

Sónia Trigueirão

O secretário de Estado do Turismo, Pedro Machado, deu ordens ao Turismo de Portugal para avançar com a rescisão dos contratos de salas de bingos que foram concessionadas, algumas há quatro anos e outras há dois anos, que se encontram encerradas sem previsão de abertura. Estão, para já, em causa as salas de Almada, Odivelas, Boavista (Porto) e Olhão (Algarve).

Estas ordens foram dadas, segundo apurou o PÚBLICO, numa altura em que a dívida dos bingos ao Estado já ultrapassou os 6,1 milhões de euros e depois de o governante se ter reunido com os trabalhadores do sector.

Já passou um ano e três meses desde que o anterior secretário de Estado do Turismo, Nuno Fazenda, deu um mês ao Turismo de Portugal para que encetasse uma série de medidas que visavam pôr o negócio dos bingos na ordem. Na altura, a dívida estava nos quatro milhões de euros.

Segundo dados do Serviço de Regulação e Inspecção de Jogos (SRIJ), estão atribuídas 11 salas de bingo, mas na realidade a funcionar estão apenas seis: Panda, Belenenses e Amadora na zona de Lisboa, Amora (Seixal), a sala da Nazaré e a Trindade, que é no Porto. Nos primeiros seis meses do ano, estas concessões apresentaram uma receita bruta de 13.372.470 milhões de euros, um valor ligeiramente abaixo do ano passado, que, no mesmo período, foi de 13.482.698 milhões de euros.

Quanto aos bingos que devem voltar para as mãos do Estado, por não estarem abertos ao público apesar de terem sido concessionados, pertencem todos ao mesmo empresário espanhol: José Vall Royuela, administrador e proprietário do Grupo Valisa, com sede em Barcelona, e presidente da Associação Espanhola de Empresários de Salões de Jogos e Recreativos (ANESAR). Em Portugal, José Vall Royuela tem a concessão das salas de bingo do Belenenses e do Benfica (em Lisboa), do Boavista (Porto), das salas de Odivelas, Almada, Olhão (Algarve) e de Nazaré. As concessões são detidas através de empresas com nomes diferentes, mas que têm participações umas nas outras.

A sala de Odivelas foi concessionada à Grapixtel a 3 de Junho de 2020. O contrato termina a 2 de Junho de 2030, mas nunca abriu e tem mais de 20 mil euros para pagar relativos à contrapartida inicial. A justificação dada ao Turismo de Portugal para não abrir logo foi que o espaço onde se previa que fosse instalada ainda não reunia as condições mínimas, carecendo de intervenções diversas.

Já o bingo de Almada foi concessionado à Zosteguir e o contrato foi celebrado em Junho de 2020, com término a 11 de Junho de 2030. Esta sala chegou a funcionar entre 25 de Junho de 2020 e 15 de Janeiro de 2021, mas depois fechou e nunca mais abriu. Segundo dados do SRIJ, a Zosteguir deve ao Estado mais de 102 mil euros.

As salas de jogo do bingo da Boavista, no Porto, e do bingo de Olhão, no Algarve, foram entregues à Venistiplet em Março de 2022, terminando o seu prazo a 23 de Março de 2032. A sala de Olhão devia ter aberto em Outubro do ano passado e a do Boavista não chegou a abrir.

Reavaliação das concessões

Em 2023, as salas de jogo do Benfica, em Lisboa, e da Nazaré foram atribuídas também à Venistiplet, que é do mesmo empresário espanhol. O bingo da Nazaré abriu em Outubro do ano passado, mas da sala de Benfica nada se sabe.

A sala do Belenenses está a funcionar, mas também não goza de muita boa saúde financeira. Na reunião que tiveram com Pedro Machado, no dia 15 de Maio, os trabalhadores voltaram a alertar para o facto de este bingo ter a conta penhorada por causa de dívidas à Autoridade Tributária (AT) e de há vários meses os mais de 60 funcionários receberem os seus salários em dinheiro. Acresce que o senhorio comunicou há meses a intenção de avançar com uma ordem de despejo por causa das rendas em atraso – cerca de 1,2 milhões de euros.

Ao PÚBLICO, o Ministério da Economia diz que "nos seus primeiros quatro meses de mandato tem vindo a acompanhar e a monitorizar de perto a actividade dos bingos, tendo já se reunido com duas das estruturas representantes dos trabalhadores, no sentido de identificar as medidas mais urgentes a implementar". Além disso, o ministério também sublinha que "o Governo tem abertura para, em conjunto com o SRIJ e os concessionários, por intermédio da Associação Portuguesa de Bingos, discutir e procurar formas de dinamizar o jogo do bingo" e que "esse trabalho de revisitação da actividade está em curso".

O ministério confirmou também que está em curso "uma reavaliação das concessões em que estão identificados incumprimentos contratuais", sublinhando que, "no âmbito das respectivas atribuições e competências legais, o SRIJ acompanha e fiscaliza a actividade do jogo do bingo e as situações de incumprimento, quando detectadas, seguem a sua tramitação processual de acordo com o enquadramento legal vigente".

O PÚBLICO sabe que os representantes do grupo espanhol já foram chamados ao Turismo de Portugal para uma audiência prévia, obedecendo aos trâmites legais depois de notificados da intenção de terminar com as concessões dos bingos que estão sem actividade.

Quanto a medidas para tornar o sector mais atractivo, o PÚBLICO sabe que foram várias as sugestões lançadas para cima da mesa do secretário de Estado. Aliás, a Associação Portuguesa de Bingos (APB) já tinha apresentado ao anterior executivo um memorando onde explicava que "uma elevada tributação sobre o jogo do bingo era dissuasora". Segundo a APB, "tendo em conta a redução do número de jogadores e dos montantes jogados, deveria ser substancialmente reduzido, ou mesmo anulado, o imposto sobre os prémios por este diminuir o valor dos mesmos e assim reduzir a atractividade para os jogadores". Tratando-se de um jogo de entretenimento, "quanto maior o montante distribuído em prémios, maior o tempo de permanência dos jogadores nas salas", argumenta.

Neste sentido, a APB sugeria a eliminação das limitações ao anúncio e a promoção do jogo do bingo e que os investimentos das concessionárias na renovação das salas (mobiliário, monitores de TV, máquinas de jogo...) passassem a constituir património das empresas e não do Estado. A ABP sugeria ainda o fim da tributação directa sobre os prémios de jogo, a redução do imposto sobre a receita bruta de 10% para 5% e, por último, que fossem autorizados a instalar jogos electrónicos recreativos e lançar apostas desportivas.

RUI GAUDÊNCIO



A dívida dos bingos tem vindo a aumentar

Receitas brutas nos bingos

Até Junho de 2024
Valores em milhões de euros: 13.372.470 (total)

Pauta das Flores-Porto (Trindade)	4.018.984
Iutrinédito-Amadora	2.881.128
Surpresa Secreta- Amora	2.146.723
Belbingo-Lisboa (Belenenses)	2.085.836
Saviotti- Lisboa (Panda)	2.046.682
Venistiplet-Nazaré*	193.117

Até Junho de 2023
Valores em milhões de euros: 13.482.698 (total)

Pauta das Flores-Porto (Trindade)	4.303.844
Iutrinédito-Amadora	2.466.963
Belbingo-Lisboa (Belenenses)	2.161.068
Saviotti- Lisboa (Panda)	1.986.270
Surpresa Secreta- Amora	1.849.903
Vitória Futebol Clube de Setúbal**	714.650

*O bingo da Nazaré abriu em Outubro de 2023. ** O bingo do Vitória de Setúbal fechou no início de 2024

Fonte: Serviço de Regulação e Inspecção de Jogos (SRIJ) PÚBLICO

Numa década, número de doutorados em Portugal cresceu 73% e ultrapassou os 43 mil

Cristiana Faria Moreira

Há uma pressão para avançar nos estudos, para "manter um certo valor do capital escolar no mercado de trabalho", diz sociólogo

Entre 2012 e 2023, o número de doutorados residentes em Portugal aumentou 73%, chegando aos 43.173. O cálculo é da Direcção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC) – ainda provisório – consta no Inquérito aos Doutorados 2023, feito entre Abril e Julho, que olha para o percurso académico e profissional dos titulares de doutoramento com menos de 70 anos que residiam de forma permanente ou temporária em Portugal e independentemente de o seu título ter sido obtido no país ou no estrangeiro.

À semelhança do que fora já registado no último inquérito, de 2020, havia mais mulheres doutoradas (51%) do que homens (49%), contrariamente à tendência verificada nas edições anteriores desta consulta, em 2012 e em 2015, embora nestes anos se fosse já registando uma maior aproximação, reflectindo a realidade de outros níveis do ensino superior, também mais frequentados por mulheres.

Haverá vários factores para explicar este aumento do número de doutorados, mas um que é "estrutural" prende-se com o aumento do número de alunos que prosseguem para o ensino superior. "A maior parte dos jovens, entre os 18 e os 24 anos, está no ensino superior e isso faz com que haja também uma pressão para que frequentem níveis posteriores, de pós-graduação, de mestrado, e mesmo de doutoramento. Até porque hoje há a consciência de que é preciso acumular cada vez mais títulos para tentar manter um certo valor do capital escolar no mercado de trabalho", enquadra João Teixeira Lopes.

O sociólogo aponta ainda uma modificação em alguns sectores da estrutura produtiva, ainda que "minoritários", que fazem investigação e que precisam de investigadores doutorados. É o caso de empresas e instituições das áreas das ciências da vida, medicina, farmácia e neurociências, exemplifica.

De acordo com os dados do Inquérito, as ciências exactas e naturais são aquelas que absorvem mais doutorados (28%), logo seguidas pelas ciências sociais (25%), pelas ciências da engenharia e tecnologias (19%) e só depois pelas ciências médicas e da saúde (12%). O número de doutoramentos realizados nas instituições de ensino superior em Portugal tem também vindo a aumentar, embora não de forma constante. No ano lectivo 2022/2023, foram concluídos 2398 doutoramentos. Dez anos antes, tinham sido concluídos 2463.



O doutoramento continua a garantir salários mais elevados

As Estatísticas da Educação mostram que, no ano lectivo passado, estavam a frequentar o doutoramento 25.202 estudantes. Recuando a 2012/2013, eram 18.584. Quanto a novos inscritos, no ano lectivo passado foram 6180. Há uma década, eram 4575. Os dados preliminares do inquérito, cujos resultados definitivos deverão ser publicados no final do ano, mostram ainda que a maioria dos doutorados estava empregada (95%) e trabalhava em universidades e institutos politécnicos (77%), com os restantes a concentrarem-se no sector do Estado (11%), em empresas (10%) e em Instituições Privadas Sem Fins Lucrativos (3%).

A DGEEC salienta, porém, que nos últimos dois anos houve "uma diminuição do peso" de doutorados no ensino superior "em detrimento de um aumento no sector das empresas" e destas instituições. "Continuamos a ter empresas que não valorizam suficientemente o capital escolar. É verdade que se deu um passo, por exemplo, ao reconhecer na administração pública o doutoramento. Quem tem o doutoramento ganha um pouco mais. Mas não me parece que [o prosseguimento para o doutoramento] seja tanto pelo salário. Será mais pelo facto de existirem alguns nichos, onde ter um doutoramento é um factor de qualificação, estando também ligado também a uma actividade económica que exige investigação", observa.

Os dados preliminares não avançam o número de doutorados estrangeiros a residir no país, mas na última edição do inquérito, em 2020, tinham apenas um peso de 6%. Porém, há o caminho inverso. Há jovens que concluem a sua formação académica, o seu doutoramento, e acabam por emigrar, onde encontram carreiras e salários mais atractivos – a chamada "emigração qualificada". "Os jovens emigram porque não conseguem, com doutoramento, ter cá um salário equivalente àquele que têm noutros países europeus", nota João Teixeira Lopes.

Para o sociólogo, o número de doutorados poderia ser mais expressivo se Portugal tivesse um sistema científico e de investigação mais robusto e se houvesse "carreira de investigador nas universidades ou se as empresas contratassem mais doutorados, ou até se a valorização na administração pública fosse maior".

Crianças sem vaga no pré-escolar poderão continuar na creche. Governo anterior "não acautelou" aumento da procura

Clara Viana

As crianças beneficiárias do programa Creche Feliz poderão "excepcionalmente continuar a frequentar a creche" mesmo após os três anos de idade, caso não tenham vagas na educação pré-escolar.

Em comunicado enviado ao final do dia de ontem, os ministérios da Educação e do Trabalho e Segurança Social indicam que esta permanência "será assegurada" às crianças que beneficiem do programa Creche Feliz, lançado em 2021, que completem três anos entre 16 de Setembro e 31 de Dezembro.

Segundo os últimos dados divulgados pelo Instituto da Segurança Social, quase 98 mil crianças dos 0 aos 3 anos beneficiam actualmente do programa que garante a frequência gratuita das creches.

No comunicado divulgado ontem frisa-se que o objectivo principal é o de conseguir que as crianças com três anos "prossigam o seu percurso na educação pré-escolar". "Caso não haja resposta na rede pública ou no sector social e solidário da freguesia onde se situa o estabelecimento de ensino, a transição para a educação pré-escolar no sector privado será considerada como uma solução subsidiária", especifica-se.

Só quando não for possível assegurar uma destas alternativas é que será permitido o prolongamento de frequência da creche, o que poderá sobrecarregar ainda mais uma oferta já no limite devido ao aumento do número de crianças.

Em Junho, o Ministério da Educação, Ciência e Inovação (MECI) adiantou que faltavm "mais de 19.600 lugares" para garantir a todas



Creche Feliz abrange quase 98 mil crianças dos 0 aos 3 anos

as crianças de três anos um lugar no pré-escolar, criticando o anterior executivo por não ter acautelado o previsto crescimento de procura por vagas nas crianças com 3 anos, que saem das creches gratuitas: "É grave e incompreensível."

Na altura, o Governo criou um grupo interministerial com a missão de fazer "um diagnóstico detalhado da rede existente de estabelecimentos de creche e de jardins-de-infância" e apresentar "um plano de acção que garanta a gratuitidade na educação pré-escolar em 2024/2025 para as crianças abrangidas pelo programa Creche Feliz".

O anúncio de ontem tem na base este levantamento, que já foi entregue ao Governo, que, contudo, não divulgou os dados apurados, nomeadamente no que respeita às vagas existentes. "Graças a esse diagnóstico, feito pela primeira vez, o Governo está agora em condições de poder encontrar soluções em articulação com as autarquias e todas as entidades a nível local, para que as crianças que fazem três anos possam continuar o seu percurso educativo", destaca-se no comunicado.

Mesmo sem aumento da procura aos três anos, como agora se perspectiva, milhares de crianças com esta idade têm ficado, todos os anos, sem vaga no pré-escolar.

Ao contrário do que acontece com as crianças de 4 e 5 anos, o Estado não está obrigado a garantir um lugar aos mais novos, uma vez que a universalização da educação pré-escolar ainda não os abrange, apesar de os Governos socialistas se terem comprometido a fazê-lo até 2020.

Dez grávidas de Leiria vão ter bebés em hospital do Porto, a 200km de distância

Alexandra Campos

Dos 43 serviços de urgência de ginecologia-obstetrícia do país, oito fecham no fim-de-semana. Em Leiria, a maternidade fecha até 19



NELSON GARRIDO

No fim-de-semana, vão estar fechados em todo o país 11 serviços de urgência, no sábado, e 13 no domingo

Os próximos dias vão ser complicados para as mulheres que se encontram no final da gravidez na região de Leiria. Confrontada com o encerramento do serviço de urgência de ginecologia-obstetrícia do Hospital de Santo André (Leiria) durante duas semanas, até ao dia 19, por falta de médicos em número suficiente para assegurar os turnos, a Direcção Executiva do Serviço Nacional de Saúde (SNS) decidiu enviar os casos mais complexos, que implicam cesarianas programadas, para o Centro Materno Infantil do Porto, a quase 200 quilómetros de distância, com o acordo da mulheres. Em caso de doença ginecológica, os atendimentos urgentes serão assegurados pelos hospitais de Coimbra.

O transporte de dez mulheres com partos programados para os próximos dias será acautelado pela Unidade Local de Saúde de Leiria, em que está integrado o Hospital de Santo André, estando "as grávidas e respectivas famílias satisfeitas com a alternativa que lhes foi apresentada", explica a Direcção Executiva do Serviço Nacional de Saúde (DE-SNS), num esclarecimento em que confirma que o serviço de urgência de ginecologia-obstetrícia do hospital de Leiria estará encerrado desde esta sexta-feira, dia 2, até ao próximo dia 19, devido à "indisponibilidade dos recursos humanos necessários para garantir o serviço durante este período de férias de Verão".

A situação do hospital de Leiria é a mais complicada a nível nacional, numa altura em que tradicionalmente se agudiza a falta de médicos especialistas, obrigando vários hospitais, sobretudo na região de Lisboa e Vale do Tejo, a encerrar serviços de urgência não só de ginecologia-obstetrícia, mas também de pediatria.

Neste fim-de-semana, de acordo com a informação disponível no portal do SNS, vão estar fechados em todo o país 11 serviços de urgência (hoje) e 13, amanhã. Lisboa e Vale do Tejo é a região mais afectada, ainda que o caso de Leiria seja o mais complexo devido à duração do encerramento da maternidade.

No esclarecimento, a DE-SNS sublinha que o planeamento das urgências de ginecologia e obstetrícia em LVT para o próximo fim-de semana "está de acordo com previsto e com o que tem acontecido nas últimas semanas, tendo em conta as especificidades dos meses de Verão, período em que muitas das equipas médicas se encontram de férias". Precisa que hoje e amanhã, em Lisboa e Vale do Tejo, "estarão abertos oito serviços de urgência de ginecologia e obstetrícia e seis estarão encerrados ao público".

Em todo o país, acrescenta, "dos 43 serviços de urgência de ginecologia e obstetrícia, 35 estarão abertos no fim-de-semana e oito encerrados". A DE-SNS volta a destacar a necessidade de se ligar sempre para a Linha SOS Grávida e recorda que "em apenas três meses este gesto reencaminhou cerca de 16 mil grávidas para os cuidados de saúde mais adequados".

O esclarecimento surge depois de a Ordem dos Médicos (OM), dos deputados do PSD eleitos por Leiria e do presidente da Comunidade Intermunicipal do distrito terem chamado a atenção para a gravidade da situação e apelado ao Ministério da Saúde e à Direcção Executiva para que encontrem alternativas.

PSD questiona ministra

"Não podemos privar toda uma região de aceder às urgências de obstetrícia durante 18 dias, obrigando as grávidas e doentes a deslocarem-se até Coimbra, que fica a mais duas horas de distância em alguns casos e ao Porto para situações de cuidados programados", defendeu o bastonário da OM, Carlos Cortes, citado no comunicado. "É preciso planeamento no tempo certo, porque não é novidade que o Verão é um período delicado para o SNS, tal como o será o Inverno", enfatizou o bastonário. E insistiu na necessidade de "medidas urgentes que proporcionem boas condições de trabalho e que valorizem os médicos".

Também o presidente da Comunidade Intermunicipal da Região de Leiria, Gonçalo Lopes, se mostrou preocupado com o encerramento da urgência de ginecologia-obstetrícia de Leiria, depois de os deputados do PSD eleitos pelo distrito terem alertado para a situação e enviado uma pergunta à ministra da Saúde em que a questionam sobre os "constrangimentos nos hospitais de Leiria e das Caldas da Rainha". "Sabemos que há falta de médicos especialistas nesta área; no entanto, assim como foram encontradas soluções no âmbito da Bata Branca, nomeadamente no caso de Leiria, tem de existir um reforço de financiamento e de atracção de médicos em períodos críticos em hospitais como o de Leiria", lembrou Gonçalo Lopes.

Na pergunta à tutela, os cinco parlamentares sociais-democratas eleitos por Leiria referem que "a prestação dos cuidados de saúde no distrito de Leiria, e em particular nos concelhos de Leiria e das Caldas da Rainha, tem vindo a degradar-se e a criar uma incapacidade de dar respostas efectivas às necessidades dos utentes, gerando até um clima de insegurança perante o cenário".

A Unidade Local de Saúde de Leiria confirmou à Lusa o encerramento do seu serviço de urgência ginecológica/obstétrica desde as 9h00 de ontem e as 9h00 do dia 19 de Agosto, justificando-o com a "falta de recursos humanos". Um encerramento que "já estava programado de forma a dar uma resposta consistente às utentes e grávidas até ao final do presente ano" e que foi "articulado com a ULS de Coimbra". As pessoas devem ligar previamente para a Linha SNS Grávida (808 24 24 24) para serem encaminhadas.

Em todo o país, e de acordo com a informação publicada no Portal do SNS, vão estar fechadas neste fim-de-semana as urgências de ginecologia e obstetrícia nos hospitais Garcia de Orta (Almada), Fernando Fonseca (Amadora-Sintra), São Francisco Xavier (Lisboa), Beatriz Ângelo (Loures), São Bernardo (Setúbal), e Santo André (Leiria). No Algarve, no Hospital de Portimão vai estar encerrada a urgência de obstetrícia.

Vão ainda estar encerradas as urgências pediátricas nos hospitais de Chaves, de Setúbal, de Leiria (amanhã) e de Torres Novas (amanhã). **com Lusa**

Plano nacional para incentivar portugueses a pedalar continua a marcar passo

Publicada há cinco anos, Estratégia Nacional para a Mobilidade Activa Ciclável continua com poucos meios. Metas para 2025 não serão cumpridas

Camilo Soldado

"Quando foi publicada, ficámos cheios de esperança. Ao fim de cinco anos, vemos tudo demasiado parado." O tom do começo de conversa com o dirigente da Federação Portuguesa de Cicloturismo e Utilizadores de Bicicleta (FPCUB), Mário de Meireles, não promete um balanço muito positivo sobre a Estratégia Nacional para a Mobilidade Activa Ciclável (ENMAC) para 2030. O responsável considera que o documento publicado em *Diário da República* no dia 2 de Agosto de 2019 merecia "maior carinho político e maior implementação".

De resto, o balanço não é muito diferente do da dirigente da Associação para a Mobilidade Urbana em Bicicleta (MUBI), Vera Diogo. "Praticamente nada foi feito. Nem sequer há uma calendarização para a execução das medidas. Também não há formas de concertação entre as várias entidades envolvidas. É um balanço muito negativo, não dá para fazer outro resumo."

Olhando para os dados disponíveis, ambos concluem que é praticamente impossível cumprir as metas intercalares da estratégia, que estavam apontadas para 2025. Na verdade, nos últimos anos, as duas associações têm aproveitado todos as oportunidades para avisar que, sem calendarização nem orçamento, seria impossível atingir as metas de utilização de bicicleta, extensão da rede de ciclovias ou de redução da sinistralidade entre quem pedala. E fizeram-no nas vésperas das eleições, nos aniversários da publicação da estratégia ou na semana europeia da mobilidade.

Nesta semana, a MUBI partilhou uma carta aberta com as mesmas preocupações, desta vez tendo como destinatário o ministro das Infra-Estruturas e Habitação (MIH), Miguel Pinto Luz, e secretária de Estado da Mobilidade, Cristina Pinto Dias, acabados de chegar ao Governo. No texto, a associação assinalava que "escassos recursos" e falta de "liderança política" dão apenas uma certeza: a de que as metas do próximo ano não serão alcançadas. E por larga margem.

Contactado pelo PÚBLICO, o ministério não se compromete a disponibilizar fundos para implementar a estratégica. O MIH também não prevê reforçar o Grupo de Projecto da Mobilidade Activa, responsável por promover a implementação da estratégia. O grupo coordenado por Sofia Bento conta com quatro técnicos.

Mais mortos, mais feridos

No papel, os objectivos eram ambiciosos, mas a "sinistralidade rodoviária de ciclistas" tem vindo a aumentar e a afastar-se das metas (que estabeleciam reduções de 25% em 2025 e de 50% em 2030). Nas estradas, há mais mortos e mais feridos entre quem anda de bicicleta. Os últimos dados disponíveis são relativos a 2022 e mostram que, com excepção de uma quebra pandémica, a tendência tem sido de aumento.

Em 2019, houve um total de 2320 vítimas entre os utilizadores de bicicleta. Em 2022, o último ano do qual a Autoridade Nacional de Segurança Rodoviária (ANSR) tem números de vítimas a 30 dias, a soma de vítimas mortais, feridos graves e ligeiros dá 2958 registos. Havia 19 vítimas mortais em 2019 e 31 em 2022. Isto significa um aumento de 14,8%. Houve também registo de 121 feridos graves em 2019 e de 149 em 2022.

Os dados já disponíveis relativos a 2023 mostram que o número total de vítimas entre velocípedes é o mais alto desde 2019. Mas as 3172 vítimas (26 das quais mortais) são registos da sinistralidade a 24 horas e só para o continente, o que significa que, provavelmente, quando forem publicados os dados a 30 dias, o cenário será ainda mais negro.

O PÚBLICO pediu números relativos a 2023 à ANSR, mas não obteve resposta. Também por responder ficou a questão sobre a revisão do Código da Estrada preconizada pela ENMAC 2030. Na estratégia defendia-se que, apesar de revisões recentes do código terem garantido "mais direitos aos utilizadores vulneráveis", havia ainda "aspectos a rever", que as novas regras constituíssem um "Código da Rua".

Apesar de o Código da Estrada ter sofrido algumas alterações em 2021, as associações consideram-nas insuficientes. Houve também algumas alterações ao Regulamento de Sinalização de Trânsito.

Quantos quilómetros?

A construção de redes de ciclovias seguras e com boas ligações é apontada como elemento essencial para reduzir a sinistralidade, mas também neste campo Portugal continua sem os avanços necessários.

Quando a pergunta é sobre a totalidade da extensão das ciclovias no país, é difícil fazer um ponto de situação. Nem o MIH, que agora tem a pasta da Mobilidade, tem dados actualizados. Estava previsto que, de 2062 quilómetros em 2019, o país passasse para 5000 quilómetros de ciclovias em 2025 e atingisse 10 mil quilómetros até ao final da década.

Ao PÚBLICO, o gabinete de imprensa do ministério de Miguel Pinto Luz refere apenas que o GPMA "está a trabalhar" com a Infra-Estruturas de Portugal para, em colaboração com as comunidades intermunicipais e municípios "fazer o mapeamento nacional dos percursos cicláveis, através de uma ferramenta de sistema de informação geográfica. Essa informação, acrescenta, ficará disponível no *site* da mobilidade activa.

Os dados mais recentes são da Federação Europeia de Ciclistas (ECF, na sigla em inglês), mas mesmo estes dados têm limitações. Em 2023, a federação publicou um instrumento de medição de extensão de ciclovias na Europa, onde Portugal surge com 2493 quilómetros. O país teria de duplicar este indicador para cumprir a meta intercalar. No entanto, a fonte de informação da ECF, que inclui vias partilhadas e de estradas de acesso limitado, é o OpenStreetMap e pode estar desactualizada ou incompleta.



Em Portugal, a utilização da bicicleta continua longe das metas, com prejuízo para o ambiente urbano e para a saúde

Segundo dados de 2023 da Federação Europeia de Ciclistas, Portugal tem 2493 quilómetros de extensão de ciclovias. O país teria de duplicar este indicador para cumprir a meta intercalar

A existência de dados oficiais, sublinha Vera Diogo, seria "importante para a definição de políticas". Sem informação, avisa, não é possível saber o que leva as pessoas a andar ou não de bicicleta, a optar por outros modos de transporte.

É por causa dessa insuficiência de respostas que um conjunto de associações lançou o primeiro Barómetro da Bicicleta, acrescenta Mário Meireles, que esteve envolvido na criação da ferramenta. Os resultados dos inquéritos mostram que demasiado trânsito e mau desenho das ruas são obstáculos à utilização da bicicleta em meio urbano.

O Fundo Ambiental até abriu dois avisos (em 2019 e 2020) no âmbito do programa Portugal Ciclável 2030, para construção de ligações cicláveis entre grandes centros urbanos. No total, foram aprovadas 16 candidaturas, a maior parte das quais nas áreas

FOTOS: RUI GAUDÊNCIO



Portugal não deverá atingir metas da estratégia para impulsionar uso da bicicleta

	2019	2020	2021	2022	METAS 2025	METAS 2030
Repartição modal	0,5%*		0,6%**		3%	7,5%
Extensão de ciclovias (km)	*2062*			*S.d.*	*5000*	*10.000*
Sinistralidade de velocípedes						
Vítimas mortais	27	19	34	31		
Feridos graves	121	120	147	149	*-25%*	*-50%*
Feridos ligeiros	2172	2170	2568	2778		

*Censos 2011; **Dados dos Censos 2021; S.d.: Sem dados

Fontes: Estratégia Nacional para a Mobilidade Activa Ciclável 2030, Censos 2021, Relatórios de Sinistralidade Rodoviária ANSR

PÚBLICO

metropolitanas de Lisboa e Porto. Apesar do investimento prometido e dos anos que passaram, várias destas ligações, cuja construção contribuiria para que o país se aproximasse da meta da ENMAC, continuam por concluir.

Também não é possível fazer um retrato do grau de execução destes projectos. Apesar da insistência, o Ministério do Ambiente e Energia (MAE) não respondeu ao pedido de informação do PÚBLICO.

Ainda assim, é seguro afirmar que o programa não está concluído. A empreitada de uma das ligações financiadas, entre Porto e Matosinhos, só deve começar em 2025, apesar de ter data inicial de conclusão apontada para 2023. Outra história é a da ligação entre Porto e Gondomar, que tinha fundos garantidos também assegurado por este programa, mas as autarquias desentenderam-se e o projecto caiu.



Eclipse dos apoios

2024 trouxe uma novidade no apoio estatal à compra de bicicletas, que tinha vindo a ser garantido pelo Fundo Ambiental: pela primeira vez desde 2019, não existiu. No *site* do Fundo, informa-se apenas que este apoio não foi previsto no orçamento para 2024 deixado pelo Governo anterior.

Apesar disso, será possível abrir apoios para aquisição de bicicletas este ano? O Governo tem a intenção de apoiar a compra no futuro? São perguntas que ficam sem resposta do gabinete de imprensa do ministério de Maria da Graça Carvalho. Em Junho, o MAE anunciava que iria rever o orçamento do Fundo Ambiental para 2024.

Por isso, associações do sector têm perguntado pelo restabelecimento do apoio, também sem sucesso. Mário Meireles considera que, a confirmar-se que este ano não existe apoio, "é um retrocesso". E mesmo só o incentivo à compra já era insuficiente. "Falta um incentivo à utilização, como existe em França, em que se paga por quilómetro pedalado até ao máximo de 500 euros por ano", sugere, alargando o campo das possibilidades.

Conjugar estas medidas com a construção de ciclovias seria importante para reduzir as viagens de carro nas cidades. O investimento seria recuperado com ganhos na poluição sonora, do ar, com população mais saudável, com menos problemas cardíacos por conta do exercício físico, exemplifica. Havendo vias seguras para todos, poupar-se-ia no custo social da sinistralidade, acrescenta. A lista de benefícios continuaria.

Na resposta que dá ao PÚBLICO, o MIH refere apenas que vai trabalhar para que as metas da ENMAC "possam ser atingidas", "desenvolvendo" as medidas previstas e "dinamizando" investimento. Não diz como nem com que montante. Acrescenta que, ainda este ano, vai apresentar "o pacote da Mobilidade Verde – passageiros", no qual se contam medidas de apoio, mas não avançou mais detalhes.

E agora?

Vera Diogo diz que houve uma "falha geral" na implementação da ENMAC, embora saliente que a "medida que mais evoluiu" foi o programa Sobre Rodas, desenvolvido pela Direcção-Geral da Educação para educar sobre o uso da bicicleta e segurança rodoviária. Mas também sobre esse campo, diz, não há muita informação sobre o número de escolas e de crianças envolvidas.

Fala também no papel da Associação Nacional de Municípios Portugueses (ANMP), que, na estratégia, ficou responsável por implementar algumas das medidas centrais da estratégia, como generalizar medidas de acalmia de tráfego em zonas urbanas ou eliminar descontinuidades em vias para ciclistas.

O problema? A ANMP apenas representa os municípios, não tem poder sobre eles e tão-pouco tem competências para intervir no território. Isso mesmo é assinalado por Mário Meireles: "Esbarra sempre na questão da implementação, que ANMP não pode levar cabo."

O papel teria, portanto, de ser assumido individualmente, por cada autarquia. Muitas não têm músculo técnico para planear a mobilidade activa, nota o homem da FPCUB. "Hoje não se trata apenas de engenharia de tráfego, mas de cuidar dos problemas de toda a mobilidade", comenta.

Durante anos, Lisboa foi um "farol" para a mobilidade em bicicleta, com a criação de uma rede (não isenta de problemas) sem igual no país. A mudança de executivo em 2021 e a chegada de Carlos Moedas à autarquia significaram um travão no assunto. O Porto não tem uma verdadeira rede de ciclovias e, depois de um pequeno ímpeto pós-pandémico, o executivo de Rui Moreira reviu em baixa os planos que anunciou.

Olhando para o panorama e para as metas no papel, Mário Meireles defende uma revisão e um ajuste nos objectivos. "Ao fim de cinco anos, a ENMAC merece ser repensada", comenta. Há uma revisão intercalar do documento prevista para 2025. Apesar das perspectivas, Vera Diogo acredita que é possível melhorar os indicadores. "Enquanto há vida, há esperança. Há tanto a fazer. Até porque, neste momento, mudar para pior é um bocado difícil", diz.

Declaração de vitória da oposição pelos EUA pode dar "novo momento Guaidó"

Segundo o professor Tiago André Lopes, da Universidade Lusíada do Porto, o anúncio dos EUA pode ter o efeito contrário ao pretendido pelos norte-americanos e fortalecer o regime de Maduro

André Certã

HENRY CHIRINOS/EPA



Declarações de Blinken podem fortalecer argumentos de Maduro contra a oposição, que continua a protestar nas ruas

Os Estados Unidos declararam ontem que reconheciam Edmundo González como o vencedor nas eleições presidenciais na Venezuela, segundo um comunicado de Antony Blinken, secretário de Estado norte-americano, citando as "provas esmagadoras" levantadas pela oposição e verificadas por "observadores internacionais". No entanto, para Tiago André Lopes, professor na Universidade Lusíada do Porto, a intervenção dos Estados Unidos põe a Venezuela "a caminho de um novo momento Guaidó".

"Dadas as provas esmagadoras, é claro para os Estados Unidos e, mais importante, para o povo venezuelano que Edmundo González Urrutia obteve o maior número de votos nas eleições presidenciais de 28 de Julho na Venezuela", escreveu Blinken num comunicado emitido pelo Departamento de Estado dos EUA sobre a situação na Venezuela. Para os EUA, assim, a declaração de vitória de Nicolás Maduro pelo Conselho Nacional de Eleições (CNE), autoridade eleitoral da Venezuela, não foi acompanhada de "qualquer prova".

"O CNE ainda não publicou os dados desagregados nem os boletins de voto, apesar dos repetidos apelos dos venezuelanos e da comunidade internacional para que o faça", escreveu ainda Blinken, que citou "o facto de a CNE não ter fornecido os resultados oficiais a nível das circunscrições, bem como as irregularidades verificadas ao longo de todo o processo", que considera que "retiram credibilidade" à autoridade eleitoral.

As "provas esmagadoras" referidas por Blinken referem-se aos números apresentados pela oposição venezuelana, que diz ter publicado "mais de 80 por cento dos boletins de voto recebidos directamente das assembleias de voto em toda a Venezuela" que demonstram que Edmundo González "recebeu o maior número de votos nesta eleição por uma margem insuperável".

Segundo Tiago André Lopes, professor na Universidade Lusíada do Porto, a declaração de Blinken pode ter os efeitos contrários aos que pretendem os EUA, causando o fortalecimento de Nicolás Maduro.

"A entrada dos Estados Unidos neste jogo diplomático era o melhor que podia acontecer a Maduro", diz o professor à conversa com o PÚBLICO, por dar a aparência de confirmar o argumento do Presidente da Venezuela de que os EUA querem derrubar o regime por "uma via não legítima", algo que apela também ao passado recente da região em termos da frequência de golpes de Estado, e que, diz ainda, "os Estados Unidos não compreendem".

"Eu acho que por vezes Blinken não mede o alcance total das palavras ou, então, acha que não temos memória", afirma Tiago André Lopes, referindo-se à crise constitucional que acabou com a autoproclamação de Juan Guaidó como Presidente da Venezuela em Janeiro de 2019.

Assim, para o docente, a Venezuela está "no caminho de um novo momento Guaidó", que levará a "um braço-de-ferro durante cerca de um ano" que terminará como terminou a situação de Guaidó: com "zero resultados". Para além disso, Tiago André Lopes acredita também que "vamos ter várias capitais europeias a imporem sanções simbólicas à Venezuela, a não ser que haja uma nova crise energética", conta, acrescentando que, nesse caso, veremos "uma série de líderes europeus a fazer o beija-mão a Maduro".

Para o professor, esta declaração teria mais impacto, "se o Brasil se tivesse alinhado com os Estados Unidos e o Brasil não está", afirma.

Dados das mesas de voto

O Brasil juntou-se ontem ao México e à Colômbia numa declaração conjunta sobre os resultados eleitorais na Venezuela, que surge depois de os líderes dos três países já se terem pronunciado ao longo desta semana.

Na declaração, os governos dos três países fazem um apelo "às autoridades eleitorais da Venezuela para que avancem de forma expedita e divulguem publicamente os dados desagregados por mesa de votação".

"As controvérsias sobre o processo eleitoral devem ser dirimidas pela via institucional. O princípio fundamental da soberania popular deve ser respeitado mediante a verificação imparcial dos resultados", afirmam os três países, que têm vindo a pressionar Nicolás Maduro para permitir uma maior transparência na divulgação dos dados eleitorais.

Os três países aproveitaram também para pedir aos "actores políticos e sociais" para "exercerem a máxima cautela e contenção nas suas manifestações e eventos públicos, a fim de evitar uma escalada de episódios violentos".

Para Tiago André Lopes, a capacidade regional de "influenciar" ou "condicionar" o processo na Venezuela, nomeadamente no âmbito da Organização dos Estados Americanos (OEA), só seria possível se houvesse uma decisão por consenso, algo que "não existe neste momento".

Segundo o professor, os resultados, pedidos por estes três países e pelo gabinete eleitoral da OEA, só serão divulgados "quando Maduro entender e como entender" devido a "um factor interno que tem sido muito ignorado mas é muito relevante", acrescenta.

"Nós não temos visto protestos muito relevantes fora das grandes cidades", nomeadamente nas zonas rurais em que o regime de Maduro tem a sua base, que o especialista diz estarem "*grosso modo* pacíficas".

"Isso quer dizer que é um protesto de matiz mais urbana, não um protesto nacional. Ou seja, a sua base não tremeu", afirma Tiago André Lopes, que, apesar de achar "difícil" que aconteça, considera que "temos de ter a boa capacidade de admitir que, eventualmente, Maduro pode até ter ganho as eleições", embora a forma como "o regime tenha tentado fechar e trancar e condicionar" o processo eleitoral "já tenha contaminado a percepção de legitimidade, mas não quer dizer que ele não a tenha nesta fase".

Opositor russo libertado: “Vou voltar ao meu país, e muito mais depressa do que pensam”

Maria João Guimarães

Rússia admite que Vadim Krasikov, preso na Alemanha e sempre descrito como engenheiro, é um agente do FSB

Depois de um dia em crescendo, com os rumores da concretização da maior troca de prisioneiros desde a Guerra Fria entre a Rússia e o Ocidente – e que, como descrevia o diário *Tagesspiegel*, de Berlim, poderia ter saído direita de um filme de acção desse tempo, mas cujo cenário não foi a ponte dos espiões entre Berlim e Potsdam, mas uma pista do aeroporto de Ancara – começaram ontem a emergir mais pormenores sobre o acontecimento histórico.

Sam Greene, professor do King’s College de Londres, tinha-se manifestado pouco optimista em relação à concretização da troca. Porquê? Porque, explicou, não era muito claro o que ganhava a Rússia ao libertar 16 prisioneiros, estrangeiros condenados sob acusações falsas ou opositores russos pelas suas críticas ao regime, contra a libertação de oito prisioneiros russos que estavam presos nos EUA, Alemanha, Noruega, Polónia ou Eslovénia.

O mais importante russo nesta troca – e talvez o mais difícil, para o país que o detinha, de libertar – é Vadim Krasikov, condenado na Alemanha por ter, em 2019, assassinado um homem que combatera na Tchetchénia em pleno dia num parque não muito longe da chancelaria em Berlim, um crime que deixou o país em choque. Em 2022, quando foi libertada a basquetebolista dos EUA Brittney Griner, a Alemanha dizia que não era sequer uma hipótese deixar Krasikov sair em liberdade no âmbito de uma troca. Moscovo passou muito tempo a dizer que Krasikov não se chamava assim e que era um engenheiro, mas ontem, diz a Reuters, reconheceu que era – e é – um membro do serviço de espionagem FSB.

A troca foi mais espantosa por ter também incluído opositores ao regime de Putin – três deles deram uma conferência de imprensa em Bona, na sede da emissora alemã Deutsche Welle. Um deles, Vladimir Kara-Murza, disse que se recusou a assinar uma declaração de culpa dada pelos guardas em troca da sua libertação – e ainda assim foi libertado. Falou do isolamento, de em dois anos ter falado uma vez com a mulher e duas com os filhos, e de tortura psicológica. “Tinha a certeza de que ia morrer na prisão.”

E outro, Ilya Yashin, disse que tentou não ser incluído na troca e que não tinha consentido a ser levado para fora da Rússia, culpando as autoridades de Moscovo. Os agentes que o acompanhavam deixaram claro que poderia comprar um bilhete de avião e voltar, como fez Alexei Navalny. Iria ser preso como Navalny. E morrer, como Navalny. “Mas isso não foi o pior – o pior é que deixaram claro que, se o fizesse, não haveria mais trocas de presos.”

LEON KUEGELER/REUTERS



Três dos opositores russos libertados em conferência de imprensa

Kara-Murza mostrou uma atitude de desafio ao contar o processo e garantiu: “Vou voltar ao meu país – e vai ser muito mais depressa do que pensam.” Ao ser recebido em Washington, Gershkovich teve, pelo seu lado, uma palavra sobre as muitas pessoas que estão nas prisões russas. “Passei um mês numa prisão em Ekaterinenburgo, onde toda a gente com quem me cruzei eram presos políticos. Ninguém os conhece publicamente, têm várias orientações políticas, não estão todos ligados a apoiantes de Navalny, que são mais conhecidos. Gostava de ver se também podemos fazer qualquer coisa sobre eles.”

Dividir a Ucrânia

Green diz que, “se tivesse de adivinhar”, diria que esta “pode ter sido o que o Kremlin viu como uma oportunidade para tentar isolar a Ucrânia”. Isto porque “Moscovo está a tentar mostrar que a) pode negociar de boa-fé e b) está disposto a fazer acordos com o Ocidente”. Mas sem incluir a Ucrânia ou ucranianos – não há entre os libertados nenhuma pessoa da Ucrânia.

Na revista *Der Spiegel*, Ann-Dorit Boy defendeu a decisão do chanceler, Olaf Scholz. “Mas não há razão para optimismo a lidar com a Rússia. Vladimir Putin continua a ser um chantagista imprevisível.”

Já Steve Rosenberg, correspondente da BBC em Moscovo, retratou a noite da libertação como uma ocasião para celebrar – tanto que Putin foi receber pessoalmente os libertados.

A imprensa estatal fazia passar uma mensagem: o país não deixa para trás quem presta serviços leais. E em troca deixa ir pessoas que “agiram para prejudicar a segurança nacional da Rússia” e “voaram para os que os contrataram”.

Tudo isso, resume Rosenberg, “ajuda as autoridades a apresentar a troca de prisioneiros como um sucesso para o Kremlin”.

No caso do casal de espiões vindos da Eslovénia, o Kremlin disse que os dois filhos menores do casal não sabiam que eram russos. Putin disse-lhes *“Buenas noches”*, indicou ainda o porta-voz Dmitri Peskov.

Biden: morte de Haniyeh “não ajuda”a cessar-fogo em Gaza

António Saraiva Lima

O Presidente dos Estados Unidos assumiu na quinta-feira à noite (ontem de madrugada em Portugal) que o assassínio de Ismail Haniyeh, líder político do movimento islamista palestiniano Hamas, em Teerão, capital do Irão, na véspera, “não ajuda” as negociações para um cessar-fogo na Faixa de Gaza.

Em declarações aos jornalistas, depois de receber nos EUA os cidadãos norte-americanos envolvidos numa troca de prisioneiros histórica com a Federação Russa, Joe Biden disse que teve uma conversa “muito directa” ao telefone com Benjamin Netanyahu, primeiro-ministro de Israel, sobre o assunto e lembrou que “existe uma base para um cessar-fogo”, que deve ser aproveitada por todas as partes envolvidas.

Horas antes, num comunicado, a Casa Branca informou que Biden discutiu com Netanyahu “esforços para apoiar a defesa de Israel contra ameaças” e que “reafirmou o compromisso” dos EUA com a segurança israelita “contra todas as ameaças do Irão” e dos “grupos terroristas Hamas, Hezbollah e os houthis”.

Kamala Harris, vice-presidente e provável candidata democrata às eleições presidenciais norte-americanas de Novembro, também participou na conversa telefónica entre o Presidente dos EUA e o primeiro-ministro israelita.

Haniyeh foi morto na quarta-feira, vítima de um alegado ataque com um míssil contra um local protegido pelo Exército dos Guardas da Revolução Islâmica (força de elite da República Islâmica do Irão), no centro de Teerão, depois de ter estado nas cerimónias da tomada de posse do novo Presidente iraniano, Masoud Pezeshkian.

O Hamas e o Governo iraniano responsabilizam Israel, mas nem o Governo nem o Exército israelitas reivindicam o ataque.



Situação humanitária em Gaza continua a agravar-se

Antony Blinken, secretário de Estado norte-americano, garantiu que a Administração Biden não teve qualquer envolvimento na operação que matou Haniyeh, nem foi informada antes de o ataque ter sido levado a cabo.

Além de ser o principal responsável pelas ligações entre o Hamas e o exterior, o líder do *bureau* político do movimento islamista desempenhava um papel importante nas negociações para um acordo de cessar-fogo e troca de reféns em Gaza, sendo visto como mais moderado que o líder do Hamas no enclave, Yahya Sinwar.

Numa mensagem publicada na quarta-feira na rede social X (antigo Twitter), Vali Nasr, professor de Estudos do Médio Oriente e Política Internacional na Universidade John Hopkins, diz que o assassínio de Haniyeh, somado ao de Fuad Shukr, um importante comandante do Hezbollah, morto em Beirute, no Líbano, “matam as hipóteses de um cessar-fogo em Gaza e deixam o Médio Oriente mais perto de uma guerra regional catastrófica”.

Depois das cerimónias fúnebres simbólicas de quinta-feira em Teerão, Ismail Haniyeh foi enterrando ontem em Doha, capital do Qatar, onde vivia.

De acordo com as autoridades de saúde palestinianas, a guerra israelita na Faixa de Gaza já matou quase 40 mil pessoas e obrigou outras 2,3 milhões a abandonarem as suas casas. O enclave está a braços com uma profunda crise sanitária e alimentar, que se vai agravando cada vez mais devido às dificuldades de entrada de ajuda humanitária no território palestiniano.

A operação militar israelita em Gaza começou a 7 de Outubro do ano passado, em resposta a um ataque do Hamas contra Israel, que fez perto de 1200 mortos e que resultou no sequestrou de cerca de 250 pessoas - dos quais 115 ainda estarão nas mãos do grupo fundamentalista.

Golpe mais duro sofrido pelo Grupo Wagner em África teve ajuda ucraniana

António Rodrigues

Serviços secretos de Kiev cooperaram com rebeldes malianos com informação para uma emboscada que provocou grandes baixas

Os mercenários russos do Grupo Wagner terão sofrido as maiores baixas em combate da sua presença em África (com dezenas de mortos e, entre eles, pelo menos um comandante, Serguei Schevchenko), depois de uma coluna de rebeldes tuaregues ter emboscado uma coluna militar maliana, numa altura em que decorre uma ofensiva das forças de Bamako no Norte do Mali. Para o sucesso dos rebeldes, que aproveitaram uma tempestade de areia que obrigou à paragem da coluna militar, contribuiu informação que lhes foi passada pelos serviços secretos ucranianos, num novo episódio que confirma a existência de uma estratégia de Kiev para atacar interesses russos em outros cenários, longe do palco essencial da guerra que está a travar no seu país desde Fevereiro de 2022.

Andrii Yusov, porta-voz do GUR, os serviços secretos militares ucranianos, citado pelo *Guardian*, afirmou que "os rebeldes receberam a informação necessária, e não só informação, que lhes permitiu realizar uma operação militar de sucesso contra criminosos de guerra russos". Sem querer especificar o que queria dizer com "e não só informação", nem admitir se militares ucranianos teriam participado no ataque, Yusov limitou-se a dizer que não podia discutir os pormenores da operação "por agora, mas ainda há mais para vir".

Enquanto o canal de televisão russo RT garantia ter provas do envolvimento de instrutores ucranianos e o *Kyiv Post* publicava uma foto não autenticada de uma bandeira ucraniana mostrada pelos rebeldes tuaregues ao lado da bandeira do seu Estado efémero e não reconhecido de Azawad (verde, vermelha, negra e amarela), Wassim Nasr, jornalista da France 24 e investigador dos movimentos jihadistas do Soufan Center, minimizava a participação ucraniana no ataque: "É certo que houve contactos há uns meses, por iniciativa dos rebeldes tuaregues, mas nada de determinante para a batalha."

A longa coluna militar maliana e de mercenários russos, com uma cinquentena de veículos, seguia na estrada que vai em direcção a Tinzouatine, localidade fronteiriça já em território argelino. A ofensiva contra os rebeldes independentes do Quadro Estratégico para a Defesa do Povo de Azawad (CSP-DPA), que lutam por um Estado independente no Norte do Mali e chegaram a declarar a independência em 2012, estava a correr tão bem que canais russos pró-guerra, citados pela BBC, anteviam a rápida derrota dos rebeldes tuaregues.

Segundo o *Monde*, a AFP, a *Jeune Afrique* e a BBC, uma tempestade de areia travou o avanço da coluna, onde seguiam dezenas de antigos mercenários do Grupo Wagner que foram absorvidos pelo denominado Africa Corps, tutelado pelo Ministério da Defesa da Rússia, depois da morte de Yevgeny Prigozhin. Aproveitando as condições climatéricas desfavoráveis, que impediam o recurso a apoio aéreo por parte das Forças Armadas Malianas (Fama), o CSP-DPA atacou.

Parada numa estrada do deserto, com visibilidade reduzida por causa da areia, a coluna militar tornou-se um alvo "fácil" para uma emboscada dos rebeldes, que terão causado baixas consideráveis entre soldados malianos e mercenários russos. O CSP-DPA afirmou, na quinta-feira, em comunicado que contou 84 mortos entre os efectivos do Grupo Wagner e 47 nas filas das Fama, admitindo também nove baixas próprias. Segundo a coligação de grupos rebeldes predominantemente tuaregues, sete mercenários do Grupo Wagner foram feitos prisioneiros e equipamento militar foi capturado: cinco veículos blindados, cinco *pick-ups* e muitas armas.

Num comunicado publicado nas redes sociais, citado pela AFP, os rebeldes tuaregues referem que, além dos mortos que puderam contar no local da batalha, uma trintena de pessoas, entre mortos e feridos graves, foi helitransportada para Kidal, capital da região homónima, assim que os meios aéreos voltaram a poder ser utilizados. Outros corpos "calcinados" terão ficado dentro dos blindados e de camiões de transporte de soldados. Nenhum destes números pôde ser confirmado por fontes independentes.

REUTERS



"A batalha de Tinzouatine constitui o maior fracasso do grupo Wagner-Africa Corps no continente", referiu a página All Eyes on Wagner na rede social X. O colectivo fala em 67 mercenários enterrados

JOE PENNEY/REUTERS



Os soldados das Forças Armadas Malianas terão infligido dezenas de baixas ao Grupo Wagner

O Exército maliano confirmou o ataque de "terroristas", a uma vintena de quilómetros de Tinzouatine, que resultou "num número considerável de perdas de vidas humanas e materiais", e o canal de Telegram ligado à liderança do Grupo Wagner (Grey Zone) admitiu numerosas baixas, incluindo a morte de um dos seus comandantes, sem especificar qual, em cinco dias de combates (a "vasta operação de estabilização" lançada pelas Fama no Norte do Mali começou a 19 de Julho), explicando que os rebeldes recorreram a *drones* e bombistas suicidas.

"Maior fracasso"

"A batalha de Tinzouatine constitui o maior fracasso do grupo Wagner-Africa Corps no continente", lê-se na página All Eyes on Wagner na rede social X, citada pela *Jeune Afrique*. Segundo informações deste colectivo, 67 cadáveres de mercenários russos foram enterrados no campo de batalha, sendo que os seus membros conseguiram identificar uma vintena deles.

O ataque tuaregue não foi o único travado pelos agora denominados membros do Africa Corps russo. No sábado passado, o Grupo de Apoio ao Islão e aos Muçulmanos (GSIM), com ligações à Al-Qaeda, reivindicou uma investida contra a mesma coluna, assegurando ter matado 50 russos e dez malianos, números que mais uma vez não foram confirmados por uma fonte independente.

Apesar de os rebeldes do CSP-DPA garantirem que nos seus ataques só participaram tuaregues, escreve a *Jeune Afrique*, o Exército maliano justificou as muitas baixas entre os soldados e os mercenários com o facto de terem enfrentado uma "coligação oportunista" de "grupos armados terroristas", que juntou rebeldes do CSP com combatentes do Estado Islâmico do Grande Sara (ligado ao Daesh) e do GSIM. Algo que os tuaregues desmentem: "Nós combatemos sozinhos", disse um dos líderes do CSP-DPA.

Os grupos separatistas armados do Norte do Mali têm vindo a perder controlo do território desde o ano passado, quando uma ofensiva militar das Fama culminou com a tomada de Kidal, um importante bastião separatista de 55 mil habitantes situado a 1500 quilómetros de Bamako, a capital maliana. Nesta operação, que começou a 19 de Julho, os efectivos da Fama e do Wagner assumiram o controlo de In-Afarak, localidade mais a norte de Tinzouatine, também junto à fronteira com a Argélia.

Farage criticado e acusado de "legitimar" os protestos da extrema-direita no Reino Unido

António Saraiva Lima

Autarca de Liverpool junta-se a ex-chefe da polícia nas críticas e acusa o deputado de "desculpabilizar" violência

No discurso que fez na quinta-feira, em que responsabilizou grupos de extrema-direita pelos motins ocorridos em várias cidades inglesas após o ataque em Southport, onde morreram três crianças (incluindo uma portuguesa), Keir Starmer afirmou que os manifestantes violentos e as pessoas que alimentaram a desinformação *online* e que interferiram com o trabalho da polícia "não podem" reivindicar que estão a falar ou a defender os interesses das famílias enlutadas.

Questionado pela imprensa sobre as críticas dirigidas a Nigel Farage, acusado de disseminar teorias conspirativas sobre o suspeito do ataque e de incitamento à violência por um antigo chefe da polícia, o primeiro-ministro trabalhista do Reino Unido recusou, no entanto, nomear directamente o deputado e líder do partido de direita radical Reform UK.

Já ontem, Steve Rotheram, presidente da câmara da área metropolitana de Liverpool, que inclui a cidade costeira de Southport, no Noroeste inglês, não teve, porém, quaisquer problemas em apontar o dedo ao político populista, eurocéptico, nacionalista e anti-imigração.

"Políticos seniores como Farage deviam estar a condenar estas pessoas, mas ele não o está a fazer, ele está a desculpabilizá-los", acusou o autarca trabalhista, referindo-se aos manifestantes que atacaram uma mesquita, agrediram polícias e se envolveram em motins e violência em Southport, mas também em Londres, em Manchester, em Hartlepool e em Aldershot.

Quando um jovem de 17 anos esfaqueou várias pessoas num encontro de fãs da cantora norte-americana Taylor Swift, matando três crianças, incluindo Alice Aguiar, de nove anos, e deixando oito em estado crítico, na segunda-feira, Farage questionou a decisão da polícia de Merseyside de não tratar o caso como um "acto terrorista".

Depois, numa altura em que se disseminava nas redes sociais a informação falsa de que o atacante era muçulmano e filho de refugiados, e mesmo depois de as autoridades policiais terem alertado para a desinformação *online*, o antigo eurodeputado sugeriu que a "verdade" sobre a identidade do suspeito, legalmente protegida por se tratar de um menor, estava a "ser escondida" da população.


IAN FORSYTH/GETTYIMAGES

Farage criticou as autoridades pela gestão do ataque em Southport

Farage ao ataque

Por razões de "interesse público" e já depois de pessoas ligadas ao grupo de extrema-direita e anti-islão English Defense League (EDL) terem ferido mais de 50 polícias em Southport, ameaçado mesquitas e hotéis de requerentes de asilo noutras cidades e sido filmados a fazer saudações nazis e a vandalizar estátuas e memoriais de guerra em Londres, entre terça-feira e quarta-feira, um juiz autorizou na quinta-feira que o atacante fosse identificado.

Trata-se de Axel Muganwa Rudakubana, filho de pais ruandeses, nascido em Cardiff e diagnosticado com perturbação do espectro do autismo. Está acusado de três crimes de homicídio, dez crimes de tentativa de homicídio e um crime de posse de objecto cortante e vai aguardar julgamento num estabelecimento prisional juvenil.

Num vídeo publicado na quinta-feira à noite nas redes sociais, Nigel Farage sublinha que condena "de todas as maneiras" actos de violência e de vandalismo, mas não responsabiliza directamente a extrema-direita pelos mesmos. Para o deputado, os "eventos em Southport" e noutras cidades inglesas são o resultado do "declínio social que está a acontecer no país."

"Amigos: a lei e a ordem nas nossas ruas estão a ruir. O primeiro-ministro não faz a mais pequena ideia de como lidar com isto", dramatizou, em resposta ao anúncio de Starmer sobre a criação de uma nova unidade dentro das forças policiais especificamente dedicada à "desordem violenta", que terá neste fim-de-semana mais um teste de fogo, com dezenas de manifestações de extrema-direita previstas em todo o Reino Unido.

Comentador-deputado

Na quinta-feira, Neil Basu, antigo chefe de uma unidade de contraterrorismo da Polícia Metropolitana de Londres, acusou o líder do Reform UK - que elegeu cinco deputados nas eleições, estreando-se no Parlamento britânico, depois de uma campanha marcada por vários casos de racismo e xenofobia envolvendo candidatos e militantes do partido – de incitamento à violência.

Prevendo um "longo e quente Verão" para a polícia britânica, Basu disse que o deputado devia "reflectir com muito cuidado" sobre o poder das suas palavras. "Nigel Farage está a dar apoio à EDL, prejudicando a polícia, criando teorias da conspiração e oferecendo uma base falsa para os ataques à polícia (...). Estas pessoas parecem existir para fomentar a discórdia", acusou, citado pelo *Guardian*. "É um político de extrema-direita que está a tentar dirigir o policiamento e a lei e a ordem", denunciou o antigo chefe da polícia.

Para este fim-de-semana, estão agendadas novas manifestações em várias cidades no Reino Unido

Republicanos da Catalunha aprovam pacto que permite regresso dos socialistas ao poder e enterra *procés*

Sofia Lorena

Para Sánchez, começa agora a guerra: dentro do PSOE e com o partido de Puigdemont, para salvar a maioria no Congresso

Foi renhida a votação que o jornal *El País* descrevera como "uma das decisões mais transcendentes dos 98 anos de história" da Esquerda Republicana da Catalunha (ERC): entre os 6349 militantes que votaram (uma participação de 77%), 53,5% disseram "sim" ao acordo que vai permitir a investidura de Salvador Illa, um regresso do Partido Socialista da Catalunha (PSC) ao poder na região, 14 anos depois, que é também o último prego no caixão do processo independentista.

"Concordas que a ERC vote a favor da investidura do candidato socialista em troca da soberania fiscal, da promoção e protecção da língua catalã, da Convenção Nacional para a resolução do conflito político e do resto das medidas acordadas?", foi a pergunta feita às bases.



Sánchez prometera a Illa que o futuro da Catalunha seria decido em Barcelona e não em Madrid

Perto de 45% votaram "não", um resultado que espelha as divisões no partido, com a secretária-geral (recém-regressada da Suíça, de onde voltou com a entrada em vigor da amnistia) Marta Rovira a liderar as negociações e a defender o pré-acordo, face à oposição de antigos conselheiros, actuais e antigos autarcas e deputados.

Sem percalços de última hora, o líder do PSC e candidato mais votado nas eleições de Maio vai ser investido presidente da Generalitat (governo da região) já na próxima semana, numa votação no Parlamento autonómico em que deverá somar aos 42 deputados socialistas os 20 da ERC e os seis dos Comuns (conjunto de vários movimentos de esquerda), alcançando os 68 necessários para a maioria absoluta (há ainda a incógnita do voto da deputada da organização da Juventude Republicana, que pode pôr em causa a eleição, pelo menos à primeira, já que depois bastará a Illa ter mais votos a favor do que contra).

Congratulando-se com a participação recorde, na sequência de um ciclo de pesadas derrotas, Rovira confirmou que a ERC estará na oposição, onde pode ter "mais força" para obrigar o PSC a cumprir o acordado, defende, e o local certo para "entender o novo ciclo político" definido pela "perda da maioria parlamentar pró-independência" e pelo facto de "que a esquerda também está a perder força".

Puigdemont e a oposição

Quando tomar posse, Illa vai pôr fim a 14 anos de governos separatistas – Artur Mas, eleito em 2010, defendia uma maior autonomia, mas acabou por liderar a viragem da direita nacionalista em direcção ao projecto independentista e à aliança com a ERC – e acabar de enterrar o chamado "*procés*", apesar de, para muitos catalães, faltar ainda a aplicação a amnistia a todos os acusados.

Para alguns analistas, as autonómicas de Maio eram já as eleições do pós-*procés*, terminado o pacto entre a ERC e o Juntos, de Carles Puigdemont, e aprovada a lei da amnistia. Mas havia a sombra de uma possível vitória de Puigdemont e o receio do regresso à via unilateral. Há uma semana, o *president* deposto prometeu regressar para impedir um governo de Illa. Agora que isso já não é possível, o Juntos (que foi segundo nas eleições, atrás do PSC e à frente da ERC) reúne a sua comissão executiva (por videoconferência) no sábado.

Quando Illa venceu as eleições, o presidente do Governo espanhol, Pedro Sánchez, prometeu que o futuro da Catalunha seria decido em Barcelona e não em Madrid, garantindo que o PSC não deixaria de chegar ao poder para evitar que o Juntos lhe retirasse o apoio que lhe garante a maioria no Congresso. Mas face ao pacto fiscal e à revolta em curso entre os barões socialistas – liderada pela Extremadura, Astúrias e Castela-La Mancha –, que recusam que qualquer comunidade saia do sistema comum de financiamento, a ameaça do Juntos já nem parece ser o seu maior problema.

Falta conhecer os pormenores sobre o pacto que prevê a soberania fiscal (como têm o País Basco e Navarra), e que requer uma alteração à lei orgânica sobre o financiamento das comunidades autónomas, e, como tal, uma maioria absoluta no Congresso, mas não param de suceder-se as vozes contra. Para além da crise no PSOE, a oposição de direita garante que vai levar o acordo a tribunal, considerando que viola a Constituição.

Tem um conflito de consumo? Simulador diz-lhe onde resolver

Há 11 centros de resolução alternativa de litígios nacionais, que no semestre já resolveram mais de quatro mil conflitos, num prazo inferior a 90 dias. Reclamações aumentaram 4,3% no primeiro semestre

Rosa Soares

Há cada vez mais consumidores a apresentar queixas no Livro de Reclamações (LR), em formato de papel ou *online*, mas este meio ainda não lhes garante uma compensação económica quando têm razão, embora essa possibilidade conste do programa do actual Governo. A recuperação de eventuais perdas pode, no entanto, ser feita fora dos tribunais, mais concretamente através dos centros de resolução alternativa de litígios (RAL), que são mais rápidos e têm menos custos do que a justiça comum.

Mas como saber qual é o centro mais próximo da sua residência? E se há centros especializados em determinado tipo de conflitos? Para facilitar a vida aos cidadãos, a Direcção-Geral do Consumidor (DGC) criou um simulador que, com apenas algumas informações sobre o tipo de litígio, local de compra ou residência, mostra o RAL indicado mais próximo.

O simulador, disponível no Portal de Serviços Públicos, foi criado em colaboração com a Agência para a Modernização Administrativa, no âmbito do programa Simplex+. A ferramenta disponibiliza informação sobre os montantes e o valor limite dos conflitos admitidos, bem como outras informações úteis.

No território nacional existem 11 centros de resolução alternativa de litígios. Trata-se de entidades independentes, autorizadas pela DGC, com capacidade para dar resposta a litígios relacionados com electricidade, gás, água, transportes, compra de equipamento electrónico, habitação, serviços financeiros, espectáculos, ginásios, entre outros. São, na maioria dos casos, conflitos de baixo valor, que não cabem na alçada dos tribunais comuns, ou em que não se justifica esse recurso tendo em conta os custos e morosidade na resolução.

A missão dos RAL é alcançar uma solução amigável fora dos tribunais, através de um mediador ou de um juiz-árbitro, uma vez que a resolução pode ser feita através de acordo entre as partes, conciliação ou arbitragem.

Alguns desses centros funcionam gratuitamente, outros não, mas essa informação também é disponibilizada pelo simulador. E os eventuais custos são públicos.

Apesar de ainda pouco divulgados, no primeiro semestre do corrente ano, "os RAL receberam mais de 5154 processos de reclamação, dos quais 4075 foram resolvidos através dos meios alternativos de resolução de conflitos (mediação, conciliação e arbitragem), num prazo inferior a 90 dias", de acordo com dados da DGC.

Ainda de acordo com aquela entidade, cerca de dois mil processos referem-se "a serviços públicos essenciais, mantendo as comunicações a tendência habitual de sector mais reclamado, com aproximadamente 1200 processos". Seguem-se "as vendas *online*, onde se incluem, por exemplo, a não-entrega do bem. Problemas com garantias nas compras de bens de consumo são outros dos temas mais reclamados".

O número de processos apresentados entre Janeiro e Junho já supera mais de metade do total de 8804 litígios de consumo entrados em 2023. Deste universo, 62% (5442) foram resolvidos por acordo entre as partes e os restantes por recurso à arbitragem, sendo que o tempo médio de resolução dos processos foi de 80 dias, revela a DGC.

Reflexo das principais queixas apresentadas pelos consumidores, como mostram os dados do Livro de Reclamações, cerca de um terço dos processos entrados no RAL refere-se a conflitos de consumo relacionados com a prestação de serviços públicos essenciais – comunicações electrónicas, serviços postais, electricidade, gás, águas e resíduos e transportes -, sendo os restantes dois terços referentes à actividade económica em geral.

MIGUEL MANSO



ADRIANO MIRANDA



As comunicações lideraram queixas dos consumidores no Livro de Reclamações Electrónico no primeiro semestre

23,19

mil queixas feitas no semestre, através do Livro de Reclamações Electrónico, caíram na esfera da ASAE, mas a Anacom recebeu mais do dobro: 47.371

Reclamações sobem

Nos primeiros seis meses do ano, os consumidores apresentaram 110.268 queixas no Livro de Reclamações Electrónico (LRE). Trata-se de um aumento de 4,3%, comparativamente com o mesmo período de 2023, de acordo com a informação revelada ontem pela Direcção-Geral do Consumidor.

O maior número de reclamações cai na esfera da Autoridade Nacional de Comunicações (Anacom), num total de 47.371, apresentando um aumento de 39,3%. E, neste universo, os serviços de comunicações electrónicas são o sector mais reclamado (60,9%), seguindo-se a rede e os serviços postais (38,5%).

Em segundo lugar, surgem as queixas abrangidas pela Autoridade de Segurança Alimentar e Económica (ASAE), com 23.196 reclamações, e a Entidade Reguladora dos Serviços Energéticos (ERSE), com 9791.

Considerando apenas os serviços essenciais, as comunicações electrónicas e os serviços foram os únicos a registar crescimento, uma vez que se verificaram decréscimos na electricidade e gás natural (9791), nos transportes (6352) e no sector da água e resíduos (960).

Nas reclamações recebidas pela ASAE, o maior número é relativo à comercialização e montagem de equipamentos electrónicos, os hipermercados e o pronto-a-vestir, "tendo como principais motivos as transacções e encomendas, a qualidade do serviço e o atendimento".

No caso da ERSE, os dados da DGC revelam que a comercialização e distribuição de electricidade ocupa um lugar de destaque, com 81,2% das reclamações, seguindo-se os serviços dual (electricidade e gás), com 11,1%, e a comercialização e distribuição de gás natural com 5,4%. E entre os motivos mais reclamados estão "a facturação, as práticas comerciais desleais e os contratos de fornecimento".

Os dados do primeiro semestre registam uma alteração, tendo em conta que o Instituto dos Mercados Públicos, do Imobiliário e da Construção subiu ao décimo lugar das entidades que recebem e tratam mais reclamações, ultrapassando a Entidade Reguladora dos Serviços de Águas e Resíduos.

Nos primeiros seis meses do ano, o LRE recebeu ainda 1391 pedidos de informação dirigidos às entidades fiscalizadoras ou reguladoras, e 623 elogios e 305 sugestões dirigidos às empresas e profissionais. Com as mesmas valências do Livro de Reclamações em papel, a edição online arrancou a 1 de Julho de 2017. Recebeu mais de um milhão de reclamações até ao final de 2023.

Operadora de telecomunicações Digi compra Nowo por 150 milhões de euros

Pedro Ferreira Esteves e Ana Brito

Grupo romeno anunciou a aquisição da Nowo, quarta maior operadora do mercado, cuja compra pela Vodafone fora chumbada

A operadora romena Digi, controlada pelo empresário Zoltan Teszari, anunciou ontem a compra da Nowo Communications ao grupo britânico Lorca (Orange e MásMóvil) por 150 milhões de euros.

A Nowo é a quarta maior operadora do mercado português e tinha sido alvo de uma oferta de aquisição pela Vodafone que foi entretanto chumbada pela Autoridade da Concorrência por potenciar eventuais barreiras à concorrência e poder impulsionar preços. A Nowo tem 270 mil clientes móveis e 130 mil fixos.

Já a Digi está a entrar no mercado português, tendo adquirido licença para operar no 5G em Portugal. A sua oferta comercial deverá estar disponível até ao final do ano, uma obrigação que decorre do leilão 5G. E é vista com bons olhos pela Autoridade da Concorrência pelo efeito positivo que pode ter no mercado de telecomunicações, numa perspectiva de maior concorrência e descida dos preços para os clientes. Com a compra da Nowo, a Digi assume os contratos de conteúdos, base de clientes e acordos de interoperabilidade da operadora. Tanto a Digi como a Nowo têm licenças 5G, pelo que poderá ter de haver a libertação de algumas frequências. A operação terá ainda de passar nos reguladores da concorrência e das telecomunicações.

Vodafone não, Digi sim

A AdC deixou bem clara a sua posição sobre o impacto que o futuro da Nowo poderia ter no mercado quando justificou a decisão de chumbo da concentração entre a Vodafone e a Nowo, noticiada pelo PÚBLICO.

Na versão pública do documento, a entidade reguladora destacou o impacto negativo da compra do quarto operador pela gigante multinacional e, de seguida, sublinhou os benefícios potenciais para a concorrência de um operador novo como a Digi, mesmo que não necessariamente no curto prazo.

Assim, se a Vodafone tivesse conseguido comprar a Nowo, seriam prováveis "aumentos significativos de preços, reforço do poder de mercado [do Meo, Nos e Vodafone], reforço das barreiras à entrada [de novos concorrentes] e reforço das condições de equilíbrio cooperativo da indústria", o que na prática traduz um "significativo alinhamento das tipologias e preços das ofertas entre os três principais operadores".

Neste contexto, se a compra avançasse, não só "seria reforçado o poder de mercado" dos três operadores, como diminuiriam "os impactos positivos esperados" pela entrada da Digi, concluiu a AdC. E dá um exemplo: no desenvolvimento inicial da rede de fibra, a Digi não irá privilegiar as zonas onde já existe rede da Nowo (e em que esta já exerce pressão concorrencial face às outras empresas), levando por isso uma oferta diferenciada a outras zonas do país.

Um diagnóstico que, com a aquisição da Nowo pela Digi, acaba por definir a potencial escala e influência do novo operador que nascer do negócio ontem anunciado.

Especificamente sobre a Digi, a AdC reconhece que a entrada da romena no mercado português (que passará a ter cinco operadores) pode abanar o equilíbrio entre Meo, Nos e Vodafone, mas também alerta que não terá efeitos disruptivos imediatos.

"Não é expectável que a Digi venha a deter, num prazo razoavelmente curto (isto é, no horizonte de análise típico de uma avaliação jusconcorrencial de três a cinco anos), uma quota de mercado que possa colocar em causa o poder de mercado colectivo dos três principais operadores" e a capacidade de coordenação de comportamentos entre eles, explicita.

Um cenário que, também aqui, sofrerá alguma alteração com a junção da Digi à Nowo, que já tem uma posição de mercado e poderá acelerar assim a expansão da empresa romena.

EDU BOTELLA/EUROPA PRESS VIA GETTY IMAGES



Reguladores da concorrência e das telecomunicações ainda têm de aprovar a operação

A Nowo tem 270 mil clientes móveis e 130 mil fixos. A Digi está a entrar no mercado, já com licença 5G

Lisboa com menos passageiros de cruzeiro até Junho

Luís Villalobos

O porto de Lisboa recebeu cruzeiros com um total de 271.675 passageiros no primeiro semestre deste ano, menos 7,3% face a idêntico período de 2023 (ano de recordes, com um total de 758.328 passageiros de cruzeiros). A descida só não abrange também o número de escalas devido ao impulso de Junho, já que, até ao passado mês de Maio, também este indicador estava abaixo do ano passado.

Em termos semestrais, registaram-se 154 escalas de cruzeiros na capital, o que é comparável com 153 do mesmo período de 2023. Os principais países de origem dos passageiros são o Reino Unido, EUA e Alemanha.

Fonte oficial do Porto de Lisboa destaca que a redução verificada "deve-se principalmente aos resultados do primeiro trimestre". "Nos primeiros trimestres de 2023 e 2022, de facto, registaram-se volumes de actividade fora do padrão habitual para a época, amplamente superiores aos anos pré-pandemia", explica.

"Este crescimento positivo registado no primeiro trimestre de 2022 e de 2023 também resulta do esforço e empenho na promoção do Porto e do destino Lisboa, durante o período de Inverno, o que poderá indicar uma oportunidade de mercado neste período do ano", acrescenta a mesma fonte.

Analisando o segundo trimestre de 2024 em comparação com 2023, refere o Porto de Lisboa, verifica-se que "a variação é positiva", tanto ao nível de passageiros como de escalas, "com origem num grupo alargado de operadores, como habitualmente ocorre, o que demonstra o constante interesse no Porto de Lisboa como destino de referência no mercado dos cruzeiros".

De acordo com o Porto de Lisboa, as previsões apontam para que se registe um crescimento equilibrado da actividade" nos restantes meses e em termos anuais. "Os dados referentes a Junho de 2024 são elucidativos da recuperação", defende fonte oficial, com um crescimento de 32% em escalas e de 13% em passageiros, para 60.922.

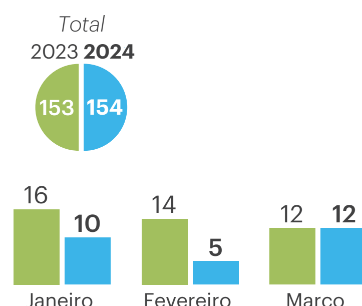
Os passageiros de cruzeiros pagam uma taxa de carbono, no valor de dois euros, desde Julho de 2021, e, desde Abril deste ano, pagam também uma taxa turística à Câmara de Lisboa. Apesar de questionado, o Porto de Lisboa não forneceu dados sobre os valores cobrados aos passageiros no âmbito destas taxas.

No caso da taxa de carbono, em Março de 2022 o Fundo Ambiental deixou de receber, conforme estava estipulado no diploma inicial, a percentagem das verbas arrecadadas com os cruzeiros.

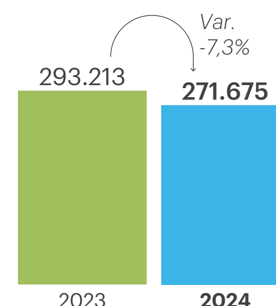
Assim, os 50% que iam para este fundo passaram para a autoridade portuária com competência para a cobrança da taxa. As autoridades portuárias em causa ficaram então com 75% do montante, uma vez que já recebiam 25%, continuando os outros 25% a ir para o município onde está localizado o terminal de cruzeiros – neste caso, Lisboa.

Junho deu impulso aos cruzeiros

N.º de escalas de cruzeiros e Lisboa



N.º de passageiros no 1.º semestre



Fonte: Porto de Lisboa

PÚBLICO

CLASSIFICADOS

Rua Júlio Dinis, n.º 270,
Bloco A, 3.º Piso
4050-318 Porto

Tel. 22 615 10 00
lojaporto@publico.pt
De seg a sex das 09H às 18H

UNIDADE LOCAL DE SAÚDE
AMADORA / SINTRA

ANÚNCIO Ref.ª 36/ENF/2024

BOLSA DE RECRUTAMENTO DE ENFERMEIROS/AS

Torna-se público que se encontra aberto, por um período de 10 dias úteis a contar da data da publicação do presente aviso, o processo de recrutamento para Enfermeiros/as, para constituição de Bolsa de Recrutamento para preenchimento de vagas em regime de contrato de trabalho.

Os requisitos, gerais e específicos, respetiva grelha com critérios e ponderações de avaliação, composição da Comissão de Avaliação e outras informações de interesse para apresentação de candidatura, encontram-se disponíveis em versão integral no anúncio de recrutamento disponível na página eletrónica da Unidade Local de Saúde de Amadora / Sintra, em https://hff.min-saude.pt/hospital/recrutamento.

Amadora, 03 de agosto de 2024

paraíso
desde 1970

APDEL

PROPOSTAS
EM CARTA FECHADA
20 SETEMBRO • 6ª FEIRA • 11H

www.cparaiso.pt

Insolvência de Donato António Preces Moita e Zoriana Mulyk
Tribunal Judicial da Comarca de Coimbra - Juízo de Comércio de Coimbra – Juiz 3
Processo nº 5033/23.6T8CBR

T3 • 112.500,00€
(111,96m²) C/ ESTACIONAMENTO (nº 5)

R. dos Combatentes da Grande Guerra nº 13, 2º ESQ.
CONDEIXA-A-NOVA
VISITAS: 13 de setembro das 10h às 12h
CONTACTO: Miguel Gracioso (918 730 800)
Abertura de propostas na Av. Quinta Grande 3, R/C DTO., Alfragide • 2610-153 Amadora

CATÁLOGO ONLINE
Subscreva a nossa newsletter em www.cparaiso.pt

Leiloeira Paraíso • Rua Andrade 2 R/C, DTO. • 1170-015 LISBOA
Tel. 218 122 384 • Tlm. 916 855 363 • www.cparaiso.pt • inf@cparaiso.pt

paraíso
desde 1970

APDEL

LEILÃO
PARTICULAR
FIM DO LEILÃO: 24 SETEMBRO, 3ª FEIRA ÀS 11H00

T3 (102m²)
C/ GARAGEM (27,30m²)
175.000€

Rua de Santo António
Edifício Santa Cruz, nº 21 C, 3º Centro
VILA NOVA DA CERVEIRA
Visitas por marcação.
Contacto: Miguel Gracioso (918 730 800)

CATÁLOGO ONLINE
Subscreva a nossa newsletter em www.cparaiso.pt

Leiloeira Paraíso • Rua Andrade 2 R/C, DTO. • 1170-015 LISBOA
Tel. 218 122 384 • www.cparaiso.pt • inf@cparaiso.pt

alzheimer
PORTUGAL

Fundada em 1988 pelo Professor Doutor Carlos Garcia, a Associação Portuguesa de Familiares e Amigos de Doentes de Alzheimer - Alzheimer Portugal é uma Instituição Particular de Solidariedade Social. É a única organização em Portugal, de âmbito nacional, constituída há mais de 30 anos especificamente para promover a qualidade de vida das pessoas com demência e dos seus familiares e cuidadores. Tem cerca de dez mil associados em todo o país.
Oferece Informação sobre a doença, Formação para cuidadores formais e informais, Apoio domiciliário, Apoio Social e Psicológico e Consultas Médicas da Especialidade.
Como membro da Alzheimer Europe, a Alzheimer Portugal participa ativamente no movimento mundial e europeu sobre as demências, procurando reunir e divulgar os conhecimentos mais recentes sobre a Doença de Alzheimer, promovendo o seu estudo, a investigação das suas causas, efeitos, profilaxia e tratamentos.

Contactos:

Sede: Av. de Ceuta Norte, Lote 15, Piso 3 Quinta do Loureiro, 1300-125 Lisboa
Telefones: 213 610 460 - Fax : 21 361 04 69 - E-mail: geral@alzheimerportugal.org
Centro de Dia Prof. Doutor Carlos Garcia: Av. de Ceuta Norte, Lote 1, Loja 1 e 2 Quinta do Loureiro, 1350-410 Lisboa
Telefone: 213 609 300 - E-mail: geral@alzheimerportugal.org
Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário «Casa do Alecrim», Rua Joaquim Miguel Serra Moura, n.º 256 - Alapraia
2765-029 Estoril - Telefone: 214 525 145 - E-mail: casadoalecrim@alzheimerportugal.org
Horário de Atendimento: Quartas e sextas, entre as 9h e as 13h
Núcleo do Ribatejo da Alzheimer Portugal: R. Dom Gonçalo da Silveira n.º 31 «A, 2080-114 Almeirim
- Telefone: 243 000 087 - E-mail: geral.ribatejo@alzheimerportugal.org
Delegação Norte da Alzheimer Portugal: Centro de Dia «Memória de Mim», Rua do Farol Nascente
n.º 47A R/C, 4455-301 Lavra - Telefone: 229 260 912 | 226 066 863 - E-mail: geral.norte@alzheimerportugal.org
Delegação Centro da Alzheimer Portugal: Centro de Dia do Marquês, Urb. Casal Galego - Rua Raul Testa Fortunato n.º 17, 3100-523 Pombal - Telefone: 236 219 469 - E-mail: geral.centro@alzheimerportugal.org
Núcleo do Algarve da Alzheimer Portugal: Urbanização do Pimentão, lote 2, Cave, Gabinete 3, Três Bicos, 8500-776 Portimão - Telemóvel: 965 276 690 - E-mail: geral.algarve@alzheimerportugal.org
Delegação da Madeira da Alzheimer Portugal: Avenida do Colégio Militar, Complexo Habitacional
da Nazaré, Cave do Bloco 21 - Sala E, 9000-135 Funchal, Telefone: 291 772 021 - Fax: 291 772 021 - E-mail: geral.madeira@alzheimerportugal.org





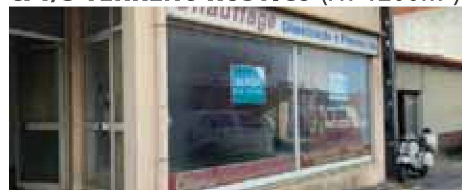
LEILÃO ELECTRÓNICO

FIM DO LEILÃO: 26 SETEMBRO, 5ª FEIRA ÀS 11H00

Insolvência de Maria Isabel de Jesus Oliveira
Trib. Jud. da Comarca de Coimbra - Juízo de Comércio de Coimbra - Juiz 1 - Proc. nº 2461/23.0T8CBR
& **Processo Executivo de José Manuel Sequeira Dinis e outros**
Trib. Judicial da Comarca de Coimbra - Juízo de Execução de Soure - Juiz 2 -Proc. nº 1193/19.9T8SRE

LOJA (79,80m²)

& 1/3 TERRENO RÚSTICO (AT 1200m²)



Rua Henrique Barreto nº 21, R/C

CANTANHEDE

(TERRENO • AREGA • FIGUEIRÓ DOS VINHOS "CILHA")
Valor de venda da Loja: 60.350,00€
Valor de venda de 1/3 do terreno rústico : 176,08€
Valor total de 60.526,08€

CATÁLOGO ONLINE
Subscreva a nossa newsletter em www.cparaiso.pt

Leiloeira Paraíso • Rua Andrade 2 R/C, DTO. • 1170-015 LISBOA
Tel. 218 122 384 • Tlm. 916 855 363 • www.cparaiso.pt • inf@cparaiso.pt





LEILÃO ELECTRÓNICO

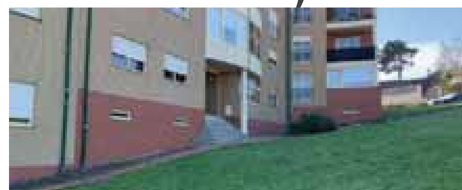
FIM DO LEILÃO: 30 SETEMBRO, 2ª FEIRA ÀS 11H00

Insolvência de Liliana Filipa Rodrigues Cepeda Carvalho
E António José de Sousa Carvalho
Trib. Judicial da Comarca de Vila Real - Juízo de Comércio de Vila Real - Proc. nº 2878/23.0T8VRL

T3 (132,05m²)

com garagem (Nº 8)

134.000,00€



Rua Quinta da Cera, lote 23, R/C DTO.

SANTA MARIA MAIOR • CHAVES

Visitas por marcação. Contacto: Miguel Gracioso (918 730 800)

CATÁLOGO ONLINE
Subscreva a nossa newsletter em www.cparaiso.pt

Leiloeira Paraíso • Rua Andrade 2 R/C, DTO. • 1170-015 LISBOA
Tel. 218 122 384 • www.cparaiso.pt • inf@cparaiso.pt





LEILÃO

FIM DO LEILÃO: 11 SETEMBRO, 4ª FEIRA ÀS 11H00

Insolvência de Lopes Pereira – Transportes Lda
Tribunal Judicial da Comarca de Beja - Juízo de competência Genérica de Moura
Processo 16/24.1T8MRA

- **CAMIÕES MERCEDES, RENAULT, SCANIA e MAN**
- **SEMI-REBOQUES GEN TRAIL, VAN HOOL, FRUEHAUF, BENALU, INVEPE, ARB, MTDK e KRAKER**
- **2 CONTENTORES**
- **PEUGEOT 205 XAD**




MOURA

Zona Industrial de Moura
Rua de Cabo Verde

VISITAS: no próprio dia do leilão das 9h às 11h

CATÁLOGO ONLINE
Subscreva a nossa newsletter em www.cparaiso.pt

Leiloeira Paraíso • Rua Andrade 2 R/C, DTO. • 1170-015 LISBOA
Tel. 218 122 384 • www.cparaiso.pt • inf@cparaiso.pt





LEILÃO ELECTRÓNICO

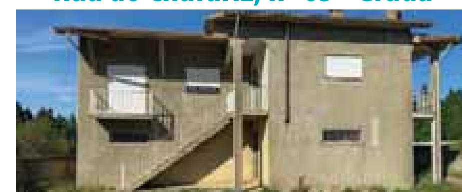
FIM DO LEILÃO: 25 SETEMBRO, 4ª FEIRA ÀS 11H00

Insolvência de Maria Fernanda Ferreira de Jesus
Trib. Jud. da Comarca de Aveiro - Juízo de Comércio de Aveiro – Juiz 2 - Proc. nº 192/24.3T8AVR

ANADIA

VILA NOVA DE MONFARROS

Rua do Chafariz, nº 63 - Grada



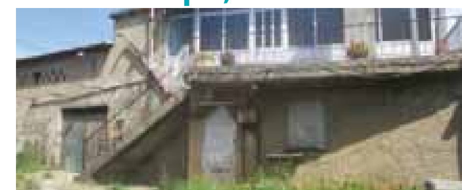
MORADIA UNIFAMILIAR

(A.C. 160m²; Logradouro 500m² e quintal 2.590m²)

160.000,00€

MEALHADA • LUSO

Rua Principal, nº 40 - Louredo



CASA GEMINADA DE R/C

(A.T. 284m² e A.C. 66m²)

30.000,00€

Coordenadas: Latitude 40.349706º
Longitude -8.365445º



4 TERRENOS RÚSTICOS

(de 50m² a 2.500m²)

8.000,00€

PENACOVA • CARVALHO

Obs: Localização desconhecida.

5 TERRENOS RÚSTICOS

(de 1.480m² a 4.280m²)

17.000,00€

Visitas por marcação
Contacto: Miguel Gracioso (918 730 800)

CATÁLOGO ONLINE
Subscreva a nossa newsletter em www.cparaiso.pt

Leiloeira Paraíso • Rua Andrade 2 R/C, DTO. • 1170-015 LISBOA
Tel. 218 122 384 • www.cparaiso.pt • inf@cparaiso.pt

Retrato de senhora no seu

Iniciou a *celebrity culture*. Foi alvo da misoginia do século XX, a que contrapôs um feroz instinto de sobrevivência. Eis o retrato de uma mulher nas suas palavras



Vasco Câmara

Elizabeth Taylor ganhou o seu primeiro Óscar em 1961 com *O Número do Amor* (*Butterfield 8*, no original). Subiu ao palco, na cerimónia que nesse ano se realizou no Civic Auditorium de Santa Monica, na Califórnia, amparada pelo marido, Eddie Fisher. Sussurrou um "*thank you*" como se tivesse acabado de correr a maratona e, à beira de se esvair, não quisesse parecer ingrata para com a oferta de renascimento. Na garganta era visível ainda a marca da traqueotomia a que fora submetida meses antes e que lhe permitira respirar durante uma grave pneumonia.

Os golpes de teatro são das melhores coisas nos Óscares. Nanette Burstein conhece evidentemente esse pedaço de *memorabilia* ainda a preto e branco (está no YouTube) que foi a dramática aclamação de Elizabeth Taylor pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood em 1961, depois de a América ter andado a chamar-lhe nomes e a lançá-la à fogueira. Nanette é a realizadora de *Elizabeth Taylor, The Lost Tapes*, documentário da HBO que se estreia amanhã, na plataforma Max, e que faz um retrato da senhora na sua era e através das suas próprias palavras. Mas não só. Através também de uma narrativa implacável, cerrada, com *clips* dos seus filmes.

"Quando fez *O Número do Amor*, filme [de Daniel Mann] em que ela não quis participar mas lhe foi imposto pelo estúdio, Elizabeth tivera um *affair* com Eddie Fisher, tinham-se casado depois disso, e era vista como uma destruidora de lares, uma vergonhosa meretriz."

O mundo era o palco de Elizabeth e nele coube primeiro a tragédia: a morte do marido, o produtor Mike Todd (1907-1958), num desastre de avião. Estava ela na rodagem de *Gata em Telhado de Zinco Quente* (Richard Brooks, 1958). Seguiu-se a farsa, quando o consolo prestado por Eddie Fisher, o melhor amigo de Mike e na altura casado com a melhor amiga de Elizabeth, Debbie Reynolds (são os pais de Carrie Fisher), deu origem a um clássico triângulo: Elizabeth, o (na altura) amante dela e a (em vias de deixar de o ser) mulher dele.

"*Super slut*", chamaram a *Miss* Taylor, que destruíra o lar da amiga Debbie. Mas Eddie era a possibilidade de Mike continuar vivo. Houve outra forma, menos convencional, de triângulo: Elizabeth, Eddie e o fantasma de Mike Todd.

Os números do amor

A ficção imediatamente sugou a realidade. Em *O Número do Amor*, Elizabeth Taylor interpretava uma prostituta de luxo. "Eddie Fisher, que entretanto já era seu marido, fez de amigo evidentemente apaixonado por ela; já a personagem da namorada dele era parecida com Debbie Reynolds. Elizabeth sentiu-se humilhada. É óptima no filme, ganhou o Óscar, mas não queria acreditar que ganhara por interpretar a maior vadia de todos os tempos. Foi uma interpretação que lhe saiu com raiva", opina Nanette Burstein num encontro com a imprensa internacional em que o PÚBLICO participou. Nas sábias, mesmo que iradas, palavras de Elizabeth Taylor, o Óscar, teria de o agradecer à traqueotomia.

A longa convalescença da pneumonia com a estatueta pelo meio marcou a separação entre um primeiro e um segundo início de rodagem do mal-afamado *Cleópatra*, épico que começou a ser rodado na Londres chuvosa e foi depois para o sol da Cinecittà, em Roma. Rouben Mamoulian seria substituído por Joseph L. Mankiewicz como realizador.

"Perdoada" pelos seus pecados, a filha pródiga fora enfim recebida de braços abertos por Hollywood. O Óscar que selou o reencontro juntou-se ao milhão de dólares, valor astronómico inédito até então, que tivera a lata de pedir pela interpretação da rainha do Egipto e que os chefes de estúdio mais lata tiveram quando lhe pagaram. Depois do prémio, juntou-se ao renovado *cast* da superprodução que incluía, na personagem de Marco António, um actor galês de nome Richard Burton.

Na primeira cena que filmaram, um beijo nos aposentos de Cleópatra — antes, Richard espreitara a sequência do banho da rainha —, os *takes* passaram a ser cada vez mais longos. Os actores não paravam quando o realizador dizia "corta". Seria fogosa e shakespeariana a correspondência amorosa entre os dois, há uma década reunida no livro *Furious Love*. "*Your breasts jumping out from the half-asleep languid lingering body, the remote eyes, the parted lips*."

De nada valeu a promessa que Richard, homem casado, fizera a si próprio de não se envolver com *Miss Tits*, como lhe chamava. Uma foto, "*le scandale*" (expressão de Burton), dos dois a beijarem-se num iate ao largo da ilha de Ísquia, no golfo de Nápoles, onde foram rodadas sequências de *Cleópatra*, maço de cigarros ao lado dos pés descalços, resultou de uma acrobacia dos *paparazzi* e inaugurou a *celebrity culture*.

Os espectadores quiseram espreitar os adúlteros quando se estreou *Cleópatra* e depois *The V.I.P.s* (1963), de Anthony Asquith. Foi o casal alcoólico — Liz puxava por Richard —, mais as suas épicas batalhas, apaziguadas com jóias, a razão de ser de *Quem Tem Medo de Virginia Woolf* (1966, Mike Nichols), que deu o segundo Óscar a Taylor, *A Fera Amansada* (1967, Franco Zefirelli), *Boom* (Joseph Losey, 1968) e todos os outros filmes com o par.

"Apesar da fama — foi a primeira celebridade moderna —, era muito insegura. Preocupava-se com o facto de não ser respeitada como actriz, e de ser olhada como cara bonita ou *sex symbol*, quando ansiava ser respeitada pelas suas interpretações mais do que por qualquer outra coisa." Tremia perante os amigos Montgomery Clift ou James Dean, ficou intimidada com Marlon Brando ou Paul Newman, todos actores do Método. No entanto, Richard Burton disse que toda a sua experiência teatral não pôde nada, no ecrã, perante o instinto animal da actriz Elizabeth Taylor. Estaria certamente a pensar na ferocidade extrema demonstrada, aptidão inata para a sobrevivência, em *Quem Tem Medo de Virginia Woolf*.

Em directo da sepultura

Ao atirar-se a *The Lost Tapes*, Nanette Burstein teve de ouvir 40 horas de uma entrevista dada por Elizabeth Taylor ao jornalista Richard Meryman, que seguiu a actriz com o gravador por Puerto Vallarta, Paris, Nova Iorque e no Big Sur californiano, em automóveis, hotéis e restaurantes. Foi a base para um perfil publicado na altura, em 1964, na revista *Life*. Mas a maior parte desse material não foi aproveitado e as cassetes ficaram esquecidas. Meryman foi um tipo com sorte. O destino fez com que fosse também o último jornalista a entrevistar Marilyn Monroe, semanas antes da morte da actriz em 1962.

DAILY EXPRESS/GETTY IMAGES



a século: Elizabeth Taylor

FOTOS: HBO MAX





O que fez Nanette escolher Liz Taylor como assunto do documentário, ela que já se interessou, por exemplo, pelo produtor Robert Evans (1930-2019) em *The Kid Stays in the Picture* (2002), foi a possibilidade de aceder à actriz através da sua própria voz. "Como se viesse directamente da sepultura para partilhar connosco os seus pensamentos mais íntimos sobre ser mulher no século XX. Mesmo tendo sido uma grande estrela, ou talvez por causa disso, os níveis de sexismo e de misoginia que enfrentou foram enormes. Estava sempre a ser julgada, ao contrário dos homens."

As primeiras palavras de Elizabeth na entrevista, proferidas no ano em que foi pronunciado o divórcio de Eddie Fisher, são sobre o facto de a sua imagem, por causa dos altos e baixos da sua vida privada, "sugerir algo de ilícito". "Mas não sou ilícita nem imoral. Cometo erros, apenas – mas pago por eles."

"Uma coisa que me surpreendeu [ao ouvir as cassetes]", continua Nanette, "foi o facto de ela ter sido castigada em público pelas suas escolhas, o nível de ferocidade dos *paparazzi* naquele tempo, coisas que só se comparam hoje com o caso da princesa Diana. E depois a forma como lidou com isso, como isso a consumiu, mas não a impediu de fazer as suas escolhas: 'Ainda assim, vou casar com este tipo, mesmo que me chamem destruidora de lares, porque este é o tipo que amo.' Sofreu as consequências."

É uma entrevista a vários títulos reveladora. "Ela fala de coisas de que nunca falara antes – por exemplo, da infelicidade com Eddie Fisher, por quem nunca esteve apaixonada. A relação tornou-se tóxica. Tentou suicidar-se. Uma vez, durante a noite, ele apontou-lhe uma arma e disse-lhe que só não disparava porque ela era demasiado bonita. No casamento com Conrad 'Nicky' Hilton [o primeiro da actriz, em 1950] ela era muito ingénua. Crescera dentro do sistema dos estúdios, tinha sempre um *chaperone* que a acompanhava. Tinha 18 anos e muito pouca experiência com os homens, excepto pelas cenas dos filmes, que destilavam uma ideia romântica do amor. Casa-se com ele, que se revela um alcoólico violento, esmurra-a no estômago, causa-lhe um aborto. Este tipo de pormenores vai ser novo para a maior parte dos espectadores."

Elizabeth Taylor com Richard Burton, um par "escandaloso", e aos nove anos, já em Holywood

> **"O sexismo que enfrentou foi enorme. Estava sempre a ser julgada, ao contrário dos homens"**

> **O seu primeiro beijo real deu-se uma semana antes do seu primeiro beijo do cinema. "O beijo de cinema foi melhor"**

Do cinema ao cinema

Às imagens do casamento com o herdeiro do magnata hoteleiro sobrepõem-se, em *The Lost Tapes*, as imagens, suas contemporâneas, de *O Pai da Noiva*, filme de Vincente Minnelli (1950). Os episódios da vida de Elizabeth Taylor parecem acontecer pelo cinema e ao cinema querer sempre regressar. Como ditadura da ilusão, eis o mundo que Elizabeth Rosemond Taylor, nascida em Londres em 1932 e que foi para a América durante a guerra, quis habitar desde os nove anos – por uma vez, não foi uma mãe opressiva a querer viver os sonhos através de uma filha – com os seus olhos violeta. Em *Lassie Come Home* (1942) ou em *National Velvet* (1944). A fantasia é uma claustrofobia: é a narrativa que a montagem de *The Lost Tapes* constrói de forma inapelável.

"Foi intencional da nossa parte incorporar excertos de filmes que mostram que no caso de Liz Taylor a vida imitava a arte que imitava a vida. Fez algumas escolhas porque tinha interpretado certas personagens nos filmes e tinha uma versão idealizada da vida." O que teve resultados traumáticos. O seu primeiro beijo real aconteceu "uma semana antes", contou a própria Liz, do seu primeiro beijo de cinema, em estúdio, onde passava mais horas do que na vida real. "O beijo de cinema foi melhor."

"Ela estava enamorada do amor, mas não sabia nada de nada", considera Nanette Burstein. Como cineasta, colocou-se-lhe o dilema de, com uma entrevista dada em 1964, não poder dar continuidade no filme à vida de Liz Taylor. "As suas actividades filantrópicas foram importantes para ela nos anos 80. Percebeu que a fama podia ser um superpoder. Que podia usá-lo para angariar milhões de dólares durante a crise da sida, quando ninguém estava a fazer nada. Os seus melhores amigos em Hollywood eram todos *queer* no armário e ela sentiu que não podia deixar as coisas como estavam."

A descoberta de uma outra entrevista de Liz Taylor, dada nos anos 80 a Dominick Dunne (1925-2009), veio assim permitir uma *coda* para *The Lost Tapes*. "Mostra como Liz mudou, como aprendeu a estar sozinha pela primeira vez. Os anos 80 não foram só os anos da amizade com Michael Jackson." Nem dos penteados extravagantes, do exibicionismo de jóias, das curas de desintoxicação, do ser objecto de chacota no *Saturday Night Live*, das dietas de emagrecimento. Foi também o momento em que *Miss* Taylor quebrou o feitiço da fantasia, como quem desperta de um encantamento, e tomou o partido da realidade.

"Penso que ela encontrou uma certa paz mais tarde na sua vida, quando percebeu que podia usar a fama como poder em vez de ser explorada por ela. E era uma actriz espantosa. Ganhou dois Óscares, era destemida, pegou em papéis de risco e deu-lhes a volta." Como por exemplo em *Subitamente no Verão Passado* (Joseph L. Mankiewicz, 1959), que foi aconselhada a recusar. "Acabamos o filme com o optimismo dela no final da vida. Penso que Elizabeth Taylor se compreendeu no final."

Dinis Sousa foi o "jovem maestro" preferido dos críticos britânicos em 2023

Joana Amaral Cardoso

Critics Circle elogiou o traquejo na música antiga do maestro português e o seu "excelente trabalho" com a Orquestra XXI

Os críticos e jornalistas de cultura mais experientes do Reino Unido e da Irlanda atribuíram ao maestro português Dinis Sousa o Critics Circle Young Conductor Award, prémio destinado a celebrar talentos emergentes na área da direcção musical. O prémio coroa o trabalho que desenvolveu em 2023 – um "notável ano de inovação" para o fundador da Orquestra XXI e maestro principal da Royal Northern Sinfonia, formação de câmara sediada em Gateshead, na Inglaterra.

"[O ano de] 2023 deu a Dinis Sousa a sua grande oportunidade e ele aproveitou-a ao máximo", elogia a associação de críticos no comunicado de atribuição do prémio, datado de quarta-feira.

"Aos 18 anos, Dinis Sousa veio do seu país natal, Portugal, para Londres, no intuito de estudar cinema, mas rapidamente mudou para os estudos de piano na Guildhall School. Em breve estava a organizar concertos e a dirigir", recorda a associação.

A cotação internacional do maestro português seguiu um percurso ascendente, marcado pela chegada ao cargo de maestro assistente de Sir John Eliot Gardiner em formações como os English Baroque Soloists, a Orchestre Révolutionnaire et Romantique e o Monteverdi Choir.

A carreira de Dinis Sousa atingiu um novo píncaro em 2021, quando se tornou maestro principal da Royal Northern Sinfonia. Foi ali, no ano passado, que Sousa "agarrou a oportunidade com ambas as mãos, dirigindo *Os Troianos* em Londres, Salzburgo e Berlim", descrevem os críticos para sustentar a sua escolha. "Sousa foi electrizante em momentos de grandeza, drama e intensidade emocional", citam a partir da crítica do diário britânico *The Guardian*.

Dinis Sousa mantém ligação estreita a Portugal e à música clássica portuguesa através da Orquestra XXI, que ajudou a fundar em 2013, e que reúne jovens músicos portugueses a residir no estrangeiro em digressões pelo país onde podem mostrar o seu trabalho e as suas experiências internacionais – uma formação sempre em mutação, com um núcleo central mais ou menos fixo e centenas de músicos diferentes a entrarem todos os anos, sem audições, numa base de voluntarismo. A instituição, que desenvolve também estágios com jovens


SIMPHOTOGRAPHY
Dinis Sousa ajudou a fundar a Orquestra XXI em 2013

aprendizes, deu-lhe o título de Cavaleiro da Ordem do Infante D. Henrique.

"Acho que conseguimos ter um som próprio, que resulta de um trabalho intenso para o qual contribuem os músicos que estão connosco há mais tempo. É também um projecto que marcou muito as nossas vidas em termos emocionais, muitas amizades foram criadas na Orquestra XXI", dizia ao PÚBLICO em 2023 – ano em que a formação perdeu o apoio sustentado da Direcção-Geral das Artes, na sequência das alterações na fórmula de atribuição de apoios determinada pelo então ministro da Cultura Pedro Adão e Silva.

A sua experiência internacional estende-se a palcos de grande visibilidade como os BBC Proms, por exemplo, nos quais esteve no ano passado em substituição de Gardiner na direcção de *Os Troianos*, de Berlioz – após uma agressão daquele seu mentor, e referência incontornável da direcção musical, ao baixista William Thomas, por este ter saído do palco pelo lado errado.

Em 2023, para de novo citar o comunicado dos críticos britânicos e irlandeses, "sublinhou as suas credenciais na música antiga com interpretações de Handel em Londres e Nova Iorque, e continuou o excelente trabalho com a sua própria orquestra de emigrantes portugueses, a Orquestra XXI". O maestro português, enfatizam, "tem o toque mais seguro tanto para o detalhe quanto para a grande amplitude de uma partitura, e traz sempre uma sensação eléctrica de excitação e dramatismo à sua direcção".

A Orquestra XXI, por seu turno, recorda em comunicado a propósito do prémio que Dinis Sousa se estreou na última temporada no Carnegie Hall de Nova Iorque, na Berliner Philharmoniker, no Festival de Salzburgo e na Philharmonie de Paris, dirigindo orquestras como a Royal Concertgebouw, dos Países Baixos ou a Swedish Radio Symphony Orchestra.

Além de Dinis Sousa, a secção de Música do círculo de críticos premiou ainda Alim Beisembayev como jovem talento do piano, Johan Dalene como jovem talento na área do instrumento (violino e cordas), Francesca Chiejina como intérprete vocal e a ópera *Il Trittico*, de Puccini, pela Scottish Opera – destacando-se a decisão de a levar ao palco numa altura de "graves desafios financeiros para todas as grandes companhias britânicas" e pela primeira vez na Escócia desde 1957.

São Carlos começa temporada fora de casa na área de Lisboa

A primeira temporada integral do Teatro Nacional de São Carlos (TNSC) fora de portas arranca em Setembro com espectáculos em várias localidades, mas a maioria da programação até Dezembro está concentrada na Área Metropolitana de Lisboa.

Com o edifício do São Carlos encerrado desde anteontem, devido às obras de requalificação no âmbito do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), a próxima programação deste teatro nacional acontecerá em itinerância, à semelhança do que aconteceu com o Teatro Nacional D. Maria II, fechado pelas mesmas circunstâncias.

Na programação ontem anunciada, o TNSC destaca "uma viagem musical que passa por nove concelhos, numa forte aposta na divulgação do património musical português", a cargo da Orquestra Sinfónica Portuguesa e do Coro do TNSC.

O calendário até Dezembro abrirá no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, com a orquestra sinfónica e o coro a interpretarem a 8.ª sinfonia de Mahler (dias 15 e 17 de Setembro) e com o concerto *Amália na América* (22 de Setembro), este com a participação dos fadistas Raquel Tavares, Ricardo Ribeiro e Cristina Branco.

Outro dos destaques da nova temporada, e que se estende a 2025, é a celebração dos 500 anos do nascimento do poeta Luís de Camões, num ciclo que abrirá com o concerto *Madrigais Camonianos*, a apresentar em Lisboa, Mafra, Sintra e Torres Novas (distrito de Santarém).

Fora da Área Metropolitana de Lisboa, além de Torres Novas, a nova temporada estará no distrito do Porto, nomeadamente com a ópera para crianças *O Rouxinol*, de Sérgio Azevedo, no Teatro Nacional São João, a 31 de Outubro e 1 de Novembro, ou com a opereta *Maria da Fonte*, de Augusto Machado, que dará início ao primeiro Festival Internacional de Artes e Ópera do Porto, no Coliseu do Porto.

Haverá ainda concertos de câmara com a soprano Rafaela Albuquerque em Lisboa, Sintra, Vila Franca de Xira e Penafiel (distrito do Porto).

Entre as propostas musicais está também um cineconcerto em Lisboa, com a orquestra sinfónica a interpretar Richard Strauss para o filme mudo *Der Rosenkavalier* (1926), de Robert Wiene.


O Teatro Nacional de São Carlos está fechado desde anteontem para obras de requalificação ao abrigo do PRR

No Teatro Camões, em Lisboa, que se prevê reaberto no Outono já depois das obras do PRR, está prevista a interpretação musical de *Alice no País das Maravilhas*, em Dezembro, pela Companhia Nacional de Bailado (CNB), com música de Tchaikovski. A CNB, por seu turno, não fará itinerância na temporada ontem anunciada.

Destaca-se ainda um concerto de câmara da orquestra sinfónica a 17 de Novembro no Montijo, com a interpretação de duas versões de *A Ópera de Três Vinténs*, sob a direcção de João Paulo Santos.

A nova temporada foi coordenada pela comissão artística do teatro nacional, com o maestro João Paulo Santos, director de estudos musicais, Antonio Pirolli, maestro titular da Orquestra, e Giampaolo Vessella, maestro titular do Coro.

Esta comissão artística está em funções na sequência da saída do director artístico Ivan van Kalmthout, que cessou funções a 4 de Julho, por acordo com a administração, apenas um ano depois de ter assumido o cargo.

A abertura do concurso internacional para novo director artístico está prevista para o mês de Outubro.

O TNSC encerrou esta semana para que o edifício seja esvaziado, antes de terem início as obras de reabilitação, cuja conclusão está prevista para a segunda metade de 2026.

O projecto de conservação, restauro, reabilitação e modernização deste teatro nacional conta com um orçamento global de 32,7 milhões de euros.

Até à conclusão das obras e reinstalação de equipas, acervos e equipamentos, a equipa do São Carlos, num total de 250 pessoas, instalar-se-á no edifício do Tribunal da Boa-Hora, em Lisboa, com acervos temporariamente depositados, conforme a sua natureza, em instalações da Academia das Ciências de Lisboa, do Museu Nacional da Música e do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado. **Lusa**

A "Mulher a gritar" morreu em agonia? Esta múmia com 3500 anos diz que sim

Boca aberta, como se gritasse de sofrimento. A "Mulher a gritar" é uma múmia famosa pela raridade deste "grito". E uma investigação "à CSI" parece confirmar que esta mulher morreu em agonia ou com dores

Tiago Ramalho

SAHAR SALEEM



DR



Sahar Saleem olhou para a múmia desta mulher da elite egípcia à procura dos mistérios da sua morte; e os brincos da múmia

Anos e anos depois, as múmias continuam a dar boas respostas às dúvidas que atormentam historiadores e arqueólogos. A "Mulher a gritar" será um dos exemplos mais curiosos da mumificação do Antigo Egipto. Em 1935, a descoberta do caixão com uma mulher mais velha e com um véu negro nas imediações de Luxor (a cidade de Tebas, no Antigo Egipto) surpreendeu menos do que a sua expressão: a boca aberta como se tivesse sido congelada a meio de um grito. E a alcunha ficou: a múmia da "Mulher a gritar". Como aconteceu?

A hipótese mais óbvia é a de um embalsamamento infeliz e pouco cuidado. Mas ao contrário de muitas das múmias que acabam por ficar de boca aberta, esta não é produto da fraca qualidade do embalsamamento – bem pelo contrário. Esta mulher terá morrido em agonia, com o grito a surgir como espasmo cadavérico.

"Os resultados mostram a explicação mais científica e lógica possível para tentar resolver um problema de CSI [série forense *Crime Sob Investigação*] com 3500 anos", diz-nos Sahar Saleem, investigadora e radiologista da Universidade do Cairo e do Hospital Kasr Al-Ainy (Egipto). É um problema milenar, com uma nova justificação – aliás, nem sabemos a causa de morte ou sequer o nome desta "Mulher a gritar".

Descobrimos outras coisas, no entanto. Esta mulher foi enterrada no túmulo familiar de Senmut, arquitecto e amante da rainha Hatschepsut, juntamente com a mãe e o pai do próprio Senmut – ou seja, mesmo sem uma identificação, dado que os túmulos do Antigo Egipto eram familiares, esta mulher seria um membro da família mais próxima.

Mais dados: tinha 48 anos (uma idade considerável à época), artrite reumatóide, foi enterrada com dois anéis (ouro e prata) e alguns dentes arrancados. Este último pormenor é particularmente relevante. A "medicina dentária" terá começado no Antigo Egipto, através do primeiro dentista registado do mundo: Hesy Re. Mas mais do que ter dentes arrancados, esta múmia mostrava sinais de reabsorção óssea, algo que só acontece quando se tenta cicatrizar o espaço deixado pelo dente.

É mais uma prova de que não seria alguém da plebe ou dos estratos mais baixos da sociedade egípcia. Pertenceria a uma elite familiar, juntamente com Senmut. Os materiais de que eram feitas as jóias e o véu negro mostram uma despesa considerável em todo o processo funerário.

O contexto familiar tornava implausível um certo desprezo na hora do embalsamamento, portanto, sobra a questão: como é que um membro da elite fica assim, de boca aberta? "A boa qualidade da mumificação exclui a negligência dos embalsamadores. Isto abriu portas a outras explicações, como a mulher ter morrido a gritar de agonia ou dor e os seus músculos da cara terem-se contraído e ficar preservada esta aparência no momento da morte", diz Sahar Saleem ao PÚBLICO, investigadora responsável pela explicação publicada ontem na revista *Frontiers in Medicine*.

Esta é uma hipótese válida, porque, ao contrário do *rigor mortis* (em que os músculos do cadáver endurecem após a morte), os espasmos cadavéricos afectam um único grupo de músculos – e não o corpo inteiro. "A ideia dos procedimentos de mumificação do Antigo Egipto era preservar o corpo da decomposição. Portanto, os embalsamadores provavelmente mumificaram o corpo antes que este se decompusesse ou o rosto relaxasse. É possível que os músculos contraídos tenham impedido os embalsamadores de fechar a boca", diz. Só após a autólise, ou seja a autodestruição das células, é que os músculos deixariam de estar tão contraídos.

Aqui estarão as pistas seguidas pela equipa de investigação egípcia: a morte terá sido em agonia ou com muitas dores para esta ter sido a sua expressão final. Não sabemos a causa da morte e ainda sobram dúvidas – afinal, passaram 3500 anos. "Alguns fenómenos forenses não são totalmente entendidos - por exemplo, o espasmo cadavérico é um processo que não é bem compreendido na ciência, porque é raro e só ocorre em determinadas circunstâncias", avisa Sahar Saleem.

Mumificação invulgar

A "mumificação" clássica determina a remoção dos órgãos internos do corpo do defunto, através de um corte abdominal. Daí retiravam-se os pulmões, o fígado, o estômago e os intestinos. "Nesta múmia, as tomografias computorizadas [mais conhecidas como "TAC"] mostram que não houve nenhuma incisão e que todos os órgãos se mantêm dentro da múmia", conta a egípcia.

A surpresa foi grande, em particular porque durante o Império Novo (um dos grandes períodos da civilização egípcia, entre 1550 a.C. e 1069 a. C.) o método clássico de mumificação passava pela remoção de todos os órgãos – com excepção do coração.

Antes deste período mais recente da civilização egípcia, a manutenção dos órgãos já tinha sido constatada, embora sobretudo em trabalhos menos competentes de mumificação e com pessoas mais pobres. "Normalmente, esses corpos estavam muito mal preservados. Ao contrário do que podíamos esperar de um corpo mumificado sem evisceração [processo de tirar as vísceras], o corpo da 'Mulher a gritar' estava muito bem preservado", realça Sahar Saleem.

Além disso, há mais provas de que esta pessoa pertenceria à elite egípcia. Os materiais utilizados para embalsamar esta famosa múmia eram dispendiosos, tal como as jóias e o próprio véu. Por isso, não lhe retirar os órgãos não quer dizer que haja um mau trabalho de mumificação, o que traz novas perspectivas para a egiptologia, sobretudo sobre o processo de mumificação e como era seleccionado – será algo para continuar a investigar no futuro.

Pentaware e Meritamum

A "Mulher a gritar" é famosa pela sua expressão pouco comum em múmias que idealizamos há anos, fruto dos museus, fotografias nos jornais ou filmes. Depois de ser encontrada em 1935, na escavação do túmulo de Senmut, esta múmia foi preservada na Universidade do Cairo até 1998.

Não é caso único encontrar múmias com a boca aberta. Há dois exemplos similares em múmias reais próximas desta. Uma delas corresponde a Pentaware, um príncipe que foi sentenciado à morte por engendrar uma conspiração para matar o pai, Ramsés III. Neste caso, o corpo estava mal embalsamado – a causa da morte serve de explicação para isso –, o que justifica a boca aberta.

A outra múmia é ligeiramente mais velha. Trata-se de Meritamum, que deverá ser filha do rei Sequenenre Taa II (não há certezas devido à deterioração das inscrições), e cuja boca aberta terá sido causada pela natural deslocação da mandíbula após a morte e que se terá mantido depois com o *rigor mortis*. Aqui, sabemos que o sofrimento durante a morte é improvável, dado que a princesa Meritamum terá sofrido um enfarte do miocárdio que provocou morte imediata – tudo graças às TAC que permitem dissecar as múmias sem lhes tocar.

A "Mulher a gritar" não será única, mas revela, segundo esta hipótese, um sofrimento atroz na hora da morte. No entanto, a uma distância tão longínqua da morte desta mulher, dificilmente há certezas. Afinal, este é um caso de CSI com 3500 anos.

JOSÉ SENA GOULÃO/LUSA



Aos 18 anos, o atleta de Almada começou muito bem o seu percurso olímpico

Gabriel Albuquerque ainda sentiu poder ir à medalha

O ginasta deu mais um diploma a Portugal nos Jogos e é, depois de Patrícia Sampaio, mais um atleta em destaque por entre os pingos da chuva

Diogo Cardoso Oliveira, em Paris

Depois de Patrícia Sampaio, Portugal voltou a ter um português em destaque nos Jogos Olímpicos, mesmo que sem medalha. Horas depois do *show* de Simone Biles e Rebeca Andrade, embaladas por Nadia Comaneci, a Arena Bercy, em Paris, ainda tinha vestígios de genialidade – Gabriel Albuquerque, português, foi recolher alguns deles, juntou-os aos seus, que não são poucos, e usou-os em proveito pessoal e nacional: ainda "cheirou" a medalha e leva de França um quinto lugar no trampolim que nunca tinha sido alcançado.

A prova foi conquistada por Ivan Litvinovich (63,090), a competir como atleta neutro, a prata para Zisai Wang, da China (61,800), e o bronze para Langyu Yan, também chinês (60,950). Gabriel Albuquerque (59,750) talvez não tivesse nível para a nota que valeu o ouro a Litvinovich – o próprio ginasta português assumiu isso em Paris –, mas as notas da prata e bronze estavam ao alcance, motivo pelo qual diz que o quinto lugar lhe soube a pouco.

Antes dos Jogos Olímpicos, falou-se bastante de Pedro Pablo Pichardo, de Fernando Pimenta e de Jorge Fonseca. Mesmo que um pouco menos, falou-se também de Iúri Leitão, Gustavo Ribeiro e Angélica André. Até de Agate de Sousa, Messias Baptista, João Ribeiro, Catarina Costa e Diogo Ribeiro se falou. Todos estes tinham em comum, mesmo que uns mais do que outros, a perspectiva de um resultado de destaque nos Jogos Olímpicos. Faltaram dois: Patrícia Sampaio e Gabriel Albuquerque. Uma deu medalha, o outro andou lá perto.

Não estamos a falar de dois desconhecidos "caídos do céu". No caso de Gabriel, é evidente que um quarto classificado no Mundial de trampolim, em 2023, já tinha sido mencionado em redacções de jornal que planeiam os Jogos. Mas não estava, assumamos frontalmente, na primeira linha de favoritos. E isto serve tanto para redacções como para um país de futeboladas e futeboleiros.

Ontem, o ginasta português tratou da saúde aos adversários, mas também aos portugueses: caros compatriotas, ele é homem para medalhas – não foi em Paris, mas Los Angeles vem aí. Desafiado a dizer o que gosta mais e menos na ginástica, apontou que adora a liberdade aérea e que não gosta da falta de visibilidade. Talvez isso mude agora para a ginástica – patrocínio de Gabriel Albuquerque.



Sei que sou ainda melhor do que isto. O quinto lugar soube-me a pouco, mas sinto-me meio satisfeito. Não quero parecer convencido, mas sei que estou ao nível daqueles gajos

Melhor de sempre

Com 18 anos feitos em Abril, o ginasta de Almada, a treinar há alguns anos no Algarve, superou o sexto lugar de Nuno Merino em Atenas 2004. Gabriel Albuquerque foi embalado pelo muito apoio na Arena Bercy – apenas o atleta francês teve mais apoio. Mas embalou-se a si próprio também.

Ele que escreve músicas nos tempos livres cumpriu o *hobby* à risca e foi o único dos finalistas que levou música nos ouvidos até não poder mais – foi até ao trampolim, no aquecimento, com o som a ajudar na descontracção. E pareceu livre, leve e solto, depois do seu *rap* agressivo. "Estava a ouvir aquele *rap underground*. Daquele mesmo agressivo", confidenciou, após a prova, prometendo, ainda que a brincar, que vai fazer um álbum com as músicas que vai escrevendo nas viagens de autocarro para treinos e provas.

Nos trampolins, o preceito é relativamente simples: o atleta faz o seu exercício, no qual são avaliados a execução, o tempo no ar, o desvio em relação ao centro, entre outros detalhes técnicos como a recepção e a correcção postural – tudo isto suportado por uma premissa-base: o nível de dificuldade da rotina escolhida pelo atleta.

E Gabriel apostou, na qualificação, num equilíbrio entre risco e segurança – não foi dos que arriscaram mais na dificuldade, mas também não se "cortou". Foi o sétimo com exercício mais difícil à partida e fê-lo bem feito. Os dez saltos previstos no exercício foram "certinhos", sem grandes desvios do centro – apenas uma correcção a meio da rotina –, e os sorrisos do treinador, no final da prova, mostravam a satisfação com o desempenho. Final garantida e acabou por cair na segunda rotina – que já não contava "para o totobola".

Na final, apresentou um exercício de alto nível de dificuldade e ganhou alguma margem para pequenas falhas – que existiram. A pontuação foi praticamente a mesma feita na qualificação e não chegou para o pódio, por conta de um pequeno desvio a meio do exercício. O próprio atleta explicou, depois, que nesse momento teve de ajustar o nível de dificuldade da rotina, que poderia ter sido ainda maior.

"Era suposto fazer uma série mais complicada, mas senti-me à rasca no quarto salto. Aí é que ia fazer uma coisa mais difícil e ir atrás da medalha. Não consegui e tive de me agarrar à série mais simples. Nesses milésimos de segundo em que estive no ar tive de decidir assim", explicou.

Gabriel teve um pequeno lapso, mas, com 18 anos, em Los Angeles está tudo à mercê do português.



Natação

Para Diogo Ribeiro, Paris foi uma "aprendizagem"

Marco Vaza, em Paris

Estes não eram e não foram os Jogos de Diogo Ribeiro. Em Paris, o jovem nadador português vinha com expectativas e com currículo, mas a primeira experiência foi apenas isso, uma experiência. Depois das eliminatórias dos 100m livres e das meias-finais nos 50m, Ribeiro avançava para a sua prova favorita, os 100m mariposa, aquela em que é campeão mundial, mas também aqui falhou o objectivo que definiu e pelas expectativas que foi criando com os resultados de excelência que alcançou, ficando-se pelas eliminatórias e afastado da discussão por um lugar na final.

Em mais uma manhã na Arena La Defense, Ribeiro foi sexto na sua série, com 51,90s, uma marca que o deixou em 20.º nas eliminatórias e fora das meias-finais – o último tempo a dar qualificação foi de 51,62s, feito pelo japonês Maoki Mizunuma e pelo francês Clement Secchi. O nadador português, que foi campeão mundial da distância há poucos meses em Doha, ficou bem longe da sua melhor marca da prova, 51,17s, um recorde nacional feito na final dos Mundiais do Qatar.

Assim que se completou a última das séries, já com a certeza de ter falhado o apuramento, as suas primeiras palavras pareceram contraditórias. "Correu bem." Logo depois, explicou que tudo é ganho, seja um título mundial ou uma eliminação olímpica prematura, como a que acabara de acontecer. "Foi a primeira experiência, ganhei experiência, ganhei competitividade, estou feliz. Agora é aproveitar as férias."

Diogo Ribeiro tinha um plano para os 100m mariposa, o de fazer o que tinha feito nos Mundiais de Doha em Fevereiro. Ir melhorando o tempo da eliminatória para a meia-final e chegar à corrida das medalhas ainda com uma reserva para explorar – no Qatar, começou com 51,78s, depois 51,30s nas "meias" e, finalmente, 51,17s na final que lhe deu o ouro. Mas esse plano não funcionou em Paris porque o momento de forma não era o mesmo e a concorrência era bem maior.

As indicações que deixou na sua série, que era a terceira, não foram, de todo, as melhores – as duas seguintes "comeram" quase todos os lugares disponíveis, 12, sendo que o mais rápido das eliminatórias, Kristof Milak (50,19s) esteve na série do português. E já não houve outra corrida para progredir. "Não vou mentir, com as sensações que tive nesta prova pensei que ia para um tempo mais rápido. Não me esforcei assim tanto para ir para um tempo mais rápido, mas tinha mais para dar", explicou.

JOSÉ SENA GOULÃO/LUSA



Apesar dos resultados, Diogo Ribeiro retirou boas lições dos Jogos

Ficou a experiência, ficou a frustração e ficaram as lições. "No próximo ciclo já sei para o que venho. Talvez ficar num hotel, para a alimentação, basta descer escadas ou elevador, um misto de coisas. Estou contente e, ao mesmo tempo não estou, contente pela experiência, porque são os Jogos Olímpicos, mas ambicionava fazer mais. É obvio, vim para aqui como campeão mundial e nem à meia-final fui... Não sei, tenho de ver o que aconteceu, o que é que falhou para o pico de forma."

Entre a frustração e a satisfação pela estreia, uma admissão: "Acho que não estou na minha melhor forma aqui, custa a aceitar porque isto são os Jogos Olímpicos, mas não trocaria uma final olímpica pelo título mundial, estou contente com a época que fiz. Se calhar, as férias que tive depois do Mundial interferiram um pouco, apanhei uma bactéria nessas férias que me condicionou um pouco os primeiros dois meses."

Estes foram apenas os primeiros Jogos de Diogo, que, aos 19 anos, é um nadador como Portugal nunca teve. Não foi em Paris que ganhou uma medalha olímpica e que chegou a uma final, feito que vai continuar a ser um exclusivo de Alexandre Yokochi em Los Angeles 1984. "Tenho a certeza de vir mais bem preparado para a próxima, talvez fazer mais três, quatro ou cinco Jogos. Pensei que ia conseguir passagem e não dei o máximo. Tinha de acontecer para perceber que, se calhar, temos de mudar alguma coisa no treino, vamos tentar descobrir. Tudo é uma aprendizagem, ainda não tenho a experiência."

Nuno Pina, preparador físico de Pan Zhanle

"Nos primeiros dez dias, a nossa equipa fez mais de 200 testes"

Marco Vaza, em Paris

O trabalho de sonho de Nuno Pina está quase a chegar ao fim. Quando se cumprir o último dia da natação pura nos Jogos Olímpicos de Paris 2024, o preparador físico português vai ficar sem emprego, regressa a Lisboa e vai de férias. Mas é pouco provável que essa condição se mantenha por muito tempo. Pina trabalha na poderosa natação chinesa e é ele o principal responsável pela preparação física e recuperação de Pan Zhanle, medalha de ouro nos 100m livres com um extraordinário recorde do mundo (46,40s) e com mais de um segundo de vantagem sobre os restantes membros do pódio.

"[O dia do recorde do mundo] estava na nossa agenda há dois anos. Estava assinalado há muito tempo como o principal objectivo", conta ao PÚBLICO este português de 32 anos, que trabalha com a federação chinesa de natação desde Abril de 2023 e cujo contrato termina no último dia da natação olímpica, onde a China, como sempre, assumiu um papel de destaque, embora com menos exuberância do que em outros Jogos: uma medalha de ouro (a de Zhanle), duas de prata e quatro de bronze.

Os grandes resultados dos chineses na natação (e, diga-se, noutras modalidades) geram sempre grande controvérsia e, sempre que há Jogos Olímpicos ou Mundiais de Natação, o tema do *doping* mete sempre a cabeça de fora – desta vez sobre alegados testes positivos de alguns nadadores antes dos Jogos de Tóquio em 2021, entre eles o de Zhang Yufei, que já tem dois bronzes em Paris. Num contacto com um português que trabalha na natação chinesa, a pergunta era inevitável e Nuno Pina tem uma resposta que é, ao mesmo tempo, uma defesa e uma crítica.

"Estamos a falar de casos muito antigos. Nós chegámos a Paris no início de Julho e nos primeiros dez dias a nossa equipa fez mais de 200 testes. Não estou a exagerar, neste momento duvido que haja qualquer selecção mundial que faça tantos testes como a nossa. A acordarem nadadores às cinco e às seis da manhã, a faltarem a treinos para serem testados... Acho que foi desumano o que fizeram à nossa equipa, os resultados de performance estão à vista e os resultados dos testes estão amplamente divulgados, cumprimos com a nossa parte, espero que os outros estejam a cumprir com a sua", foi tudo o que o português disse sobre o assunto.

"Foi surreal"

Quando comparado com as grandes potências da natação, como os EUA, a Austrália ou a própria China, é legítimo perguntar por que razão contrataram um preparador físico português? Nuno Pina confessa que ele próprio ficou surpreendido com a proposta de emprego, mas que tudo se deveu a duas coisas: a qualidade da formação em Portugal e o seu próprio currículo, que incluía uma passagem pela Federação Portuguesa de Natação, com experiência a trabalhar em Mundiais e Europeus, pelo Sporting e pelo Benfica – e esses dois nomes, diz, têm peso.

Como é que tudo aconteceu? Enviaram-lhe um *link* pelo Facebook, Pina enviou uma mensagem privada a quem estava envolvido no processo de recrutamento e, depois, seguiram-se trocas de *emails*, currículo para lá, aptidões necessárias para cá, reuniões por videochamada e contrato assinado por duas épocas para trabalhar a tempo inteiro num centro de alto rendimento em Pequim. "Pediam alguém específico que pudesse ajudar, não só na recuperação física, mas também na optimização da performance, na potenciação física", refere.



O recordista mundial Pan Zhanle e Nuno Pina

Em Paris, Nuno Pina trabalha sobretudo na preparação física e tem a seu cargo cinco atletas nestes Jogos. Um deles, que merece atenção especial, é Pan Zhanle, com quem trabalha desde os 17 anos. "É o meu nadador principal. Com ele trabalho sempre à parte, chego às oito da manhã, faço uma hora e meia de trabalho com o Pan e uma hora e meia de trabalho com os restantes nadadores do meu grupo", revela o português.

E como é trabalhar com um campeão olímpico e recordista do mundo? "É jovem, comecei a trabalhar com ele quando tinha 17 anos. É um rapaz muito humilde, carinhoso e muito humano, é uma pessoa de emoções, e daqueles atletas com quem dá gosto trabalhar. Tem aquela estrelinha", diz Nuno Pina, descrevendo depois como foi a noite do ouro com recorde: "Foi surreal. Dizem que a piscina é lenta, que a vila olímpica é longe, que os transportes não são eficientes. Quando olhamos para o tempo dele, foi mágico."

Atletismo

Em Paris, vimos o abismo de Sydney e o céu de Filomenaleonisa

Diogo Cardoso Oliveira, em Paris

Sydney, de Palau, sente que desiludiu uma nação. Filomenaleonisa, de Samoa, crê que levou a sua além-mar

Despachemos já as partes mais difíceis do texto. Uma das atletas das quais se falará aqui chama-se Filomenaleonisa Iakopo – assim mesmo, sem espaços – e agradeceu a entrevista ao PÚBLICO, em Paris, dizendo "*fa'afetai tele lava*". E sim, precisámos que traduzisse e soletrasse esse "obrigado". Assuntos complexos encerrados, vamos ao que interessa.

É possível que esta atleta tenha dos nomes mais exóticos destes Jogos Olímpicos, mas não há invulgaridade no nome que bata a invulgaridade dos talentos e da carreira desta velocista dos 100 metros, a mais feliz da zona mista de Paris.

Veio aos Jogos Olímpicos representar a Samoa americana, mas, se pudesse, teria vindo com as cores das ilhas Marianas – foi lá que nasceu, mas não há equipa olímpica, pelo que teve de abraçar o país do pai.

E trouxe consigo um cartão-de-visita de respeito. *Bodybuilding*, motos, ciclismo, jiu-jitsu brasileiro – com cinturão laranja –, atletismo e neurociência. É esta a vida de Filomenaleonisa Iakopo, que diz ao PÚBLICO, depois das eliminatórias dos 100 metros, que não veio aos Jogos pelo resultado desportivo, mas pelas mulheres e pelas ilhas do Pacífico. "Sei que estar aqui é um marco para as ilhas do Pacífico e, em especial, para as mulheres de Samoa. Todos os sonhos que tiverem são possíveis", apontou.

Sim, Filomenaleonisa bateu o recorde nacional na pista do Stade de France, mas isso era detalhe. "Mais do que pelo resultado, estou muito feliz de estar aqui pela experiência. Meu Deus, que experiência incrível. A adrenalina que recebi no meu corpo foi única."

Questionada sobre que condições de treino tem no seu país, a atleta riu-se. "Não temos nenhuma pista. Treino na relva, nas montanhas, na areia..."

– Na areia?





ALINA SMUTKO/REUTERS

Filomenaleonisa Iakopo em cima e Sydney Francisco em baixo

– Na areia! Acredite! É difícil manter-me motivada, pelos desafios que existem para um atleta numa ilha destas.

Mas isso vai mudar. Filomenaleonisa Iakopo diz que vai embora de Paris no dia 12 de Agosto, depois da cerimónia de encerramento dos Jogos, e que vai directa para o Texas, sem ir à Samoa ou às Marianas.

É lá que vai estudar neurociência e que espera ter condições de treino melhores. "Qualquer coisa é melhor do que a ilha", disparou, sempre sorridente. E detalhou: "O meu sonho é ser atleta profissional, mas tenho de ser realista: preciso de baixar muito os meus tempos para lá chegar. Ir para a universidade no Texas pode dar-me esse treino de alto nível."

O corpo de Filomenaleonisa não é o habitual nas atletas dos 100 metros. Menos esguia do que a generalidade das velocistas, acaba por ser influenciada pelo gosto pelo *bodybuilding*, actividade na qual até já participou em competições. "*Bodybuilding* e atletismo são completamente diferentes, sobretudo comparados com a velocidade. Tento treinar *bodybuilding* sem perder os músculos de explosividade", explica.

E tenta aplicar o mesmo a tudo o resto que faz: falou-nos de motos, de bicicletas e de jiu-jitsu brasileiro. "E sou cinturão laranja! Faço um pouco de tudo, mas a pista é onde está o meu coração."

Manhã dura para Sydney

Filomenaleonisa teve uma manhã de felicidade extrema e isso contrastou com o que viveu Sydney Francisco.

A velocista de Palau passou pela zona mista e não queria falar com ninguém. Em passo apressado, de cabeça no chão, queria sair da vergonha pela qual achava ter passado aos olhos do mundo – e da mãe.

Mas lá parou, depois de ouvir chamarem o seu nome pela terceira vez. Levantou a cabeça, olhou e as lágrimas começaram a escorrer pelo rosto.

"Estou muito desiludida e muito, muito triste. Muito triste com o meu tempo, com o resultado. Sinto que falhei e que desiludi o meu país", aponta ao PÚBLICO.

Sydney Francisco acabou com 13,15 segundos, marca modesta para as suas próprias possibilidades, é verdade. Mas uma má marca não justificaria o abismo em que a própria parecia estar. O problema era mais profundo do que apenas não ter sido a melhor Sydney de sempre.

A mãe desta atleta, Peoria Koshiba, é a recordista nacional dos 100 metros de Palau e Sydney tinha o sonho de bater o recorde da mãe, precisamente 24 anos depois de ela ter estabelecido essa marca de 12,66s nos Jogos Olímpicos de 2000 – a prova foi em Sydney, motivo pelo qual Sydney foi baptizada assim. Na altura, Peoria Koshiba foi a primeira atleta de Palau em Jogos Olímpicos.

"Eu estava muito entusiasmada por seguir as pisadas dela. Sentir que falhei não é um bom sentimento. Mas estou disposta a recomeçar tudo de novo e voltar a tentar. Tenho de aprender", apontou.

As explicações da atleta para o resultado abaixo do que esperava são evidentes: "Em Palau, não temos uma pista sequer. Treinei na Austrália durante três meses e estava muito forte. Mas depois tive de regressar a Palau e não pude treinar. Mas mesmo assim estou chocada. Não sei o que se passou comigo hoje."

Sydney deixou-se cair no abismo mental de quem acha que falhou aos olhos do mundo e da mãe. Mas talvez se tenha esquecido de um detalhe: tem apenas 19 anos e, daqui a quatro, há Los Angeles. Está tudo bem.

Alvo de transfobia

Pugilista italiana pede desculpa a Imane Khelif

A atleta italiana Angela Carini disse ontem querer "pedir desculpa" à adversária Imane Khelif pela forma como lidou com a derrota no combate entre ambas. No duelo de quinta-feira, em Paris, Carini desistiu ao fim de 46 segundos, depois de ter levado um murro no nariz, e abandonou o ringue em lágrimas, falando numa "injustiça".

Em poucas horas, a argelina Khelif, que participa no torneio olímpico de boxe feminino, na categoria de 66kg, foi alvo de uma onda de insultos, desinformação e transfobia nas redes sociais, sugerindo que Khelif seria um "homem". O Comité Olímpico Internacional (COI) interveio e defendeu a participação da pugilista.

"Toda esta controvérsia deixou-me triste e também tive pena da minha adversária, que não tinha nada a ver com isto e, tal como eu, só estava aqui para lutar", afirmou Angela Carini, citada pelo jornal *Gazzetta dello Sport*. Questionada sobre o motivo pelo qual não apertou a mão de Khelif no final do combate, garantiu que não quis transmitir nenhuma mensagem. "Não foi intencional, na verdade, peço-lhe desculpa a ela e a toda a gente", justificou. "Se o COI diz que ela pode lutar, eu respeito essa decisão."

Carini admitiu ainda que estava "zangada" porque a sua participação nos Jogos tinha chegado ao fim. "Não tenho nada contra a Khelif. Aliás, se a voltasse a encontrar, dava-lhe um abraço."

Além de cumprir "os regulamentos de elegibilidade e de participação na competição e os regulamentos médicos aplicáveis", como confirmou o COI, a argelina de 25 anos é, de facto, uma mulher cisgénero (que se identifica com o género feminino, que lhe foi atribuído à nascença). O Comité Olímpico da Argélia também reagiu e classificou os ataques a Khelif como "maliciosos e antiéticos", acrescentando que as "tentativas de difamação baseadas em mentiras são injustas".

Carolina Amado



Imane Khelif

À margem da competição

O TikTok escancarou as portas da Vila Olímpica

Beatriz Magalhães
e Leonor Alhinho

Dos quartos à sala de jantar, a Vila Olímpica é o palco das redes sociais. Com diversão e descontracção, os atletas partilham o dia-a-dia

Ainda que muitos queiram entrar nas tendências do TikTok, em alguns casos não é, simplesmente, possível. É o que acontece com a mais actual, que não pode ser replicada por qualquer um: o dia-a-dia na Vila Olímpica.

A rede social abriu-nos as portas deste local repleto de atletas. Dos testes às camas anti-sexo, *tours*, *ratings* e obcecados por *muffins* de chocolate, os atletas mostram-nos a realidade da Vila Olímpica.

Localizada em Seine-Saint-Denis, na zona Norte de Paris, a Vila é o palco secundário destes Jogos Olímpicos e foi construída precisamente para albergar todos os atletas presentes nos Jogos Olímpicos (à excepção dos surfistas que competem no Taiti, mas já lá vamos). São mais de três mil apartamentos e mais de 14 mil camas. Os números já sabemos, mas como se vive lá... só mais recentemente começámos a perceber.

Os Jogos Olímpicos começaram a 26 de Julho e, desde então, a grande maioria dos atletas participantes mudou-se temporariamente para a Vila Olímpica. As partilhas começaram calmamente, com os atletas a mostrarem a sua ida para a Vila, as suas primeiras impressões e, principalmente, as polémicas camas anti-sexo. Entretanto, dentro da tendência sobre a Vila, já se desenvolveram tendências mais específicas.

Nos primeiros dias, os atletas partilharam os seus *kits* de boas-vindas e, principalmente, a roupa com que iriam competir na sua prova ou representar a sua nação na cerimónia inaugural. Instalados, começaram, naturalmente, a interagir com outros atletas – e nasceram os conteúdos de trocas de *pins*. Os atletas levam *pins* com a bandeira do seu país e trocam-nos por outros.

A cama polémica e a comida

A Vila, cujas obras começaram em 2021, conta com 82 prédios, três mil apartamentos e 7200 quartos e há quem já tenha tirado tempo para visitar os vários edifícios, como é o caso da comitiva da Nova Zelândia, que atribuiu pontuações aos prédios dos vários países – de um 9 aos EUA pela "boa música" do ginásio, ao 7 da Argentina pelo "cheiro a churrasco".

Nas inúmeras avaliações estéticas dos prédios, houve um protagonista notório: o alce canadiano. A comitiva do Canadá levou um alce vermelho para a entrada do prédio e o objecto tem roubado as atenções e sido alvo de várias *selfies*.

Jennifer Lehane, pugilista irlandesa, mostrou as coisas que, para si, "fazem sentido" na Vila Olímpica, como uma padaria com "baguetes frescas" – não fossem os Jogos Olímpicos disputados em França –, uma sala de jogos, uma cabine de fotografias e até cabeleireiro. Um Costa Café gratuito, um bar com bebidas não alcoólicas, um espaço *zen* e um *buffet* halal são algumas das comodidades mostradas pelos atletas.

Já dentro dos quartos, as camas de cartão que causaram polémica nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 2021, por alegadamente serem camas anti-sexo, voltaram a ser protagonistas nesta edição. Apesar de, este ano, as camas não serem um problema para a comitiva portuguesa, já que terão camas inteligentes na Vila Olímpica, todos as restantes comitivas irão dormir nas camas de cartão.

Tom Daley, atleta britânico que conquistou na segunda-feira a sua quinta medalha olímpica, primeira de prata, em salto ornamental de duplas, mostrou a estrutura de cartão, aproveitando para a testar. Daria Saville, tenista australiana, foi mais longe e mostrou todo o apartamento.

Outro dos aspectos mais abordados nas redes sociais dos atletas foi o restaurante, criticado pelos participantes por falta de comida, nomeadamente de ovos e frango. Aleah Finnegan, ginasta artística filipino-americana, mostrou a experiência na sala de jantar e aprovou a comida.

Os espaços de convívio, em particular os de refeição, estão a trazer ao de cima o conteúdo mais caricato dos atletas, desde as caras de surpresa das jogadoras de râguebi canadianas ao verem passar Serena Williams, ao queque de chocolate preferido dos nadadores noruegueses.

Um dos momentos mais caricatos fica registado por Tyler Downs, atleta de saltos ornamentais americano, com uma referência ao *reality show Love Island*, a reacção à chegada de novos atletas na Vila Olímpica, por serem todos "bonitos". Fora das competições, nas redes sociais, as rivalidades dos Jogos Olímpicos desaparecem. Nikia Ducarroz, ciclista da Suíça, mostra em tom de brincadeira que, com o autocarro cheio, tem de se sentar ao lado "do inimigo", partilhando os assentos com atletas americanas e australianas.

A Vila Olímpica em Paris tem, portanto, roubado as atenções. Mas nem todas as provas dos Jogos Olímpicos se passam em França. A modalidade de surf acontece no Taiti e muito se especulou sobre em que condições estariam os atletas lá presentes. Kanoa Igarashi, entretanto derrotado por Gabriel Medina, tirou-nos as dúvidas. A maior parte dos atletas no Taiti está na primeira Vila Olímpica flutuante.

O barco tem muitas das comodidades da Vila Olímpica de Paris, como o salão de jogos, o *buffet*, entre outros. Para além disso, alguns surfistas acreditam estar alojados com melhores condições do que os seus colegas de missão. Principalmente, por terem uma cama de casal.

Os Paralímpicos também têm vindo a gerar debate pelas redes sociais. Os conteúdos partilhados pela conta oficial dividem a opinião dos utilizadores entre o "insensível" e o "genial". Os Jogos Olímpicos terminam a 11 de Agosto. Os Paralímpicos começam a 28 de Agosto e decorrem até 8 de Setembro.

DR



É no TikTok que os atletas partilham o quotidiano da Vila Olímpica

Agenda dos portugueses



As horas estão no horário de Lisboa

PAWEL KOPCZYNSKI/REUTERS



Hoje

9h10	**Pedro Buaró**	Atletismo salto com vara	Qualificação
10h00	**Nelson Oliveira e Rui Costa**	Ciclismo prova de fundo	
11h00	**Carolina João/Diogo Costa**	Vela 470 misto	Regatas 3 e 4
11h00	**Eduardo Marques**	Vela Dinghy	Regatas 5 e 6

Finais

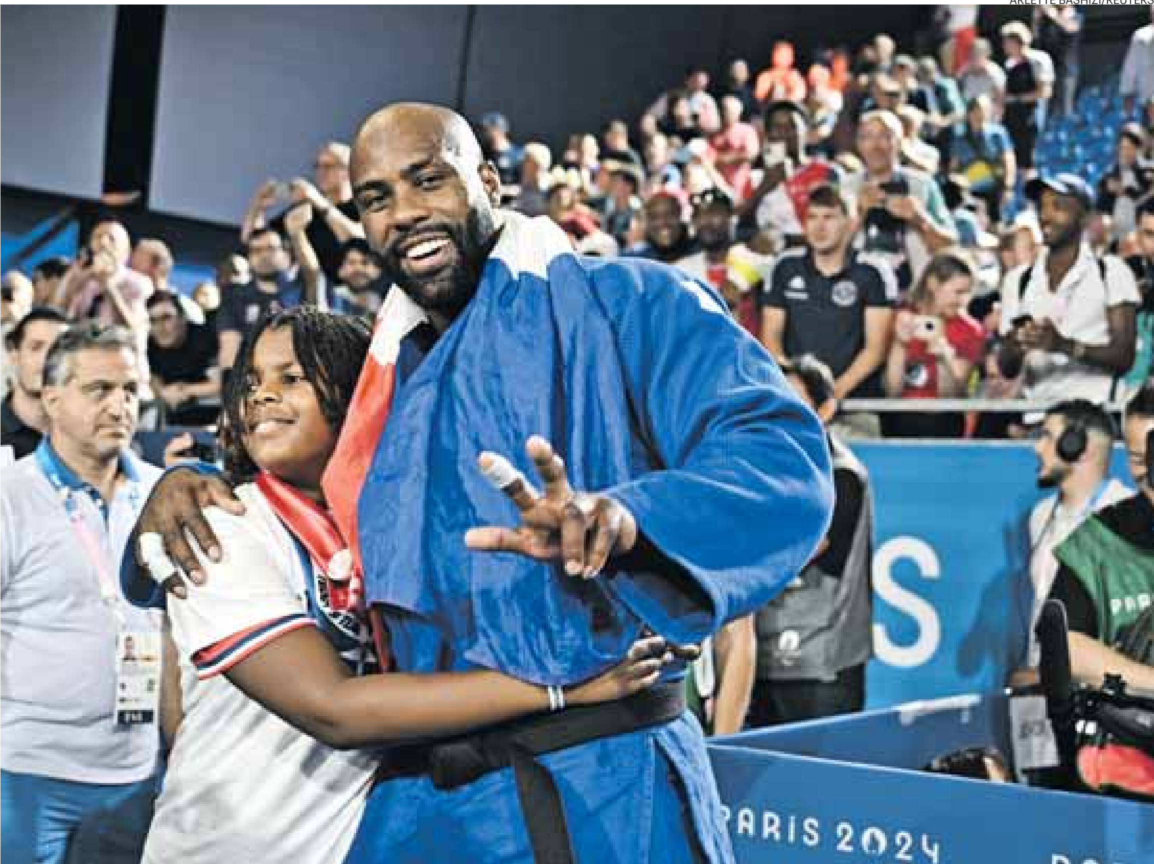
Hoje

Remo	Scull individual F	8h30
Tiro	Carabina 25m F	8h30
Remo	Scull individual M	8h42
Remo	Oito com timoneiro F	9h50
Remo	Oito com timoneiro M	10h10
Ginástica artística	Solo M	14h30
Tiro	Skeet M	14h30
Esgrima	Sabre por equipas F	15h10
Ginástica artística	Salto F	15h20
Ginástica artística	Cavalo com arções M	16h16
Esgrima	Sabre por equipas	18h00
Atletismo	Lançamento do peso M	18h35
Atletismo	Triplo Salto F	19h20
Natação	100m mariposa M	19h30
Natação	200m estilos F	20h08
Atletismo	100m F	20h20
Natação	800m livres F	20h28
Natação	Estafeta 4x100m medley misto	20h58

Medalheiro

	●	●	●	Total
1. **RP China**	13	8	9	30
2. **França**	11	12	13	36
3. **Austrália**	11	6	5	22
4. **EUA**	9	18	16	43
5. **Grã-Bretanha**	9	10	8	27
6. **Japão**	8	4	6	18
7. **República da Coreia**	7	5	4	16
8. **Itália**	5	8	4	17
9. **Países Baixos**	4	3	2	9
10. **Canadá**	3	2	6	11

ARLETTE BASHIZI/REUTERS



Riner já ganhou medalhas em cinco edições dos Jogos Olímpicos

Judo

A sexta medalha olímpica de Teddy Riner é a mais importante

Pedro Keul

Uma semana depois de acender a pira olímpica, ao lado de Marie-José Pérec, o judoca Teddy Riner reforçou o estatuto de lenda do desporto com a conquista da terceira medalha individual nos Jogos Olímpicos. Aquela honra inicial atribuída a Rinner reforçou ainda mais a vontade de celebrar um título olímpico diante dos seus compatriotas, mas já desde a atribuição da prova a Paris que a conquista do ouro se revelou de uma importância enorme para o judoca francês. E aos 35 anos, Riner é agora o judoca com mais títulos e medalhas nos Jogos Olímpicos, com um total de seis.

Campeão do mundo em 11 ocasiões, Teddy Riner somou um terceiro título de campeão olímpico individual – igualando o japonês Tadahiro Nomura (campeão em 1996, 2000 e 2004 em -60kg) e apagou a má recordação de Tóquio, onde ficou fora da corrida ao ouro, ao perder nos quartos-de-final com Tamerlan Bashaev.

O adiamento por um ano do evento devido à pandemia de covid-19 e uma lesão no joelho esquerdo não ajudaram à preparação de Teddy Riner, que logo depois da conquista da medalha de bronze – e outra de ouro na competição por equipas –, se refugiou em Guadalupe para umas férias e uma reflexão sobre a carreira. A desilusão de Tóquio transformou-se em motivação para Paris.

Reinventou-se após Tóquio

Recorreu a Christian Chaumont, seu treinador entre 2009 e 2016, para reinventar as sessões de treino, introduziu na preparação vários estágios no Brasil, Japão, Mongólia e Cazaquistão, para procurar novos desafios técnicos e físicos e apresentou-se em Paris mais forte, em todos os departamentos, com 141kg de peso – menos um que em Tóquio – e em grande forma competitiva, com o pleno de vitórias nos 38 combates que efectuou desde Tóquio (24 este ano) e triunfos nas cinco provas internacionais em que entrou desde Fevereiro, entre as quais o Grand Slam de Paris, onde se impôs pela oitava vez, estabelecendo um novo recorde na prova.

Um outro objectivo era chegar aos Jogos Olímpicos entre os oito melhores do ranking para figurar entre os cabeças de série, o que não aconteceu em Tóquio.

"É um trabalho árduo, é merecido! Quero agradecer a todos que acreditaram em mim. Quando está escrito, está escrito, é simplesmente incrível! Eu nunca teria imaginado algo assim. O público, a família que está aí... é excepcional. Eu queria, estou super-feliz, vou tirar algum tempo para desfrutar disto. Obrigado a todos", referiu Riner, após impor-se na final com o sul-coreano Minjong Kim por *ippon* – graças a um *harai goshi* (projecção através de um varrimento de anca) – e receber os parabéns do Presidente Emmanuel Macron, presente na Arena Champ-de-Mars.

Riner é apenas o segundo atleta francês a conquistar medalhas em cinco diferentes edições dos Jogos Olímpicos, imitando o esgrimista Philippe Cattiau (de 1920 a 1936). E a quinta presença nos Jogos Olímpicos do judoca nascido em Guadalupe e residente em Marraquexe poderá não ser a última, pois já confessou que se vê a competir em 2028.

Esta foi a primeira medalha de ouro da França conquistada em Paris no judo, modalidade que figura no quinto lugar dos desportos com mais praticantes no país. Globalmente, os resultados têm sido frustrantes para a modalidade, em especial no sector feminino, onde havia quatro favoritas ao título e apenas Shirine Boukli (-48kg), Clarisse Agbégnénou (-63kg) e Romane Dicko (+ 78kg) conquistaram medalhas de bronze.

No total, os judocas franceses somam nove, repartidas por uma de ouro, duas de prata e seis de bronze.

Contte vinga fuga ao *sprint*, Eulálio não cede a Stüssi na Volta

Augusto Bernardino

Etapa mais longa, antes da Senhora da Graça, teve uma escapada de 27 ciclistas que deixaram pelotão a quase 10 minutos e meio

O argentino Tomás Contte (Aviludo/Louletano) venceu ontem a 8.ª etapa da 85.ª edição da Volta a Portugal, disputada entre Viana do Castelo e Fafe, batendo ao *sprint* o espanhol Andoni Lopez (Euskaltel) e o português Rafael Reis (Sabgal) ao fim de 4h24m05s de corrida da etapa mais longa da prova.

O pelotão chegou 10m25s depois, com Colin Stüssi (Vorarlberg) a procurar ganhar tempo a Afonso Eulálio (Betão/Feirense) e a Mikel Bizkarra (Euskaltel), cortando a meta sensivelmente à frente dos rivais, o que não se reflectiu na classificação oficial, que atribuiu o mesmo tempo do suíço ao camisola amarela antes das etapas decisivas desta Volta.

Na véspera da Senhora da Graça, com os favoritos a reservarem-se para a dureza do Monte Farinha e para o contra-relógio individual de Viseu no fecho da prova, um pequeno pelotão de 27 ciclistas viu na tirada da mais longa (182,4km) a última oportunidade para se lançar numa fuga que chegou a dispor de mais de 12 minutos de vantagem a cerca de 50 quilómetros da meta, em Fafe.

Esse grupo alargado de fugitivos integrava o português Gonçalo Leaça (Credibom), o mais bem classificado (27.º, a 13 minutos do líder da Volta), que esteve muito perto de se tornar virtual camisola amarela (chegou a ser quarto, mas ficou à porta do top 10, ascendendo a 11.º).

Porém, a vantagem começou a cair gradualmente, com o pelotão principal especialmente atento às implicações que uma desvantagem tão pronunciada poderia acarretar para o top 10.

Nos últimos 30 quilómetros acabou por prevalecer a guerra táctica, com os mais rápidos entre os fugitivos a estudarem-se e a pouparem esforços para o momento decisivo, o que fez cair a vantagem a partir do momento em que foi possível determinar que a fuga já não seria anulada, sem que no pelotão se registasse uma reacção enérgica.

A 17km da chegada, Pedro Pinto (Efapel) abriu as hostilidades na tentativa de ganhar uma vantagem que durou dois quilómetros. João Matias (Tavfer), Diogo Narciso (Credibom) e por fim Samuel Boardman (Project Echelon) atacaram no início da subida de Golães (4.ª categoria), aproveitando a indecisão dos parceiros de fuga. Mas faltou colaboração e a tirada foi mesmo decidida num duro *sprint* a subir, que resultou no primeiro triunfo do argentino.

Classificações

8.ª ETAPA	
1.º T. Contte (Aviludo/Louletano)	**4h24m05s**
2.º Andoni Lopez (Euskaltel)	**m.t.**
3.º Rafael Reis (Sabgal/Anicolor)	**m.t.**
4.º S. Bassett (Project Echelon)	**m.t.**
5.º Luís Gomes (Simoldes)	**m.t.**
GERAL	
1.º A. Eulálio (Betão/Feirense)	**33h01m10s**
2.º Colin Stüssi (Vorarlberg)	**a 21s**
3.º M. Bizkarra (Euskaltel)	**a 55s**
4.º Diego Camargo (Petrolike)	**a 1m24s**
5.º A. Carvalho (Betão/Feirense)	**a 1m29s**

NUNO VEIGA/EPA



Tomás Contte vence etapa após fuga de sucesso

ANTONIO PEDRO SANTOS/LUSA



Rúben Amorim já ganhou uma Supertaça ao comando do Sporting

JOSÉ COELHO/LUSA



Vítor Bruno tem hoje a sua estreia oficial como treinador pricipal do FC Porto

Sporting nunca falhou contra o FC Porto na Supertaça

Paulo Curado

"Leões" venceram as quatro partidas disputadas contra os portistas na competição, mas "dragões" dominam a prova

Desde a estreia da Supertaça, em 1979, a prova de abertura da temporada tem sido uma inesgotável fonte de troféus para o FC Porto. Em 45 edições, conquistaram mais de metade dos títulos, num total de 32 presenças. Neste feudo portista, a grande malapata da equipa tem sido o Sporting, com quem perdeu todos os quatro encontros disputados. Hoje, as duas equipas voltam a encontrar-se, no Estádio de Aveiro (20h15, RTP1).

Com 23 triunfos, a Supertaça Cândido de Oliveira está sobejamente representada no museu do FC Porto.

A primeira edição, há 45 anos, foi precisamente disputada no antigo Estádio das Antas, numa partida única, frente ao Boavista, que haveria de levar a taça para o Bessa, após vencer por 2-1. Júlio Carlos foi o autor dos golos "axadrezados", os primeiros na prova.

Os "dragões" teriam de esperar até 1981 para começarem a tomar conta das estatísticas, batendo o Benfica por um agregado de 4-3. Entre 1980 e 2000, a Supertaça disputava-se a duas mãos, com direito a uma finalíssima em caso de empate. A partir de 2001, passou a ser decidida numa partida única em campo neutro.

O FC Porto voltaria a encontrar os "encarnados" em quatro anos consecutivos, entre 1983 e 1986, somando três triunfos e uma derrota (1985). No ano anterior (1984), as duas equipas tinham proporcionado uma das mais empolgantes decisões da Supertaça até então. Depois de uma vitória para cada lado, por 1-0, foi necessário recorrer à primeira finalíssima, então também disputada a duas mãos.

O equilíbrio da primeira eliminatória deu lugar a um triunfo robusto dos portistas. Após vencerem nas Antas, por 3-0 (um golo de Vermelhinho e Fernando Gomes a bisar), foram ao antigo Estádio da Luz impor um 1-0, da autoria de um então jovem Paulo Futre, conquistando o seu terceiro título.

Final em Paris

O primeiro confronto entre FC Porto e Sporting surgiu apenas em 1995, havendo necessidade de recorrer também a uma finalíssima, uma partida única, marcada para... Paris. Com Octávio Machado aos comandos dos "leões", após dois empates (0-0 e 2-2), os lisboetas foram letais em França, vencendo por 3-0, com dois golos de Sá Pinto e outro de Carlos Xavier.

No ano seguinte, o Benfica seria a vítima da fulminante resposta portista.

Com Sérgio Conceição na equipa, os "dragões", treinados por António Oliveira, venceram pacatamente em casa, por 1-0, antes de golearem na Luz, por 5-0. Foi mais um desfecho infeliz para os "encarnados", que são os recordistas de Supertaças perdidas, um total de 13, contra nove arrebatadas.

Também com nove troféus conquistados, o Sporting perdeu apenas duas edições em que participou, ambas contra o Benfica (que venceria também por outras duas ocasiões). Em 1980, no segundo ano da competição, perdeu por 3-4 (2-2 e 2-1), mas em 2019 foi goleado por 0-5, no resultado mais desnivelado da prova em um único jogo.

Pentacampeão Porto

Recordista absoluto de troféus, com 71,1% de presenças neste palco, o FC Porto teve o seu melhor ciclo na prova entre 2009 e 2013, quando conquistou cinco títulos consecutivos. Os adversários foram Paços de Ferreira (2-0); Benfica (2-0); Vitória de Guimarães (2-1); Académica (1-0) e novamente os vimaranenses (3-0).

Um período esmagador dos portistas, que arrancou após duas derrotas também consecutivas com o Sporting, em 2007 (0-1) e 2008 (0-2). Na prova, estes foram os últimos clássicos entre estes dois grandes do futebol português, que se tinham igualmente encontrado em 2000, no último ano da decisão a dois jogos.

Uma partida que, à semelhança da primeira, também teve necessidade de finalíssima. Após dois empates (1-1 e 0-0), o tira-teimas foi no Municipal de Coimbra, valendo um golo do argentino Beto Acosta para a taça seguir para Alvalade.

Supertaça como tónico

Disputada ainda em clima de pré-temporada, a Supertaça não permite aferir o verdadeiro valor das equipas em confronto, mas vai deixando indicações. Em 13 edições, o vencedor deste título madrugador haveria de conquistar o campeonato nacional no final da época. Aconteceu com o FC Porto em dez ocasiões e em três com o Benfica.

Já o Sporting, nos nove anos em que levou o troféu, nunca conseguiu reforçar o êxito com um título no campeonato. Algo que o treinador Rúben Amorim gostaria de inverter, até porque já conta com uma Supertaça no currículo, em 2021, quando venceu o Sp. Braga, por 2-1. Se voltar a vencer, ficará empatado com os oito técnicos que conquistaram dois troféus Cândido de Oliveira.

Na frente deste ranking, com três títulos, estão Artur Jorge e Sérgio Conceição, que o fizeram ao serviço do FC Porto.

Palmarés

Vitórias

FC Porto	23
Sporting	9
Benfica	9
Boavista	3
Vitória Guimarães	1

Finalista vencido

Benfica	13
FC Porto	9
Sp. Braga	4
Vitória de Guimarães	3
Vitória de Setúbal	2
Sporting	2
Belenenses	1
Estrela da Amadora	1
Beira-Mar	1
Boavista	1
Leixões	1
União de Leiria	1
Paços de Ferreira	1
Académica	1
Rio Ave	1
CD Aves	1
Tondela	1

Vencedores da Supertaça e Campeões no final da época

1980 – Benfica	(1980-81)
1984 – FC Porto	(1984-85)
1991 – FC Porto	(1991-92)
1994 – FC Porto	(1994-95)
1996 – FC Porto	(1996-97)
1998 – FC Porto	(1998-99)
2003 – FC Porto	(2003-04)
2006 – FC Porto	(2006-07)
2010 – FC Porto	(2010-11)
2011 – FC Porto	(2011-12)
2012 – FC Porto	(2012-13)
2014 – Benfica	(2014-15)
2016 – Benfica	(2016-17)

Público
Iniciativas



Não têm limite as profissões da mulher do povo

Feminismo

Colecção
As Mulheres do Meu País,
de Maria Lamas
15.º Fascículo
Quarta-feira, 7 de Agosto
Por + 12,90€

Chegámos ao último fascículo e ao último capítulo da obra de Maria Lamas. Nesta recta final, Lamas aborda a mulher doméstica e as instituições de caridade, fazendo ainda a distinção das raparigas domésticas. Em notas várias, seguem ainda diversas considerações da autora sobre os direitos políticos da mulher, mães solteiras, prostituição, a mulher no desporto, instituições femininas e qualidades afectivas e morais da mulher portuguesa. "Ao darmos por findo este documentário sobre a vida da mulher em Portugal, não ficamos, de forma alguma, com a pretensão de ter dito tudo quanto seria justo e necessário dizer", admite. Tudo "não cabe nas páginas dum livro". "À medida que íamos percorrendo aldeias, vilas e cidades, do Minho ao Algarve e através das ilhas da Madeira e dos Açores, melhor compreendíamos a importância da obra que urge realizar para que a mulher portuguesa ocupe o lugar que lhe compete na sociedade e na vida", escreve Lamas. Ficou a tentativa de retrato de um Portugal dos anos 1940, embora a reflexão pudesse ser dos dias de hoje.



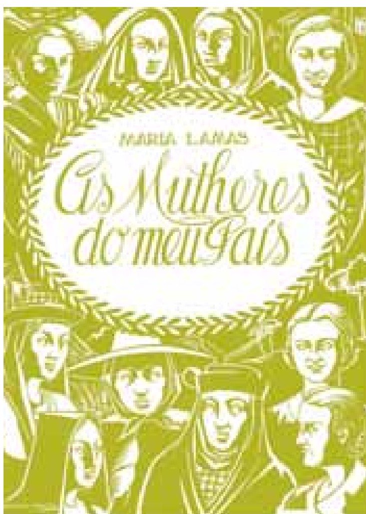
FOTOS: DR



O início

Tudo começou em 1947. Primeiro, obrigada a escolher entre a edição da revista *Modas e Bordados*, suplemento do jornal *O Século*, e a direcção do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (CNMP), a escritora e jornalista Maria Lamas foi peremptória e demitiu-se. O ultimato tinha sido feito pelo próprio director do jornal por considerar que as duas actividades eram incompatíveis. Depois, o CNMP acabou por ser encerrado pelo governador civil de Lisboa, numa reunião com Maria Lamas, em que lhe explicou que "não deveria ter tanto trabalho nem preocupar-se tanto com a situação das mulheres portuguesas, a quem o Conselho Nacional não era necessário, uma vez que o Estado Novo confiava à Obra das Mães o encargo de as 'educar e orientar'". É talvez o primeiro relato de *mansplaining* documentado, que chegou até aos nossos dias através das palavras da neta da própria autora, incluindo no texto introdutório da segunda edição da obra *As Mulheres do Meu País*". "O governador civil paternalmente explicou à minha Avó", escreve. À afronta a jornalista respondeu que iria verificar e depois informaria.

Daí saiu o projecto da obra *As Mulheres do Meu País*. Agora sem perspectiva de emprego, sem apoios e sem editora, Maria Lamas contou com a ajuda da sua rede de contactos para criar a Actuális, Lda, uma empresa para custear as despesas inerentes à investigação planeada (viagens, alojamento, documentação, etc.). Organizou ainda a recolha de assinaturas para a publicação de cada fascículo: cada um valia 15 escudos, ou 200 escudos para a obra completa adiantada. Os 15 fascículos, de 32 páginas cada, saíram uma vez por mês entre 1948 e 1950.



"A minha Avó saía de Lisboa com dinheiro para 15 dias, papel, lápis e uma máquina Kodak em direcção aos diferentes pontos do país onde, como jornalista, interrogava, observava, fotografava, não só as mulheres que eram o seu objecto de estudo como as suas famílias, anotando sempre os elementos de geografia física e humana que as enquadravam. Ao fim desses 15 dias, regressava a Lisboa, passava todos os seus apontamentos a limpo, entregava o trabalho na tipografia onde se fazia a primeira impressão e revia as provas desse fascículo", explica a neta da jornalista no texto da segunda edição da obra. Pelas estradas e caminhos, muitas vezes em carroças, no dorso de animais ou até a pé, Maria Lamas foi ao encontro das suas irmãs portuguesas, como a própria descreveu: "Procurei conhecer e sentir as suas vidas humildes ou desafogadas, as suas aspirações, sintoma alarmante de ignorância, desinteresse e derrota." Fazia-se sempre acompanhar da sua máquina fotográfica com que registou a maior parte das centenas de fotografias que constam na obra ("Resolvi arranjar uma máquina e ser eu também fotógrafa", disse), fotos essas sempre devidamente legendadas e creditadas, um cuidado não muito habitual na época. "Queria-as verdadeiras, expressivas, com valor documental e inéditas", disse a autora numa entrevista ao jornal *Primeiro de Janeiro*, no início da publicação da obra. Ainda assim, acaba também por incluir imagens de outros fotógrafos — profissionais ou amadores — e arquivos, sobretudo a nível local, de situações que Lamas não conseguiu fotografar.

É ao longo das mais de 500 páginas que podemos ler também as entrevistas de Lamas, os relatos e as denúncias, num misto de reportagem, ensaio fotográfico, dissertação sociológica ou panfleto de combate político: foi, afinal, um importante documento acusatório do regime fascista, que promovia a imagem de "dona de casa", enquanto trabalhar fora de casa era na verdade a realidade da maior parte das mulheres portuguesas. "No povo, não há, praticamente, mulheres domésticas (...). Quando não são operárias, são trabalhadoras rurais, vendedeiras, criadas de servir ou 'mulher a dias'." Um retrato extraordinário e revolucionário do nosso país, 75 anos depois, com reflexões muito actuais aos dias de hoje. Para ler e guardar.

Diário de Um Cientista



Página 3

Jogos letais: quando os predadores se caçam uns aos outros

O ecologista Gonçalo Curveira-Santos usa uma abordagem inovadora para estudar como a agressão entre carnívoros africanos transcende a simples disputa por alimentos

Gonçalo Curveira-Santos Texto
André Carrilho Ilustração

Pense na natureza como um grande jogo de sobrevivência. Os predadores caçam para obter alimento, mas, por vezes, também eles se tornam alvo de agressão letal por parte de outros predadores; algo que há muito intriga os ecólogos.

Tradicionalmente, pensava-se tratar-se sobretudo de uma questão de competição e de risco-recompensa. Os predadores beneficiam do ataque a outros predadores que disputam as mesmas presas. Todavia, é comum os predadores "ripostarem", por isso acreditávamos que os ataques acontecem quando os predadores são suficientemente semelhantes para partilharem a mesma presa, mantendo o agressor alguma vantagem em termos de tamanho para reduzir os riscos de retaliação. A minha investigação sobre carnívoros africanos revelou uma história mais complexa.

Há algo de intrigante na agressão entre predadores, uma dança letal onde a mesma estratégia evolutiva colide sobre si própria. Sentado com o meu supervisor no terraço da nossa estação de investigação na Reserva Mun-Ya-Wana, na África do Sul, com uma cerveja na mão depois de um longo dia em trabalho de campo, ponderávamos sobre este tipo de interacções. Um serval – um bonito e esguio gato selvagem, com patas compridas e uma pelagem amarela com pintas – tinha sido encontrado morto, a norte do nosso acampamento. Um dos guias turísticos da reserva confirmou: "Foi morto por leões."

O incidente com o serval era relevante para o meu doutoramento, podia ajudar a explicar a razão pela qual os servais eram uma das espécies mais raramente avistadas durante o meu trabalho de campo. Mas o que levaria um leão, que pesa mais de 100 quilos, a atacar um serval, apenas uma pequena fracção do seu tamanho? A teoria existente sobre "mortalidade intraguilda" (jargão científico para quando predadores se matam uns aos outros) parecia insuficiente. Se, efectivamente, os carnívoros de grande porte têm também como alvo outros predadores muito mais pequenos, a competição, por si só, não seria explicação suficiente. Será que compreendemos verdadeiramente as motivações



A origem das ideias, o caminho percorrido até elas ganharem forma, as notas de campo e os objectos de estudo: 26 cientistas contam as suas histórias — sobre lobos e cavalos-marinhos, víboras e morcegos, gatos-bravos, sobreiros e muito mais. Um projecto inédito da associação científica Biopolis e do Azul, que junta cientistas e jornalistas para falar de ciência de uma forma diferente. **Faça todos os dias um *quiz*, para saber mais sobre o mundo vivo que nos rodeia, e ouça o *podcast* em publico.pt/interactivos/diario-de-um-cientista**

subjacentes a estes confrontos letais? Começámos então a levantar diferentes hipóteses. Talvez tenhamos subestimado a extensão destas interacções.

Momentos de curiosidade como este são valiosos. Nas palavras do apresentador britânico David Attenborough: “Parece-me que o mundo natural é a maior fonte de entusiasmo; a maior fonte de beleza visual; a maior fonte de interesse intelectual.” A pergunta concreta que surgiu na natureza selvagem, e que reflectiu a minha curiosidade intrínseca, também abriria caminho para uma viagem memorável – a que dou muito apreço hoje em dia – através da beleza da investigação científica.

Voltando à estação de investigação, prosseguimos a nossa conversa. A natureza críptica do comportamento de predadores constituía desde há muito uma barreira. Os carnívoros são animais raros e esquivos e a sua detecção exige frequentemente o recurso a metodologias complexas, como eu próprio procurava fazer ao colocar mais de 300 câmaras com sensor de movimento ao longo da vasta paisagem de savana. A probabilidade de capturar o momento exacto em que duas espécies de predadores se encontram e interagem parecia, na melhor das hipóteses, muito reduzida. Num momento de brincadeira, disse: “Quem me dera que pudéssemos prender uma câmara a um leão e simplesmente ver o que ele faz.”

Mais tarde, ocorreu-me: “Não é quase isso que fazem os turistas por toda a África Austral, câmaras sempre apontadas para grandes carnívoros, tentando captar momentos interessantes?” De certeza que o incontável número de turistas em safaris faria um trabalho melhor do que todos os meus aparelhos estáticos. Equipados com as suas câmaras, os turistas seguem os predadores durante horas, as suas lentes à espera de captar a memória virtual de um eventual comportamento fora do comum. As suas fotos, mais tarde partilhadas *online*, devem albergar um manancial de dados inexplorados, num poderoso exemplo do valor da ciência participativa, há muito reconhecido pelos ecólogos.

A curiosidade inicial conduziu-me à “busca de conhecimento”; a ciência entrou em acção. Aquela pergunta não era uma parte explícita do meu plano de doutoramento, nem eu tinha sido financiado para a fazer. Mas era interessante e era importante. As interacções agressivas entre mamíferos carnívoros estão no cerne de princípios fundamentais da ecologia de comunidades. Os predadores dominantes e de maior porte podem manter sob controlo populações de carnívoros subordinados, seja pela sua redução numérica ou pela alteração do seu comportamento por via do medo – a este fenómeno dá-se o nome de supressão de mesopredadores.

Se a nossa hipótese fosse suportada – que a agressão entre carnívoros tem sido subestimada e transcende a mera competição –, então estes mesmos princípios poderiam ser aplicados a muitas outras espécies de carnívoros, independentemente do seu tamanho. As implicações desta descoberta seriam profundas. Os carnívoros mais pequenos desempenham uma variedade de funções ecológicas, desde controlar populações de roedores, incluindo espécies de pragas e portadores de doenças, até facilitar a dispersão de sementes de plantas que complementam a sua dieta carnívora. Os efeitos em cascata da agressão sobre estas espécies poderiam repercutir-se por todo o ecossistema de formas inesperadas.

Semanas mais tarde, de regresso a Portugal, partilhei com entusiasmo as minhas novas ideias com os meus colegas mais próximos, ambos em vias de terminar os respectivos doutoramentos. A minha curiosidade traduzira-se numa pergunta, formulei hipóteses e pensei num método inovador, mas foi sempre minha convicção que a boa ciência deve ser colaborativa. Em conjunto, concebemos um plano de pesquisas estruturadas de imagens no Google (sim, o mesmo Google que o leitor usa), a partir de uma cuidadosa selecção de palavras-chave, que nos conduziriam às imagens que pretendíamos. Passámos os meses seguintes a esquadrinhar centenas de *websites* de fotografias da vida selvagem, blogues dedicados ao turismo da natureza, Facebook e outras publicações nas redes sociais.

As imagens que encontrámos correspondiam exactamente ao que procurávamos: momentos fascinantes do comportamento animal, que nós, ecologistas com incontáveis horas passadas no terreno, raramente testemunhámos. Estávamos entusiasmados! Recordo-me do sentimento de gratidão pela oportunidade de observar a natureza através do olhar de muitos outros. Algumas destas imagens eram brutais, quase cruéis.

À primeira vista, a imagem vívida de uma hiena ensanguentada nas mandíbulas de um leão era profundamente perturbadora. No entanto, como ecologistas, compreendemos que aquilo que pode parecer cruel ao olho humano constitui, de facto, um testemunho das estratégias individuais de sobrevivência e de reprodução dentro do intricado tecido da selecção natural e da evolução. Existe, nesta perspectiva, uma certa beleza. E aqui estávamos nós, a tentar compreendê-la apenas um pouco melhor.

A escala das nossas descobertas era impressionante. O nosso catálogo de interacções agressivas entre carnívoros sul-africanos incluía quase todas as espécies da região; desde os icónicos leões, leopardos, chitas e hienas, até aos menos conhecidos mangustos, genetas e raposas, todos estavam enredados nesta rede letal. Muitos destes pares tinham escapado a estudos prévios que constituíam as bases do nosso conhecimento relativamente a este processo ecológico. Tornou-se evidente que a agressão entre predadores pode ser bastante mais prevalecente do que inicialmente se pensava.

> **O que mais nos impressionou foi a ubiquidade dos ataques perpetrados pelos predadores de maior porte, especialmente felídeos como leões e leopardos, que atacam até os mais pequenos carnívoros – tem de ser mais que mera competição!**

O que mais nos impressionou, porém, foi a ubiquidade dos ataques perpetrados pelos predadores de maior porte, especialmente felídeos como leões e leopardos, que atacam até os mais pequenos carnívoros – tem de ser mais que mera competição! Entre imagens de previsíveis confrontos entre leões e hienas por uma carcaça ou de um leopardo a agarrar o pescoço de uma chita já rendida, reminiscentes das cenas exibidas nos documentários sobre a natureza de sábado à tarde, também vimos uma majestosa leoa com a mais minúscula doninha-listrada, uma criatura pouco maior que um esquilo, pendurada no canto da boca; ou um furtivo leopardo que calmamente sobe para a segurança da sua árvore enquanto segura na boca uma pequena geneta, com a sua cauda anelada pendurada e sem vida.

Os resultados corresponderam às nossas previsões; porém, não se limitaram a oferecer várias respostas a uma só pergunta – abriram a porta a muitas outras. Esta é a essência da ciência. Se a comunidade científica subestimou a prevalência da agressão entre carnívoros e se as tradicionais noções de competição são insuficientes para justificar as nossas observações, qual será, então, a explicação? Seguiu-se, assim, mais um belo exercício em ciência, aquilo que eu gosto de considerar como “criatividade informada”. À semelhança de um artista que se inspira numa obra que já existe para perspectivar a sua próxima criação, também nós tentámos basear as nossas conclusões em conhecimentos existentes para elaborar hipóteses alternativas, susceptíveis de serem testadas em futuros estudos.

Talvez a interacção letal entre predadores esteja também relacionada com a obtenção de alimento, além da competição por recursos. Embora os pequenos carnívoros não sejam as presas mais abundantes, nem as mais valiosas energeticamente, podem representar um *snack* fácil de obter para um grande predador. Um pequeno benefício, sem custos significativos, continua a ser um benefício. É o que designamos como predação oportunista.

Ou talvez tais ataques sejam um subproduto da história evolutiva em que a agressão intrínseca aos “superpredadores”, altamente adaptados para caçar e matar para fins de sobrevivência, se manifesta na agressão incidental contra carnívoros mais pequenos e indefesos. É, sobretudo, através de comportamentos de “jogo” na sua juventude que muitas espécies de carnívoros desenvolvem as aptidões para a caça que depois utilizarão na idade adulta. Numa descoberta muito curiosa, vimos que carnívoros de menor porte são frequentemente atacados por leões jovens ou mesmo crias, desvendando um pouco mais das complexidades do comportamento destes predadores – “jogos letais”, de facto.

Aquilo que começou como uma conversa casual evoluiu para o meu principal contributo para a ecologia teórica, reformulando a nossa compreensão da agressividade entre predadores – como o desvendar de novos segredos de um jogo letal que julgávamos compreender. Será necessária mais investigação até conseguirmos ter uma noção mais abrangente dos mecanismos que norteiam estes comportamentos complexos. É algo que exige tempo. Faz parte do processo. A natureza continuará plena de emoção e surpresa – só temos de permanecer curiosos.

Gonçalo Curveira-Santos

Investigador júnior



Sou formado em Biologia pela Universidade de Lisboa, com mestrado em Ecologia e Conservação pela Universidade de Uppsala, na Suécia, e doutoramento em Biodiversidade, Genética e Evolução pelas universidades de Lisboa e do Porto. A minha investigação foca-se na ecologia e na conservação da vida selvagem, com ênfase em mamíferos e redes ecológicas de predadores e presas no contexto do Sul da África.

Grupo de Investigação no Biopolis-Cibio
Ecologia da Conservação da Vida Selvagem (WILDEcol)

P2 Verão

A receita da minha... tia

A receita... é uma série sobre a receita favorita de uma pessoa de família de vários *chefs* portugueses

RUI GAUDÊNCIO



Zé Paulo Rocha, da taberna O Velho Eurico

As papas de milho que eram o pequeno-almoço de 12 filhos

Alexandra Prado Coelho

O que é que os pais comiam antes de ir para a escola? É a curiosidade de Zé Paulo Rocha, da taberna O Velho Eurico, em Lisboa, que dá início a esta história. Embora desde há muito se interesse pelas tradições culinárias familiares – e, de forma mais alargada, da sua aldeia de Covas, junto a Vila Nova de Cerveira, no Minho –, só no ano passado se lembrou de perguntar sobre o pequeno-almoço. Ficou então a saber que praticamente todas as crianças ali ganhavam energia para começar o dia com umas papas de milho branco, terminadas com açúcar amarelo, ou mel, e canela – a receita que escolheu quando o desafiámos para este texto.

Não é uma memória da sua infância, porque Zé Paulo é um “falso minhoto”, como costuma dizer. Já nasceu em Lisboa, embora mantenha uma forte ligação à terra dos pais e dos avós. Quando procura receitas e histórias, socorre-se sobretudo da sabedoria guardada por uma tia, hoje na casa dos 70 anos, a tia Carolina, que no ano passado lhe ensinou a receita das papas de milho, tal como já lhe tinha ensinado a da broa de milho e centeio e os bolinhos de frigideira, feitos com os restos da massa da broa e enchidos (e que já serviu n’O Velho Eurico).

“Os meus pais são os dois de Covas”, conta. “As casas deles ficavam a uns 100 ou 200 metros uma da outra. E são ambos de famílias numerosas. A minha mãe tem 12 irmãos, o meu pai tem 15.” Eram, portanto, casas em que “com pouco tinha de se fazer muito”. E as papas de milho eram uma das soluções para alimentar tanta gente. “Tinha de ser algo que enchesse o estômago, quer fosse para ir para a escola ou para um dia de trabalho.” Outra versão, mais usada em casa do pai, era preparar uma sopa para comer ao pequeno-almoço.

Os pais “começaram a namorar por volta dos 16 anos” e, mais tarde, vieram para Lisboa, “casaram-se e ficaram por cá”. Zé Paulo e o irmão gostam de “puxar pelas histórias” que lhes permitam perceber como era a vida em Covas – as deles são, sobretudo, das férias de Verão. “Uma das memórias mais fortes que tenho é de estar em casa da minha avó a roer favos de mel”, recorda, porque a família produz mel de urze, que, aliás, usa n’O Velho Eurico.

“Não há muita documentação gráfica ou escrita”, por isso as memórias passadas oralmente são, neste caso, a melhor fonte de informação. “Sendo cozinheiro, quero tentar chegar o mais perto possível do que se comia na altura”, sejam as receitas, sejam os ingredientes, como a farinha de milho, que a tia ainda compra numa loja local, a Casa dos Passarinhos.

Mas não bastava ouvir a história. Era importante ver (e filmar) a tia a fazer as papas. E foram essas imagens que Zé Paulo partilhou depois na sua conta de Instagram, há exactamente um ano, porque faz falta mostrar a consistência certa que as papas devem ter (quem quiser seguir a receita pode confirmar aí o aspecto com que ficam).

Esta ligação com Covas vai ganhar neste Verão uma nova força. Pela primeira vez, O Velho Eurico vai até ao Minho para participar no festival As Tasquinhas (de 9 a 11 de Agosto). “Vamos levar sopa de entulho, uma receita da família do meu pai, que é quase um rancho mas em sopa, e petiscos que costumamos ter n’O Velho Eurico, moelas de tomatada, pastéis de massa tenra de leitão, leite-creme, arroz-doce, baba de camelo, esse tipo de coisas de festival.”

Quanto a podermos provar em Lisboa algo inspirado nas papas de milho, Zé Paulo diz que está “a trabalhar nisso” e que, provavelmente, aparecerá um prato n’O Velho Eurico quando o tempo ficar mais frio e pedir comidas mais reconfortantes. Para quem, entretanto, quiser experimentar, aqui fica a receita da tia Carolina.

A receita: papas de milho

Ingredientes

1,2l leite gordo
180g farinha de milho branco
50g leite em pó
20g farinha Maizena
250g açúcar branco
Casca de 2 limões
2 paus de canela
Flor de sal q.b.
Açúcar amarelo q.b.
Canela em pó q.b.

Modo de preparação

1. Num recipiente, colocar a casca de limão com o açúcar e envolver com as mãos para que as cascas soltem o óleo para o açúcar.
2. Num tacho, colocar os 800ml de leite ao lume com o açúcar e a casca de limão e o pau de canela.
3. Ferver, desligar e deixar descansar 15 minutos.
4. Num recipiente (podem usar o mesmo que usaram para “aromatizar” o açúcar), adicionar a farinha de milho, o leite em pó, a Maizena, deitar os 200ml de leite (aos poucos) e ir mexendo até obtermos uma mistura homogénea.
5. Devolver esta mistura ao leite aquecido e cozinhar a farinha em lume brando (mexendo sempre que estiver perto do tacho), durante 15-20 minutos.
6. Retirar as cascas de limão e o pau de canela, servir em tigelas e guarnecer (gosto da palavra quando falamos de doces) com uma colher de sobremesa de açúcar amarelo e canela em pó.
7. Se gostar de arriscar, uma pitada de flor de sal e as papas agradecem!



Na Onda do Oceano
O novo programa do Oceanário de Lisboa leva à “descoberta dos segredos dos oceanos”. Um educador marinho propõe desafios que vão de testes de conhecimento a uma batalha naval, sem esquecer um monstro ameaçador. A sessão dura uma hora, custa 18€ e inclui a visita livre ao aquário logo a seguir.



Crianças

lazer@publico.pt

JEAN MELO



O programa do Tradidanças contém actividades para todas as idades

A família tradidança?

Na serra da Arada, um festival acerta o passo às danças do país e do mundo, em comunhão com a natureza



Sílvia Pereira

Danças portuguesas, francesas e irlandesas. De contacto ou urbanas. Ritmos de forró, salsa, valsa, *jive*, *lindy-hop* ou bhangra. “*Afro vibes*”, golpes de capoeira, a “alquimia do movimento” a fluir. Está tudo incluído na sexta edição do Tradidanças, um festival de raiz trad-folk que tem como missão pôr toda a família a mexer, aprender e conviver.

Não se limita a acertar o passo a miúdos e graúdos (e patudos, que os animais de estimação são bem-vindos) na dança. Estende o convite a dezenas de outras actividades, sejam elas massagens, ioga do riso, bailes, concertos (hoje, por exemplo, é noite de Omiri), exposições, animação de rua ou oficinas de instrumentos musicais (aqui, até há um bengaleiro só para eles).

Também se ouvem cantigas e histórias no ELI – Espaço Lúdico Intergeracional. E, no Laboratório da Tradição, tanto se metem as mãos na massa para confeccionar broa de milho, como se descobrem trajes, contos ou um bom vinho.

Tudo isto entre uma boa caminhada pela serra, dois dedos de conversa, um mergulho refrescante numa das piscinas naturais e uma sesta retemperadora – ou um piquenique – à sombra de um carvalho-alvarinho. Para nutrir a experiência, estão garantidas opções de alimentação saudável.

Outro ponto de honra do festival é a aposta na sustentabilidade, quer pelas boas práticas ambientais, quer pelas oficinas que as ensinam.

O Tradidanças é organizado pela Associação Turística e Agrícola da Serra da Arada, em parceria com a autarquia de São Pedro do Sul.

Tradidanças — Festival de Tradições, Dança, Música e Natureza
SÃO PEDRO DO SUL Carvalhais
De 31 de Julho a 4 de Agosto
7,50€ a 30€ (dia);
40€ a 100€ (passe)
Mais info: tradidancas.pt

Fim-de-semana em família

MÚSICA

Porto Pianofest
PORTO Casa Comum. Hoje, às 10h e 11h30. M/4. 5€
Sendo “um lugar para toda a música” e com “música por todo o lado”, o Porto Pianofest tem também algo para os pequenos melómanos: um concerto “onde crianças, pais e avós poderão desfrutar de música juntos”, enquanto exploram “as capacidades excepcionais do piano – virtuosismo, lirismo e diversão”, garante a organização. Tem como guia a pianista e compositora Mariel Mayz, ladeada pela ilustradora Raquel Costa.

TEATRO

A Caminhada dos Elefantes
VIANA DO CASTELO Teatro Municipal Sá de Miranda. Hoje, às 17h. M/6. 4€ a 10€
A visão da vida e da morte é contada às crianças através de uma caminhada para uma despedida, entre uma manada de elefantes. É uma reflexão teatral criada pela Formiga Atómica, com encenação de Miguel Fragata e texto de Inês Barahona, numa tentativa de pôr a nu o mistério do fim e, de caminho, contrariar a infantilização e efabulação do tema.

MERGULHOS

Splash
SEIXAL Cais Fluvial. Todos os dias, até 25/8, das 10h às 19h. 8€ a 15€ (grátis até aos dois anos)
É altura de voltar a cair nas ondas do parque aquático *pop-up* que todos os Verões se instala à beira-Tejo. Toda a família tem onde se refrescar, nadar e brincar. Às piscinas e aos escorregas (devidamente vigiados) juntam-se um circuito de arborismo e um campo de voleibol de praia, além de áreas *lounge*, zonas de sombra e *street food* para alimentar a diversão.

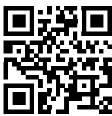


P2 Verão

Cinema


Geração Low-cost

Cartaz, críticas, trailers e passatempos em cinecartaz.publico.pt



Porto

Cinema Trindade
R. Dr. Ricardo Jorge. T. 223162425
A Máscara 18h; **Underground - Era Uma Vez um País...** M14. 15h, 21h; **Histórias de Bondade** M16. 18h; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 14h10, 21h30; **Geração Low-cost** M14. 16h, 19h30;
Cinemas Nos Alameda Shop e Spot
R. dos Campeões Europeus 28 198. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 11h, 14h50, 17h50 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 10h50, 13h10, 13h50, 15h50, 16h20, 18h30, 18h50 (VP), 11h10 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 12h40, 15h30, 18h10, 21h10; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Atmos - 12h30, 15h20, 18h20, 21h20 (2D), 21h40 (3D); **O Coleccionador de Almas** M16. 21h; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 10h40, 12h50, 15h40 (VP); **Crossing - A Travessia** M14. 20h50; **Oh Lá Lá!** M12. 18h40, 21h30; **Armadilha** M12. 13h30, 16h, 19h, 22h

Aveiro

Cinemas Nos Glicínias
C.C. Glicinias, Lj 50. T. 16996
Garfield: O Filme 11h20 (VP); **Gru 4** M6. 11h, 14h15, 16h45, 19h15 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. Sala Atmos - 10h50, 13h20, 16h, 18h40 (VP), 11h10, 13h, 15h30, 18h20, 20h45, 23h30 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 21h45, 00h30; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Atmos - 12h, 15h, 18h, 21h, 24h; **O Coleccionador de Almas** M16. 22h, 00h25; **Oh Lá Lá!** M12. 13h50, 16h15, 18h50, 21h15, 23h45; **Armadilha** M12. 14h, 16h30, 19h, 21h30, 00h15

Braga

Cinemas Nos Braga Parque
Quinta dos Congregados. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 11h10, 13h40, 16h10, 18h40 (VP), 21h05, 23h40 (VO); **Divertida-Mente 2** M6. 10h50, 11h, 13h15, 13h30, 15h40, 16h20, 19h (VP), 21h20, 24h (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h, 16h, 18h50, 21h40, 00h30; **Tornados** M12. 12h40, 15h20, 18h, 20h50, 23h50; **Deadpool & Wolverine** M12. 12h30, 15h30, 18h30, 21h30, 00h35 (2D), 18h10, 21h10, 00h10 (3D); **O Coleccionador de Almas** M16. 19h20, 22h, 00h25; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 11h20, 14h20, 16h50 (VP); **Oh Lá Lá!** M12. 14h, 16h40, 19h10, 21h50, 00h15; **Armadilha** 13h05, 15h50, 18h20, 21h, 00h05
Cineplace Nova Arcada - Braga
C. C. Nova Arcada, Av. De Lamas.
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h30, 15h30, 17h30, 19h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. Xplace Atmos - 11h50, 13h, 15h, 17h10, 19h20 (VP); **Podia Ter Esperado por Agosto** 21h30; **Deadpool & Wolverine** M12. Xplace Atmos - 13h40, 14h, 16h20, 16h40, 19h, 19h20, 21h40, 22h; **O Coleccionador de Almas** M16. 19h30; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 13h30, 15h30, 17h30, 19h30 (VP); **Crossing - A Travessia** M14. 13h20; **Oh Lá Lá!** M12. 15h30, 17h30, 21h40; **Armadilha** M12. Xplace Atmos - 13h, 15h15, 17h30, 19h45, 22h; **Pacto de Redenção** M12. 21h30; **Divertida-Mente 2** M6. 12h20, 13h20, 14h20, 15h20, 16h30, 17h30, 19h40 (VP), 21h50 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Atmos - 13h40, 16h20, 18h40, 19h, 21h20, 21h40, 24h

Coimbra

Casa do Cinema de Coimbra
Histórias de Bondade M16. 14h30; **Crossing - A Travessia** M14. 21h40; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 19h40; **Geração Low-cost** M14. 17h30
Cinemas Nos Alma Shopping
R. Gen. Humberto Delgado. T. 16996
A Última Sessão de Freud M12. 20h30; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 11h, 14h30, 17h50 (VP), 15h, 18h (VO); **Horizon: Uma Saga Americana - Capítulo 1** M14. 20h40; **Divertida-Mente 2** M6. 11h20, 12h50, 15h30, 18h10 (VP/2D), 14h20, 16h50 (VP/3D), 20h50 (VO/2D); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h30, 16h20, 19h, 21h40; **Deadpool & Wolverine** M12. 14h, 17h30, 21h30 (2D), 19h10, 22h (3D); **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 14h10, 17h; **Oh Lá Lá!** M12. 13h40, 16h10, 18h40, 21h10; **Armadilha** M12. 13h20, 15h50, 18h30, 21h20; **Mais Que Nunca** M14. 13h10, 16h, 18h50, 21h50; **A Sereia da Noite** M14. 19h20, 22h10
Cinemas Nos Fórum Coimbra
Fórum Coimbra. T. 16996
Bad Boys: Tudo ou Nada M14. 19h30, 22h15; **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 21h30; **Divertida-Mente 2** M6. 11h20, 14h45, 17h30 (VP), 10h50, 14h, 16h45, 19h15, 22h (VO); **Tornados** M12. 18h15, 21h15; **Deadpool & Wolverine** M12. 14h15, 17h15, 20h15, 23h10; **O Coleccionador de Almas** M16. 20h, 22h50; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 11h30, 15h30 (VP); **Pacto de Redenção** M12. 14h45, 17h

Estreias

Geração Low-cost

De Emmanuel Marre, Julie Lecoustre. BEL/FRA. 2021. 115m. Drama, Comédia. M14.
Uma comissária de bordo de uma companhia aérea "low cost" vai vivendo sem grande entusiasmo, evitando criar ligações profundas com aqueles que a rodeiam. Está, na realidade, a lidar com a morte da mãe num trágico acidente de viação.

Crossing - A Travessia

De Levan Akin. Com Mzia Arabuli, Lucas Kankava. SUE/DIN/FRA/Turquia/Geórgia. 2024. 106m. Drama. M14.
Lia, uma professora reformada, viaja da Geórgia até Istambul, na Turquia, em busca da sobrinha. Lá, mergulha no submundo da cidade e trava conhecimento com uma advogada que luta pelos direitos de pessoas trans.

Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você

De Roberto de Oliveira. BRA. 2022. 100m. Documentário, Musical. M12.
No início de 1974, Elis Regina e António Carlos Jobim, ou Tom Jobim, juntaram-se nos MGM Studios em Los Angeles, na Califórnia, para gravar "Elis & Tom", um marco da MPB com dois dos seus grandes nomes.

A Sereia da Noite

De Tereza Nvotová. Com Natalia Germani. Eslováquia/República Checa. 2022. 106m. Terror. M14.
Agora adulta, Šarlota volta à aldeia de montanha onde nasceu e onde deixou segredos terríveis. Vai viver para uma cabana onde, dizem os habitantes locais, já morou uma bruxa.

Armadilha

De M. Night Shyamalan. GB/EUA/Iémen. 2024. 105m. Terror, Thriller. M12.
Um pai leva a filha a um megaconcerto de uma estrela pop. Só que, na realidade, ele é um assassino em série e todo o concerto é uma operação policial para o tentar apanhar.

Mais Que Nunca

De Emily Atef. ALE/LUX/NOR/FRA. 2022. 123m. Drama. M14.
Um diagnóstico de uma doença rara de pulmões muda a vida de uma mulher de 33 anos que decide sair de Bordéus, deixar o marido para trás e ir para a Noruega procurar um "blogger".

Oh Lá Lá!

De Julien Hervé. Com Christian Clavier. FRA/BEL. 2024. 92m. Comédia. M12.
Uma família aristocrata e uma família mais modesta vão juntar-se através do casamento dos filhos. Decidem fazer testes de ADN e descobrem coisas inesperadas sobre o passado.

Pacto de Redenção

De Michael Keaton. EUA. 2023. 114m. Thriller. M12.
Protagonizado e realizado por Michael Keaton na segunda vez que está atrás das câmaras de um filme, um "thriller" de crime cheio de reviravoltas e drama.

A Abelha Maia e o Ovo Dourado

De Noel Cleary. ALE/Austrália. 2021. 88m. Animação. M6.
A Abelha Maia, o célebre insecto criado para a literatura por Waldemar Bonsels em 1912, que foi alvo de várias adaptações, incluindo um "anime" dos anos 1970, está de volta.

Guimarães

Castello Lopes - Espaço Guimarães
Bad Boys: Tudo ou Nada M14. 23h35; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 11h10, 14h35, 16h50 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 11h05, 14h15, 16h30, 18h45, 21h, 23h15 (VP), 11h25, 13h30 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 19h05, 21h30; **Deadpool & Wolverine** M12. 11h, 13h35, 15h35, 16h10, 18h10, 18h45, 20h50, 21h20, 23h55; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 11h15 (VP); **Oh Lá Lá!** M12. 13h30, 15h30, 17h30, 19h30, 21h30, 23h30; **Armadilha** M12. 24h;
Castello Lopes - Guimarães Shopping
Garfield 11h15 (VP); **Haikye!! A Batalha na Lixeira** M6. 11h25; **Gru 4** M6. 11h10, 14h55, 17h10 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 11h05, 13h20, 14h15, 16h30, 18h45, 21h, 23h15 (VP), 17h, 21h30, 23h35 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 14h35, 19h05, 23h40; **Deadpool & Wolverine** M12. 11h, 13h35, 15h35, 16h10, 18h10, 18h45, 20h50, 21h20, 23h55; **O Coleccionador de Almas** M16. 19h25; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 11h20 (VP); **Oh Lá Lá!** M12. 13h30, 15h30, 17h30, 19h30, 21h30, 23h30; **Armadilha** M12. 21h35, 23h50;

As estrelas

	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara
Armadilha	—	—	★★☆☆☆
Cidade Portuária	—	★★★☆☆	★★★☆☆
O Colecionador de Almas	★★☆☆☆	—	—
Deadpool & Wolverine	—	★☆☆☆☆	—
Um Domingo Interminável	—	★★★☆☆	★★★☆☆
Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★★☆☆☆
Geração Low Cost	—	★★★☆☆	★★★★☆
Mais que Nunca	—	★☆☆☆☆	★★☆☆☆
Memória	★★☆☆☆	★☆☆☆☆	★★☆☆☆
A Minha Avó Trelotótó	★★★☆☆	★★★☆☆	★★★☆☆
Podia Ter Esperado por Agosto	—	●	●
Tornados	★★☆☆☆	●	★☆☆☆☆
A Travessia	★★☆☆☆	★★★☆☆	★★☆☆☆
A Sede	—	★★★★☆	★★★★☆

● Mau ★☆☆☆☆ Medíocre ★★☆☆☆ Razoável ★★★☆☆ Bom ★★★★☆ Muito Bom ★★★★★ Excelente

Matosinhos

Cinemas Nos MarShopping
Garfield M6. 11h, 13h40, 16h20 (VP); **Bad Boys** M14. 21h20, 00h05; **Gru 4** M6. 10h30, 12h50, 15h10, 17h30, 19h50 (VP); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 22h10; **Divertida-Mente 2** M6. 10h40, 13h20, 15h50, 18h40 (VP/2D), 10h15, 12h35, 14h55, 17h15 (VP/3D), 19h35, 21h50, 00h10 (VO/2D); **Podia Ter Esperado por Agosto** 12h25, 15h20, 18h, 21h, 24h; **Tornados** M12. 18h50, 21h40, 00h25; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h10, 16h40, 20h30, 23h50; **Armadilha** M12. 13h, 15h40, 18h30, 21h30, 00h15; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Imax - 12h, 15h05, 18h10, 21h10, 00h20
Cinemas Nos NorteShopping
Gru - O Maldisposto 4 M6. 11h20, 14h05, 16h40, 19h20 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 10h50, 11h, 13h20, 13h50, 15h50, 16h20, 18h40 (VP), 20h30, 21h30, 23h10 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 12h50, 15h40, 18h30, 21h20, 00h20; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Atmos - 19h30, 22h30; **Oh Lá Lá!** M12. 13h, 15h30, 17h50; **Armadilha** M12. Sala Atmos - 14h, 16h30, 19h10, 21h50, 00h25; **Pacto de Redenção** M12. 22h, 24h; **BlackPink World Tour (Born Pink)** 15h30; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala NOS XVISION - 12h10, 15h10, 18h10, 21h10, 00h10; **O Coleccionador de Almas** M16. Sala Atmos - 14h30, 17h, 19h40, 22h10, 00h35; **Deadpool & Wolverine** 13h10, 18h50, 21h40, 00h30

Viana do Castelo

Cineplace Estação Viana Shopping
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h20 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h, 15h10, 17h20, 19h30 (VP), 19h40 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. 13h30, 16h10, 18h50, 21h30; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 15h20 (VP); **Oh Lá Lá!** M12. 21h50; **Armadilha** M12. 17h20, 21h40;

Vila Nova de Gaia

Cinemas Nos GaiaShopping
Gru 4 M6. 10h50, 11h20 (VP); **Gru 4** 12h50, 15h10, 17h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 10h40, 13h10, 13h30, 15h30, 16h10, 18h30, 18h50 (VP), 11h10, 21h50, 00h15 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 12h20, 15h, 17h50, 20h40, 23h30; **Tornados** M12. 21h, 00h10; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala 4DX - 12h10, 14h50, 17h40, 20h50, 23h40; **O Coleccionador de Almas** M16. 22h, 00h30; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 11h, 13h, 15h50 (VP); **Oh Lá Lá!** M12. 13h20, 15h40, 18h, 21h30, 23h50; **Armadilha** M12. 13h40, 16h20, 19h, 21h40, 00h25; **Pacto de Redenção** M12. 18h10, 21h10, 24h; **Deadpool & Wolverine** M12. 12h30, 15h20, 18h20, 21h20, 00h20
UCI Arrábida 20
Underground - Era Uma Vez um País... M14. 17h55; **Patti Smith, Poeta do Rock** M12. 14h50, 19h30; **A Última Sessão de Freud** M12. 13h45, 16h20, 18h55, 21h30; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 16h45, 21h25; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h55, 16h20, 18h45, 21h15 (VP); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 21h50; **Horizon: Uma Saga Americana - Capítulo 1** M14. 14h10, 21h20; **Divertida-Mente 2** M6. 13h40, 14h05, 16h05, 16h30, 18h30, 18h55, 21h25 (VP), 21h05, 23h50 (VO); **Leva-me Para a Lua** M12. 13h15, 16h10, 19h10, 22h; **O Agente Americano** M12. 19h15, 21h35; **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h30, 16h, 18h40, 21h20, 24h; **Tornados** M12. 13h35, 16h15, 18h50, 21h45, 23h55; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h20, 15h, 16h10, 18h45, 19h, 21h35, 21h50, 23h45; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h20, 16h10, 19h, 21h50, 23h45; **O Coleccionador de Almas** M16. 14h25, 16h50, 18h25, 21h55, 00h20; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 14h35, 16h50 (VP); **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 14h15, 16h40, 19h05, 21h30; **Oh Lá Lá!** M12. 14h, 16h35, 19h05, 21h40, 00h05; **Armadilha** M12. 14h15, 16h45, 19h15, 22h, 00h15; **Pacto de Redenção** M12. 13h45, 16h25, 19h, 21h40, 00h10; **Mais Que Nunca** M14. 13h25, 16h15, 19h10, 21h55; **BlackPink World Tour (Born Pink)** 16h30

Lazer

MÚSICA

Ricardo Ribeiro

VILA REAL Teatro de Vila Real (Auditório Exterior). Dia 3/8, às 22h. M/6. Grátis

De voz afinada com a liberdade e a rebeldia, tem cantado fados novos e antigos, mas também se tem passeado por outros registos – como testemunham as colaborações com nomes como Rabih Abou-Khalil, Rão Kyao, Rui Veloso, Carlos do Carmo ou João Paulo Esteves da Silva –, sempre apoiado na ligação entre a música e a poesia. Em Outubro do ano passado, lançou *Terra Que Vale o Céu*, disco apresentado como um "regresso às origens" e ao fado tradicional, "que conhece como ninguém".

FEIRA

Verde Melão

VILA NOVA DE FAMALICÃO Praça-Mercado Municipal. Sexta e sábado, das 15h30 à 1h; domingo, das 11h às 21h. Grátis

"Com melão, vinho bom; com melancia, água fria." A fazer fé na crença popular, a autarquia junta na mesma festa o melão casca de carvalho e o vinho verde, conjugando o travo apimentado dessa variedade do fruto (também conhecida pela sua efervescência, como melão-champanhe) com o toque refrescante do néctar da região. Além de servir de montra aos produtores, expõe fumeiros e outros produtos locais, a par de *workshops*, demonstrações culinárias – dinamizadas pelo *chef* Álvaro Costa, às 18h –, provas, harmonizações, cantares e concertos.

PASSEIO

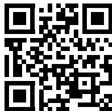
Treetop Walk

PORTO Fundação de Serralves. Dia 3/8, às 15h. 12€ a 15€; grátis até 12 anos

É dia de visita guiada aos trilhos em que a natureza e a arte se cruzam, com os pés ao nível da copa das árvores e vistas de passarinho. Num passadiço elevado, e que se estende ao longo de 250 metros, os visitantes podem "tocar nos ramos mais altos das árvores, cheirar as suas folhas/flores, ouvir o canto das aves e, quem sabe, observar os seus ninhos". Inscrições em www.serralves.pt.

Jogos

Jogue também online. Palavras-cruzadas, bridge e sudoku em publico.pt/jogos



Euromilhões 5 7 12 33 46 3 12

1.º Prémio 28.000.000€ **M1lhão** CSZ 01929

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

Cruzadas 12.511

Paulo Freixinho
palavrascruzadas@publico.pt

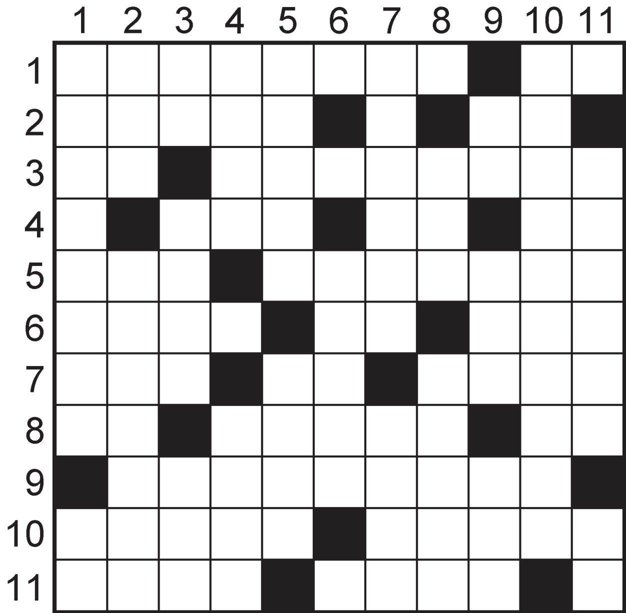
HORIZONTAIS: 1. A falta destes durante os Jogos Olímpicos, leva hotéis de Paris a "saldos" até 70%. Segundo. **2.** Hidrato de carbono de reserva mais importante nas plantas. Artigo antigo. **3.** A ti. Arrefeceu em pleno Verão. **4.** Corda de reboque. Sufixo (agente). Ministério da Cultura. **5.** Agência Portuguesa do Ambiente. Peregrinação religiosa. **6.** Festa solene. Prefixo (repetição). Pau-ferro. **7.** Época. Compact Disc. Divindade dos Assírios e Fenícios. **8.** A mim. Maior ilha grega, berço da civilização mediterrânea. Preposição que designa proveniência. **9.** (...) Pereira de Almeida vence Grande Prémio de Romance APE com o livro "Toda a Ferida é uma Beleza". **10.** Mau humor. Uva seca. **11.** Essa coisa. Jurisdição.

VERTICAIS: 1. Desenho indelével à superfície do corpo humano, que se obtém introduzindo sob a epiderme matérias corantes. Níquel (s. q.). **2.** Designativo da pedra constituída por sulfato de alumínio e potássio hidratado. Carlos (...), genial guitarrista cujo centenário será celebrado em 2025. **3.** Graceja. Unidade monetária da Samoa. Direito. **4.** Elemento de formação de palavras com o significado de ideia. Estimado. **5.** Espalmar a massa do pão com os punhos. Filhote. **6.** "A (...) é rica, os frades são poucos". **7.** Apelido que os Romanos acrescentavam ao cognome. Género. **8.** Reza. Soltar balidos. **9.** Preposição que indica lugar. Laguna. Elemento de formação de palavras que exprime a ideia de igual. **10.** Notícias (...), comprou JN, TSF e outros títulos da Global Media. **11.** Privado ou parecendo privado de caule. «A» + «o».

Solução do problema anterior

HORIZONTAIS: 1. Algoritmo. **2.** Reatas. Osga. **3.** Pode. Ri. **4.** Item. Linces. **5.** Muleta. Tri. **6.** Arade. Seu. **7.** OE. Ala. **8.** Subsídio. Em. **9.** Oira. Uste. **10.** FAO. Gabriel. **11.** Aferro. SA.

VERTICAIS: 1. Arrima. Sofá. **2.** Le. Turquia. **3.** Gazela. Broa. **4.** OT. Medusa. **5.** Rap. Te. Ge. **6.** Isola. Odiar. **7.** Di. Sei. Br. **8.** Moente. Ouro. **9.** Os. Crua. Si. **10.** Grei. Letes. **11.** Pais. Gamela.



Bridge

João Fanha
fanhabridge.pt

Dador: Sul
Vul: EO

NORTE
♠A10965
♥AK1052
♦4
♣62

OESTE
♠Q87
♥8
♦QJ1093
♣QJ93

ESTE
♠432
♥QJ9643
♦872
♣K

SUL
♠KJ
♥7
♦AK65
♣A108754

Oeste	Norte	Este	Sul
			1♣
passo	1♠	passo	2♣
passo	3♥	passo	3ST
Todos passam			

Leilão: Equipas ou partida livre (IMPs).

Carteio: Saída: Q♦. Qual a melhor linha de jogo?

Solução: Existem sete vazas asseguradas: duas espadas, duas copas, dois ouros e um pau. Faltam duas que teremos de obter através do naipe de paus ou de espadas. É claro que jogar sobre os paus é mais aleatório, dado que os adversários irão ter duas vezes a mãos e podem, sem qualquer problema, vir a fazer também três vazas a ouros, acabando assim com cinco vazas antes que nós tenhamos tempo de realizar nove. As espadas oferecem a vantagem da segurança, dado que, mesmo cedendo a Dama, teremos quatro vazas no naipe sem o risco de a defesa fazer vazas a ouros (ou a paus). Só resta resolver um pequeno problema de comunicação com o morto, provocado por termos o Rei e o Valete de espadas secos. Duas precauções indispensáveis:
1 – Jogar o Rei e o Valete de espadas que cobrimos com o Ás do morto, para depois apresentar o 10 de espadas; 2 – Não deixar fazer a primeira vaza, a da saída, porque um adversário diabólico e mal intencionado poderia dar cabo da nossa entrada para o morto jogando uma copa, que conduziria ao cabide com os paus 4-1!

Considere o seguinte leilão:

Oeste	Norte	Este	Sul
			1ST
passo	2♣	passo	2♦
passo	3♠	passo	?

O que marca em Sul com a seguinte mão?
♠J53 ♥Q102 ♦AKQ83 ♣K5

Resposta: A voz de 3♠ do parceiro faz parte de uma convenção, que hoje é tão popular como o Stayman, de seu nome Smolen. Ele está a descrever uma mão com quatro cartas a espadas e pelo menos cinco cartas a copas, com valores suficientes para jogar pelo menos uma partida. Tendo três cartas a copas e uma mão banal, seria normal dar-lhe o ponto, assim carteará a partida com a mão forte. A voz de 4♣, neste contexto, garante também um *fit* a copas e seria um controlo. Faria sentido recorrer a essa voz com uma mão melhor, mas com esta temos de nos contentar com 4♥.

Sudoku

© Alastair Chisholm 2008
www.indigopuzzles.com

Problema 12.786 (Fácil)

			5					
				4	6	2		
	8	6		9		7		
	7		4	5	2			1
	5	4	8		3	6	2	
1			9	6	7		8	
		2		3		5	4	
		7	6	8				
					4			

Solução 12.784

3	2	9	1	4	8	7	6	5
8	4	5	7	3	6	2	9	1
7	1	6	2	9	5	4	8	3
2	9	7	5	8	4	1	3	6
5	3	1	6	2	7	9	4	8
6	8	4	3	1	9	5	2	7
4	5	2	8	7	3	6	1	9
1	7	3	9	6	2	8	5	4
9	6	8	4	5	1	3	7	2

Problema 12.787 (Difícil)

	9							
				4	8			5
		5		2		4		
	6		1		2			
	5	7				2	8	
			8		4		6	
		1		3		7		
3			9	6				
							9	

Solução 12.785

5	1	3	6	7	4	9	2	8
2	8	6	9	1	3	5	4	7
4	9	7	8	5	2	1	3	6
9	3	4	7	8	1	6	5	2
8	7	5	4	2	6	3	1	9
1	6	2	3	9	5	8	7	4
3	4	8	1	6	7	2	9	5
7	5	9	2	3	8	4	6	1
6	2	1	5	4	9	7	8	3

P2 Verão

CINEMA

Os Sete Samurais
TVCine Edition, 22h
Datado de 1954, este filme integra, continuamente, as listas de melhores de sempre e é um dos mais amados clássicos do mestre Akira Kurosawa. No Japão do século XVII, uma aldeia farta de ser saqueada por bandidos decide contratar quem a defenda. Um samurai veterano aceita o trabalho e forma um grupo de sete samurais que se tornarão os guardiães da aldeia e ensinarão os habitantes a defender-se. Uma grande batalha se avizinha. Ganhou, em 1960, um *remake* no Velho Oeste, *Os Sete Magníficos*, realizado por John Sturges. Até 17 de Agosto, o TVCine Edition dedica as noites de sábado a Kurosawa, com *O Trono de Sangue* e *Yojimbo, O Invencível* nas próximas semanas.

Aquele Querido Mês de Agosto
RTP2, 23h21
Ficção invadida pelo documentário, seria a história de um pai, a filha e o primo dela, músicos de uma banda de música popular a tocar pelas aldeias do Portugal profundo, em que emigrantes regressados à terra se cruzam com populares, entre festa e baile, cerveja, jogos e caçadas, durante o quente mês de Agosto. Seria a história e não é, porque realizador e equipa técnica irrompem pelo filme dentro, em vez de irem directamente ao assunto, e se misturam com actores não profissionais, entre os quais Sónia Bandeira e Fábio Oliveira. O filme conta ainda com a participação de Marante, do Agrupamento Musical Diapasão. Datada de 2008, *Aquele Querido Mês de Agosto* é a segunda longa-metragem de Miguel Gomes, cujo *Grand Tour*, premiado em Cannes, se estreia em sala no próximo mês. O realizador justifica assim a entrada no documentário na ficção: "Documentário? Ficção? A meio deste filme vemos uma ponte: a ponte romana de Coja sobre o rio Alva, da qual se atira Paulo ''Moleiro''. Sem querer parecer Confúcio, diria que de qualquer uma das margens que esta ponte une se avista perfeitamente a outra. E que o rio é sempre o mesmo."

DOCUMENTÁRIO

Gorongosa, Regresso ao Paraíso Selvagem
RTP1, 10h45
Estreia. Luís Henrique Pereira, jornalista da RTP que desde Junho apresenta a rubrica *Maravilhas da Natureza* na *Praça da Alegria*, assina este documentário, que descreve como o projecto documental mais ambicioso que já fez. Foca o Parque Nacional da Gorongosa, em Moçambique, e mais especificamente a sua renovação, iniciada nas últimas duas décadas, que fez voltar ao local vários animais que já tinham desaparecido de lá e terá também ajudado a melhorar a vida das cerca de 200 mil pessoas que moram nas redondezas.

Televisão

Os mais vistos da TV
Quinta-feira, 1

	%	Aud.	Share
Dilema - Especial	TVI	9,2	18,7
Cacau	TVI	8,9	18,3
A Promessa	SIC	7,9	16,3
Jornal da Noite	SIC	7,2	15,4
Senhora do Mar	SIC	6,9	18,4

FONTE: CAEM

RTP1	10,2%
RTP2	5,2
SIC	12,9
TVI	14,4
Cabo	37,4

RTP1

6.00 Espaço Zig Zag **8.00** Bom Dia Portugal Fim de Semana **9.54** A Península **10.30** Gorongosa - Regresso ao Paraíso Selvagem **11.24** Romaria do Meu coração **11.51** Vira e Volta **12.59** Jornal da Tarde **14.20** Outras Histórias **14.55** 85.ª Volta a Portugal emBicicleta

18.12 Missão: 100% Português

19.00 Telejornal

20.10 Futebol: Sporting CP x FC Porto (Supertaça Cândido de Oliveira Vodafone)

22.20 Supertaça Cândido de Oliveira Vodafone - Entrega da Taça **22.32** Em Casa d'Amália

0.50 Comandante General

2.21 Janela Indiscreta

RTP2

6.32 Repórter África **7.00** Afazeres do Mês **7.05** Países de Gales - Terra Selvagem **7.54** Espaço Zig Zag **9.00** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Atletismo) **9.20** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Equestre) **10.00** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Ciclismo) **15.20** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Ginástica Artística) **17.15** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Saltos para a Água) **18.00** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Atletismo) **19.30** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Natação) **21.30** Jornal 2 **22.02** Swan Lakes **23.14** Folha de Sala

23.21 Aquele Querido Mês de Agosto



1.47 Excursões Air Lino **2.26** Pedro Abrunhosa Convida Paulo Ribeiro e os Camponeses de Pias **4.51** Raízes e Frutos **5.39** Nada Será Como Dante **6.06** O Coro

SIC

5.55 Etnias **6.35** Médico da Casa **7.15** Caixa Mágica - Caminhos de Portugal **7.55** SOS Animal, Ser Por Todos os Seres **8.55** Alô Marco Paulo **12.10** Nosso Mundo: Great Barrier Reef - ALiving Treasure



12.59 Primeiro Jornal

14.10 Alta Definição **14.50** E-Especial

17.00 Alô Marco Paulo - Especial Baile de Verão **19.15** Não Há Crise! - As Anedotas do Rocha

19.57 Jornal da Noite

22.10 Terra Nossa **1.30** Casados à Primeira Vista **3.40** Hell's Kitchen Famosos

TVI

6.15 Detective Maravilhas **7.00** Diário da Manhã **10.15** Em Família **12.15** Ganha Já **12.58** TVI Jornal **14.00** A Sentença

16.00 Em Família

17.45 Dilema

19.57 Jornal Nacional

21.50 Congela

23.15 Dilema

1.25 Mistura Beirão

2.20 GTI Plus

2.40 O Beijo do Escorpião **3.30** Deixa Que Te Leve

TVCINE TOP

17.49 Som da Liberdade **19.58** O Engenheiro **21.30** Visões **23.32** Shazam! Fúria dos Deuses **1.42** Aquaman

STAR MOVIES

16.10 Cyborg **17.42** O Uivo do Coiote **19.24** Van Damme - Duplo Impacto **21.15** Momento de Justiça **22.56** Momento de Justiça 2 **0.41** Nove Semanas e Meia

HOLLYWOOD

16.53 Um Sonho Possível **19.09** Mechanic: Assassino Profissional **20.51** Out For Justice **22.25** Riddick - A Ascensão **0.27** Destino Infernal **2.12** Mad Max 2 - O Guerreiro da Estrada

AXN

16.11 Maze Runner: Provas de Fogo **18.31** Braven **20.16** Meg: Tubarão Gigante **22.15** Borboleta Negra **23.59** Hitman: Agente 47 **1.47** Batman v Super-Homem: O Despertar da Justiça

STAR CHANNEL

16.41 John Wick 2 **18.57** John Wick 3 - Implacável **21.20** Viúva Negra **23.56** Shang-Chi e a Lenda dos Dez Anéis **2.09** Criminal

DISNEY CHANNEL

17.05 Hamster & Gretel **17.50** A Maldição de Molly McGee **18.35** Monstros: Ao Trabalho! **19.20** Os Green na Cidade Grande **20.05** Miraculous - As Aventuras de Ladybug **20.50** Monstros e Companhia (VP)

DISCOVERY

16.35 Hoffman: Ouro nas Veias **18.21** Texas Metal's Loud and Lifted **19.14** O Segredo das Coisas **21.00** Caçadores de Pedras Preciosas **22.49** A Febre do Ouro: Águas Bravas

HISTÓRIA

16.33 Alienígenas **23.59** Óvnis: As Provas Perdidas

ODISSEIA

17.26 As Focas da Ilha Sable **18.22** Ártico Americano **19.14** O Superpoder dos Coelhos **20.07** Uma Quinta, 9 Filhos e 1.000 Ovelhas **21.38** Grandes Rios da Terra **22.31** A Terra**23.25** Grandes Viagens de Comboio **1.07** Uma Quinta, 9 Filhos e 1.000 Ovelhas

DANÇA

Swan Lakes
RTP2, 22h02
Três variações de *O Lago dos Cisnes*, o bailado de Tchaikovsky, são propostas por coreógrafos diferentes, todas com 20 minutos. O israelita Hofesh Shechter traz *Swan Cake*, o catalão Cayetano Soto fez *Untitled For 7 Dancers* e, por fim, o alemão Marco Goecke presenteia-nos com *Shara Nur*. Há muitos elementos diferentes: música electrónica, Björk, coros, bailarinos como homens-cobra e relógios. O trabalho foi uma encomenda do canadiano Eric Gauthier, director da companhia Gauthier Dance.

INFANTIL

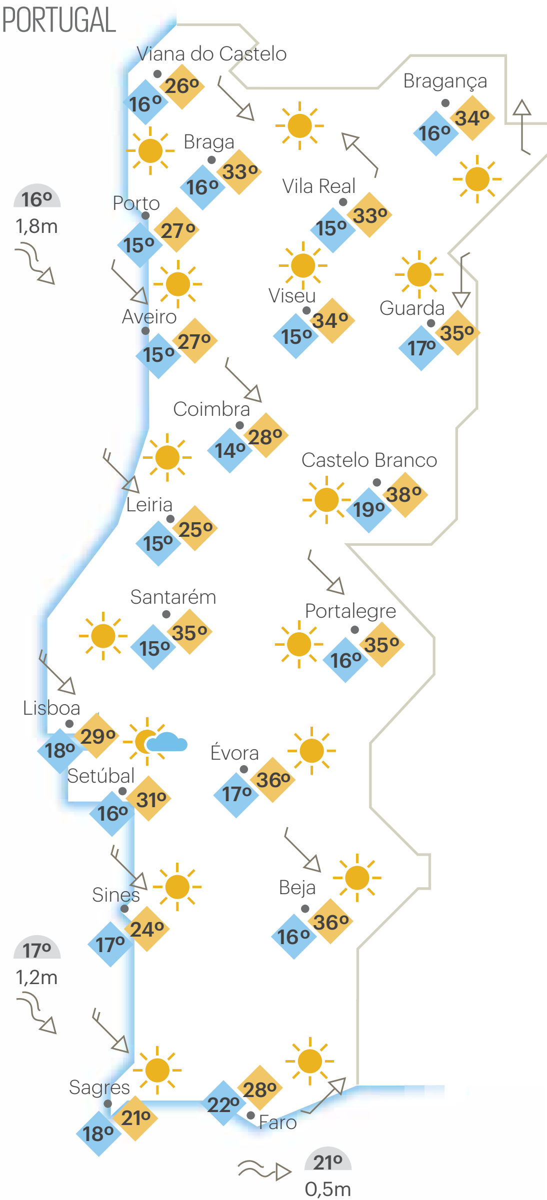
Hotel Transylvania
AXN, 14h30
Durante séculos, os monstros viveram nas sombras, alimentando o medo nos corações humanos. Hoje existe apenas um lugar onde podem descansar em paz: o Hotel Transylvania. Criado por Drácula, é o lugar perfeito para se afastarem das vicissitudes da Humanidade. Lá, tudo é tranquilo e adequado às suas necessidades. Até ao dia em que Jonathan, um humano de 21 anos, aparece por acidente no hotel. Quando parecia que nada poderia piorar, Drácula percebe que Mavis, a sua adorada filha de 118 anos, parece ter um fraquinho pelo recém-chegado. É então que todos se juntam para tentar evitar o inevitável: que eles se apaixonem. Um filme de animação em 3D realizado por Genndy Tartakovsky, com as vozes de Adam Sandler, Selena Gomez, Andy Samberg e Steve Buscemi. Teve três sequelas.

DESPORTO

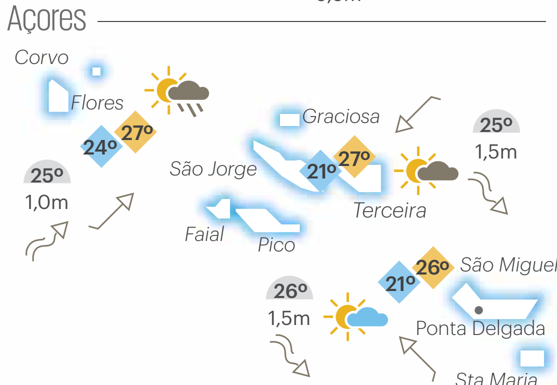
Futebol: Sporting CP - FC Porto
RTP1, 20h10
Directo. Na Supertaça Cândido de Oliveira, o Sporting, vencedor da Primeira Liga, defronta o Porto, que ganhou a Taça de Portugal.

Meteorologia

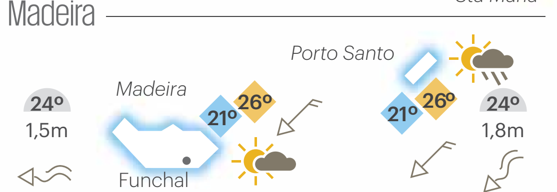
PORTUGAL



Açores



Madeira



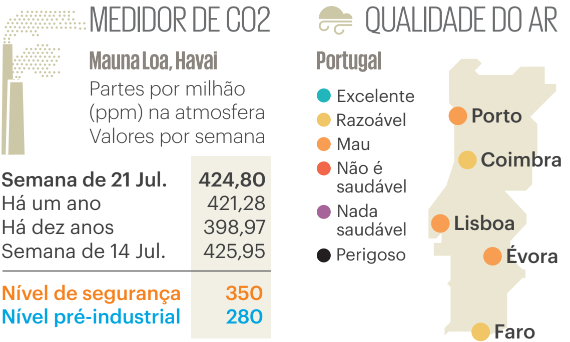
MARÉS

Preia-mar · Baixa-mar · *de amanhã

Leixões	m	Cascais	m	Faro	m
09h07	1,0	08h42	1,1	08h39	1,0
15h24	3,3	14h59	3,3	15h03	3,2
21h42	0,8	21h17	0,9	21h12	0,8
03h49*	3,1	03h25*	3,1	03h24*	3,0

PRÓXIMOS DIAS PORTO

Domingo, 4		Segunda-feira, 5		Terça-feira, 6	
15º	28º	16º	26º	16º	25º
Índice UV	M. alto	Índice UV	M. alto	Índice UV	Alto
Vento	Fraco	Vento	Fraco	Vento	Fraco
Humidade	67%	Humidade	75%	Humidade	81%



MEDIDOR DE CO2

Mauna Loa, Havai

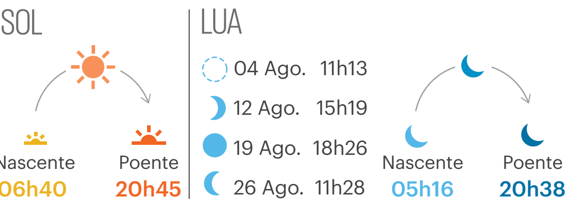
Partes por milhão (ppm) na atmosfera
Valores por semana

Semana de 21 Jul.	424,80
Há um ano	421,28
Há dez anos	398,97
Semana de 14 Jul.	425,95
Nível de segurança	350
Nível pré-industrial	280

QUALIDADE DO AR

Portugal

- Excelente
- Razoável
- Mau
- Não é saudável
- Nada saudável
- Perigoso



SOL

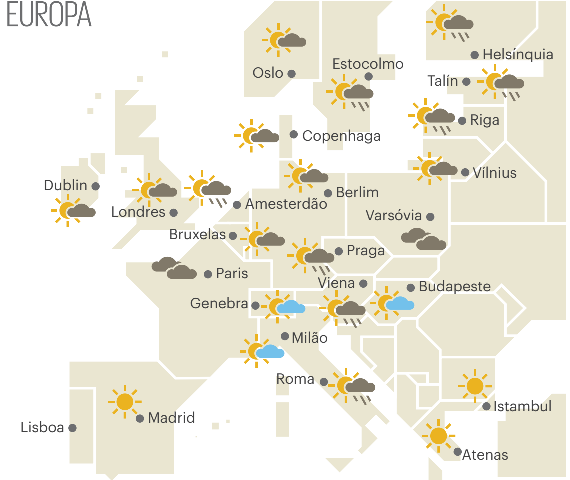
Nascente 06h40
Poente 20h45

LUA

04 Ago. 11h13
12 Ago. 15h19
19 Ago. 18h26
26 Ago. 11h28

Nascente 05h16
Poente 20h38

EUROPA



TEMPERATURAS ºC

	Mín.	Máx.		Mín.	Máx.
Amesterdão	16	23	Roma	23	35
Atenas	25	35	Viena	16	28
Berlim	18	26	Bissau	25	30
Bruxelas	16	23	Buenos Aires	11	18
Bucareste	20	39	Cairo	25	36
Budapeste	15	27	Caracas	19	31
Copenhaga	16	22	Cid. do Cabo	10	16
Dublin	12	19	Cid. do México	13	25
Estocolmo	14	22	Díli	21	31
Frankfurt	18	26	Hong Kong	27	34
Genebra	14	28	Jerusalém	20	31
Istambul	23	33	Los Angeles	18	33
Kiev	17	25	Luanda	20	26
Londres	13	23	Nova Deli	27	32
Madrid	22	36	Nova Iorque	23	32
Milão	23	33	Pequim	25	31
Moscovo	15	22	Praia	24	29
Oslo	15	24	Rio de Janeiro	18	27
Paris	18	26	Riga	12	22
Praga	17	26	Singapura	26	33

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL

Arquivo Público

capa

A culpa foi da Bárbara, uma das directoras do jornal. Em Março, apareceu sorrateiramente. "Tenho um trabalho para ti." Nas mãos trazia um jornal britânico. Na capa lia-se: "Tanya Gold fica uma semana sem acesso às tecnologias modernas." O *Guardian* pedira a uma jornalista que durante uma semana desligasse os telemóveis, só usasse o telefone fixo e não consultasse a Internet para nada. "Queremos que faças o mesmo", pediu. "É uma ideia boa de mais para não experimentarmos". Comecei a rir-me. Um riso despreocupado. Passado uns minutos tornou-se um riso nervoso. Por que se teriam lembrado de mim? Esta pergunta nem sequer me passou pela cabeça. Eu sabia e eles sabiam muito bem por que é que se tinham lembrado de mim.

Os meses foram passando. Eu fui adiando. É uma reportagem boa para se fazer no Verão, não acham? A Ana, editora da Pública, começou a enviar-me *e-mails* a querer marcar uma data de publicação. "Começo no dia 1 de Agosto", respondi às tantas. Estávamos na última semana de Julho. Só de pensar nisso ficava mal disposta. O nervoso miudinho durava há dias. Ainda não tinha começado e já estava deprimida.

E com medo. Se tiver um acidente, como é que aviso alguém? Sem telemóvel?! Como vou saber como estão os meus amigos do outro lado do mundo? E se lhes acontece alguma coisa e ninguém me avisa? Como é que vou ler os jornais que só leio na Net? Vou perder as notícias no Twitter. Vou perder as novidades no Facebook. Não vou poder ir ao Google, nem ao YouTube, nem ao Friendfeed, nem guardar coisas no Publish2. Vou ser a pior jornalista do mundo. Ou será que não? Há 19 anos, quando eu era estagiária no PÚBLICO, não havia Internet em Portugal e eu também não tinha telemóvel. É um regresso ao passado. Mas o mundo mudou. E os outros sabem mais do que eu: têm acesso à Web 2.0.

O sábado 1 de Agosto chegou e não consegui. Arranjei várias desculpas. Tinha de se fazer um vídeo para o *site* do jornal e as fotografias para a revista, era necessário desligar os aparelhos num momento em que estivessem a olhar para mim.

Mas no domingo ganhei coragem e escrevi um *post* no blogue. Era um "aviso à navegação", ficou *online* às 19h03. "No dia 3 de Agosto entro em retiro. A pedido do meu jornal, vou estar uma semana afastada de parte do meu mundo. Vou servir de cobaia", começava. "Quem quiser falar comigo tem que me ligar para o 351-210111271. Quem quiser comunicar comigo tem de me escrever uma carta, como antigamente, para Jornal PÚBLICO, Rua Viriato, 13, 1069-315 Lisboa, Portugal. Nada de *e-mails*, por favor. Eu não os vou ler, a caixa do correio vai entupir e alguns certamente nunca chegarão ao seu destino. O blogue vai ficar parado. Não vou aprovar comentários. Oooooh! Por favor, não me abandonem. Eu volto. Não sei em que condições, mas volto."

Pouco tempo depois, já estava a receber mensagens através do Twitter. Algumas de pessoas que nunca vi na vida. "Só uma semana, ainda por cima em Agosto, não vale." (João Miranda). "Para a experiência ser completa tem que ir pagar contas à EDP, PT, companhia da água, etc. Marcar viagens na agência ...", acrescenta. "Levantar dinheiro ao balcão do banco, encomendar livros estrangeiros na livraria, consultar horários na estação de comboios."

A Bruxinha de Papel lança um "Escrevam cartas à Isabel". O Manuel Ribeiro deseja "boa sorte". A Guidinha deseja "boas férias". O Alberto Castro pergunta "Será que aguenta? De certeza q depois n será a mesma."

No blogue, Leonardo B., de Bizarril, deixa a dica: "'Os sete dias em que o mundo mudou e eu fiquei de fora!' ou vice-versa..." A Francisca Sepúlveda lança um: "Vai ver que sobrevive! E depois volte para contar! Abraços de uma (também) sobrevivente!!!" O João Oliveira experimentou uma coisa parecida quando foi acampar e diz: "Conheço esse nervoso miudinho que a corrói. Mas vai ver que vai ser uma experiência fantástica e que até vai sentir-se mais leve e livre de preocupações. Foi assim que eu me senti." E o Pedro Jerónimo, jornalista, acha que é



"um teste de coragem e ao mesmo tempo um exercício recomendável aos jornalistas da nova geração".

Sim, eu posso, por uma semana, regressar ao passado. Continuar a trabalhar, todos os dias no jornal, como se tudo estivesse na mesma. Não usar os meus telemóveis (tenho dois, um 96 e um 93, um velho Samsung e um moderno iPhone), pedir aos informáticos para me desligarem o cabo de rede do meu PC e ficar sem acesso à WWW, às inúmeras contas de *e-mail*, ao blogue, etc. Usar o telefone fixo pousado em cima da secretária. À noite, chegar a Alfama, onde vivo, e voltar a usar o telefone fixo que nunca cheguei a mandar desligar. Esconder os portáteis e o Kindle e o Sony Reader (os meus leitores de *e-books*) na gaveta mais funda.

Parto para a reportagem com vários olhos postos em mim.

3 de Agosto. Os telemóveis estão desligados. Os aparelhos para ler livros electrónicos e jornais também. 10, 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2, 1... zás (o Luís puxa o cabo de rede do meu computador). Já está? Respiro fundo e digo: "Morri."

Não tenho acesso à Internet. Fiquei desligada da rede do jornal. Não tenho acesso aos telexes das agências de notícias como a Reuters, a Lusa, etc. (nos anos 1990, os telexes eram distribuídos pelas secções do jornal em papel fininho, hoje chegam aos nossos computadores por via electrónica).

Deixei de ter acesso ao SpeedWriter, o programa que nos permite colocar os textos no "buraco" que nos está destinado na maqueta do jornal, onde ficam disponíveis para serem lidos pelos editores e depois paginados pelos gráficos.

Uma *pen* passa a ser a minha melhor amiga. Nos anos 1990 tínhamos disquetes, agora temos as canetas que através das portas USB dos computadores deixam que se arrastem para lá os documentos.

Foi isso que fiz toda a semana: copiar os textos que escrevi para a *pen*, dirigir-me aos editores para voltar a enfiar a *pen* nos seus computadores e assim entregar-lhes os textos. Nestas andanças ouvi muitos suspiros e exclamações de irritação. Os meus colegas sentiram que, com isto, estavam a perder tempo. Sem eles, eu não poderia colocar os meus textos no SpeedWriter.

Uma semana limitada ao Microsoft Word. Aviso o editor do Ípsilon que não conte com a minha crónica Ciberescritas esta semana. É uma coluna semanal sobre o futuro dos livros, a presença de escritores na Internet e a relação entre as novas tecnologias e a literatura que faço para o jornal desde 1996. Para a escrever

14 • 23 Agosto 2009 • Pública

Sobre o texto 'Uma semana noutro mundo', da autoria de Isabel Coutinho, publicado na revista Pública de 23 de Agosto de 2009

Quem consegue viver desligado?

Crónica

Ruben Martins

Durante as férias, há quem defina para si mesmo o objectivo de desligar. Todos precisamos que as férias não sejam como os restantes 350 dias do ano. Mas quem teria coragem de largar a tecnologia durante uma semana? Sem *smartphones*, Internet e outros objectos tecnológicos?

Em 2009, fizeram o desafio à jornalista do PÚBLICO Isabel Coutinho: desligar. A Isabel foi desafiada em Março, mas achou melhor deixar a tecnologia em Agosto, quando meio país pega na trouxa e foge para outras paragens. E, mesmo assim, "só de pensar nisso ficava mal disposta", escreveu. Percebe-se: como iriam aguentar os animais da quinta do *Farmville* se a cuidadora os abandonasse durante sete dias?

Não era isso que ia na cabeça da Isabel, na verdade nem sei se ela praticava agricultura digital num tipo de jogo que, à época, era extremamente popular – e uma excelente ferramenta para viciar pessoas que aguardavam ansiosamente pelo momento de colher mais uma rodada de alfaces virtuais. Mas as perguntas que iam na cabaça da jornalista eram outras: "Como vou avisar alguém se tiver um acidente? Sem Internet, como saber o que se passa?" Imagino que, aos romanos, tenha passado algumas vezes isto pela cabeça, mas felizmente os pergaminhos com as últimas informações directas a Roma continuavam a circular a uma velocidade que ainda hoje faz inveja a algumas regiões do interior de Portugal, onde a cobertura móvel escasseia.

Isabel manteve por esses dias uma presença tecnológica mínima, mantendo o computador para usar o processador de texto Word. Também havia quem lhe sugerisse uma "experiência completa", já que "uma semana não vale": "tem de ir pagar a conta à companhia da água, levantar dinheiro só ao balcão do banco, marcar viagens na agência, mandar vir livros estrangeiros numa livraria, ver os horários do comboio só na estação." Só de pensar dá vontade de dizer: "Não, obrigado."

Não brinquemos. Desligar hoje da tecnologia é extremamente importante, mas também extremamente difícil e, para muitos, impensável: como ouviria os meus (virtuais) discos? Como leria as notícias dos sítios sobre os quais quero estar informado? Como falaria com as pessoas? A vida, naqueles dias, assumiu contornos de tédio e onde o vício de clicar no ícone do *email* foi uma constante, segundo o relato na primeira pessoa.

Mas, finalmente, percebo porque é que as operadoras de telecomunicações nos "obrigam" a ter aquele telefone fixo lá em casa que ninguém usa desde o Verão de 2017 (quem sabe, talvez até antes disso): é para termos forma para as pessoas nos ligarem quando estamos numa experiência antitecnologia para uma qualquer reportagem. Foi assim que a Isabel se ligou aos amigos e colegas por esses dias. Ou isso ou esperava que mandassem uma carta: e que bom é receber uma carta que não seja da empresa da luz ou das finanças.

Ao reler este relato, 15 anos depois, sinto vontade de transcrever um parágrafo na integra: "Às 20h50, tenho o pensamento deprimente do dia, sentada à minha secretária: 'O meu computador está morto. Não tem graça nenhuma.' Toca o telefone. Atendo. É o meu namorado e as suas gracinhas. 'Se calhar, esta semana vou mais vezes dormir a tua casa'...? 'Para nos dedicarmos ao sexo, já que não tens nada para fazer'." Ainda dizem que a vida *offline* não tem vantagens? Para as relações tem muitas, excepto para as que são à distância...

Quando volta a ligar o telemóvel ao fim de uma semana, Isabel percebe pelas mensagens que caíram e pelas (poucas) chamadas não atendidas que "não perdeu nada de especial". Hoje tenho a certeza de que não só não perdeu como até ganhou. Sobre os *emails* recebidos – quase 600 –, mais vale não comentar, é só a vida de um jornalista a acontecer.

O P2 Verão mergulha no arquivo do PÚBLICO para recordar histórias de outros tempos

Questionário Pós-Proustiano

LUÍS BARRA



Miguel Coutinho, administrador e director-geral da Fundação EDP

Miguel Coutinho
Surpreendo-me quase todos os dias com o descaramento e a leviandade



Que rede social mais usa? Já desistiu de alguma e porquê?
Uso o Instagram como uma espécie de intervalo para publicidade na minha vida. Nunca desisti das redes sociais, mas sei de quem já o fez e sobreviveu.
Já se arrependeu de alguma coisa que escreveu numa rede social? O quê?
Creio que nunca escolheria uma rede social para dizer algo de relevante.
Tem a noção de quantos ex-amigos tem? Cinco? Dez? Ou nunca se zangou com um amigo?
Deixo essa contabilidade para o dia do juízo final, se é que ele existe.
Qual é o elogio que menos gosta que lhe façam?
Que sou diplomata, bem-educado ou que tenho bom senso, qualidades que hoje estão fora de moda e cada vez mais longe de serem um cartão-de-visita.
Se pudesse viver no cenário de um romance literário, qual escolheria?
Gostaria de aterrar no jantar do Hotel Central, descrito por Eça de Queiroz em *Os Maias*. Acredito que o Carlos da Maia, o Dâmaso Salcede, o Tomás de Alencar e o João da Ega continuam por aí a zurzir na literatura, a anunciar o descalabro das finanças e a decretar a fatalidade da pátria. O jantar, que começa com uma discussão insanável, acaba com os convivas a caírem nos braços uns dos outros e a brindarem com champanhe. Mais de um século depois, não mudámos muito.
Fora de Portugal, qual é o lugar onde se sente em casa? E porquê?
Gosto de muitas cidades e, sobretudo, do momento em que parto para outro destino. Tanto que não sei se há um lugar a que possa chamar casa.
Qual o melhor conselho que lhe deram na vida?
Vive e deixa viver.
Em que situações se considera um "chato"?
Como qualquer hipocondríaco, tendo a expor aos outros o meu boletim clínico com demasiada frequência. Estou em processo de recuperação, mas ainda não tive alta.
Tem algum vício que gostaria de não ter? E um de que se orgulhe?
Sou viciado em pontualidade, o que me tem custado muitas horas de espera. Não gosto de esperar, mas orgulho-me de ser pontual.
Diga o nome de três portugueses vivos que admira (não vale a sua mãe nem o seu pai).
Rúben Amorim, treinador de futebol, porque sou sportinguista e acredito que o futebol pode ser digno, frontal e inteligente. José Manuel dos Santos, meu colega na administração da Fundação EDP, por tornar os meus dias de trabalho, nos últimos dez anos, mais desafiantes, divertidos e criativos. Tomás Moreira da Silva, meu afilhado de nove anos, por me fazer acreditar que o futuro pode ser melhor.
Já teve algum ataque de ansiedade? Em que circunstâncias?
Uma vez no metro, apesar de confiar nos transportes públicos.
E já se sentiu profundamente exausto? Foi *burnout*?
Exausto só com a estupidez e a ignorância. O *burnout* tem costas largas.
Se lhe pedissem conselhos para uma relação amorosa feliz, o que é que dizia?
Não gosto de dar conselhos. Cada um sabe de si e, francamente, não sei se alguém saberá de todos.
É vegetariano, *vegan*, faz alguma dieta especial? Porquê?
Ouvi muitas vezes essa pergunta por ser muito magro. Adoro comer e acredito que seria de muito mau tom excluir um bife, um cozido à portuguesa ou uma feijoada em nome de uma espécie de religião em que não acredito.
Qual foi o último filme que viu? E qual foi o último de que gostou?
Zona de Interesse, de Jonathan Glazer. Um filme inquietante sobre a banalização do mal e como ele pode conviver connosco, invisível e integrado na bucólica rotina das nossas vidas.
Qual o seu maior arrependimento?
Arrepender-me-ia seguramente de perder tempo a pensar no que não fiz.
Qual foi a última vez em que se surpreendeu?
Surpreendo-me quase todos os dias com o descaramento e a leviandade.

BARTOON LUÍS AFONSO



O silêncio de Marcelo e a descoberta do *email* desaparecido

O respeitinho não é bonito



João Miguel Tavares


DANIEL ROCHA

O caso das gémeas tem sido uma das novelas mais empolgantes da canícula, e na semana que agora finda teve dois interessantes desenvolvimentos. Em primeiro lugar, o Presidente da República recusou depor na comissão de inquérito e decidiu dar uma lição de Direito Constitucional aos deputados. Em segundo lugar, o *email* que dominou o depoimento de Maria João Ruela, e que durante a audição passou por três estados ontológicos distintos – existiu, não existiu e jamais poderia ter existido –, afinal existia mesmo e foi entregue à comissão. Vamos por partes.

Comecemos pela lição do professor Marcelo. Após longas semanas de dúvida sobre se o Presidente da República iria, ou não, depor à CPI, Marcelo respondeu que para já não vai e ninguém o pode obrigar a ir. O argumento é constitucional: o Presidente "não responde" perante "qualquer órgão ou instituição pública" pelo "desempenho do seu mandato". Donde, "não se encontra obrigado a pronunciar-se a solicitação desses órgãos ou instituições públicas", com a excepção do Supremo Tribunal de Justiça, nos termos da lei.

No final da comissão, acrescentou Marcelo, logo verá se vale a pena esclarecer alguma coisa ou não – e eu estou capaz de apostar que a opção será "não". Por duas razões. Em primeiro lugar, porque os partidos ouviram e engoliram. Com a excepção esperada do Chega, que acusou Marcelo de se estar a "escudar no povo que o elegeu", praticamente todos os outros consideraram a decisão "legítima", e não vão entrar em braços de ferro com Belém. Em segundo lugar, porque o próprio desenrolar da comissão está a afastar o caso de Marcelo e a redireccioná-lo para o possível interesse da seguradora brasileira em empurrar as gémeas para o SNS, com a ajuda de Nuno Rebelo de Sousa.

> **O Presidente da República vai safar-se disto, claro. Mas o verbo é mesmo esse – safar-se. E à justa**

As audições da equipa de Belém correram bem a Marcelo, o que não significa que tudo tenha sido devidamente esclarecido. Longe disso. E é aqui que entra o caso do *email* que dominou a audição parlamentar de Maria João Ruela. O momento mais tenso dessa tarde ocorreu numa troca de palavras entre André Ventura e a assessora de Belém acerca de um facto bastante relevante: em que momento, e de que forma, foi Maria João Ruela informada do caso das gémeas e convocada a participar no processo.

André Ventura perguntou pelo *email* com as ordens do chefe da Casa Civil a solicitar a sua intervenção. Maria João Ruela disse que esse *email* estava na posse da comissão. Ventura respondeu que não. Ruela disse que tinha de estar, porque o *email* estava à frente dos seus olhos. Ventura garantiu que não, e perguntou se Belém estava a esconder informação relevante à comissão. Ruela afirmou que nem pensar, que tudo o que existia tinha sido enviado. A partir daí passou a não se recordar como tinha recebido a ordem para tomar conta do caso. E foi então que, em tempo real, surgiu um comunicado da própria Casa Civil de Belém – oficial! – a afirmar que a ordem a Ruela tinha sido dada em papel.

E o que soubemos esta semana? Afinal, havia mesmo *email*. Após a audição, Ruela descobriu duas novas comunicações, que já enviou ao Ministério Público e à CPI, entre as quais a ordem para tratar do caso. Isso significa que a Casa Civil inventou um facto enquanto a assessora estava a depor em directo no Parlamento. E lá está: este é mais um detalhe que nem é excessivamente grave, nem suficientemente repousante em termos de transparência. Marcelo vai safar-se disto, claro. Mas o verbo é mesmo esse – safar-se. E à justa.

Colunista

jmtavares@outlook.com